

**OIM-IPORÃ-MA ORE-REKÓ**

**O I M - I P O R Ã - M A**

**O R E - R E K Ó**



FERNANDO STANKUNS DE PAULA FIGUEIREDO  
ORIENTADOR PROFº. DR. REGINALDO LUIZ NUNES RONCONI

**OIM-IPORÃ-MA ORE-REKÓ**

*TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO: REGISTRO E PROJETO GRÁFICO  
EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E OS GUARANI*

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA USP  
FEVEREIRO DE 2005

# SUMÁRIO

## O que esse livro contém

### [COMEÇANDO]

APRENDERAM QUE PRIMEIRO DEVEA-SE APRENDER	03
ÍNDIO, EM SÃO PAULO?!	05
A VIDA DOS GUARANI NOS TEKOÁ YTU E PYAÜ E SUA RELAÇÃO COM SÃO PAULO	07

### [EXTENSÃO]

O QUE É EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA?	15
---------------------------------	----

### [ARQUITETURA]

OÓ	29
NHA NHEMBOE'A	33
OPY	45
AGUAPEÚ	53
SANEAMENTO	59
QUAL FOI O PARTIDO ADOADO?	63

**[APRENDIZAGEM]**

PEGADAS NO BARRO, TRAÇOS NO CADERNO	77
PROJETO KURINGUÊ MAITY	85
CONHECI ALGUMAS ALDEIAS, NOVA CULTURA, NOVAS IDÉIAS	93

**[IMAGEM]**

REXAPA	97
--------	----

**[FINALIZANDO]**

DE TUDO FICARAM TRÊS COISAS	109
DEPOIMENTOS	112
A'EVETE	123
NHANDEPY	125
O QUE LI, PESQUISEI E RECOMENDO	126
CRÉDITOS	132
CONTATO	133
TÉCNICA	133





*“é preferível ter o espírito ardente, por mais que tenhamos que cometer mais erros, do que ser mesquinho e demasiado prudente. É bom amar tanto quanto possamos, pois nisso consiste a verdadeira força, e aquele que ama muito realiza grandes coisas e é capaz, e o que se faz por amor está bem feito.”*  
(VAN GOGH)

## **APRENDERAM QUE PRIMEIRO DEVIA-SE APRENDER**

### **Grupo interdisciplinar de extensão universitária Oim-iporã-ma Ore-rekó e comunidade indígena Guarani do Jaraguá**

***“um intercâmbio de saberes  
construído de forma respeitosa”***

---

Traduzir OIM-IPORÃ-MA ORE-REKÓ para o português faz parte de um amplo processo de aprendizado, do qual um grupo de estudantes – de Arquitetura, Ciências Sociais, Economia, Educação, Letras e Psicologia, da Universidade de São Paulo faz parte desde 1999, através de uma parceria com a comunidade indígena Guarani do Jaraguá, constituída pelos Tekoá Ytu e Tekoá Pyäü, localizada na região noroeste do município de São Paulo.

Estudantes de arquitetura, inclusive eu, iniciaram esse relacionamento que já dura seis anos, período que puderam realizar alguns projetos. Gradualmente, adquirida a fundamental confiança dessa comunidade, importantes lições foram recebidas sobre a arquitetura, a cultura e o modo de vida Guarani.

Desde então o aprendizado tem sido grande e as indagações idem. Contatos com conhecedores de temas afins foram feitos, e mais alunos, de diversas áreas do conhecimento, foram se juntando num processo que teve como prioridade antes de qualquer execução o conhecimento dessa comunidade.

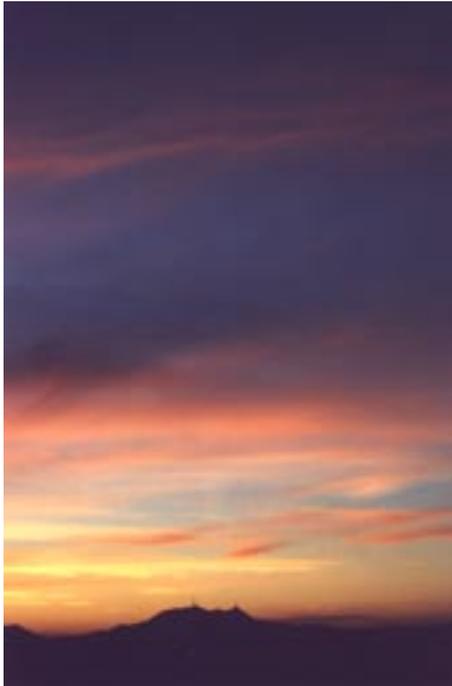
Tanto dentro do grupo de extensão, como principalmente a partir da comunidade, muitas idéias e projetos nasceram: acompanhar de perto as atividades da Escola recém inaugurada, cuja construção estivemos diretamente envolvidos; realizar um vídeo documentário; aprender com a Educação Tradicional Guarani; observar a construção de habitações por órgãos públicos; aprender com a Construção Tradicional e trabalhar em alguns projetos ligadas à Cultura, além da discussão de diversas temáticas que afloraram nesse tempo, tais como o uso da nova Escola; formas de auto-sustentabilidade; as políticas públicas para as populações indígenas; as políticas culturais; as educacionais e habitacionais entre outras.

Confesso que nessa história – como certa vez escreveu muito bem nosso amigo Amilton – *“um intercâmbio de saberes construído de forma respeitosa entre uma comunidade indígena Guarani e um grupo interdisciplinar de estudantes universitários”*, caminhamos muito mais que poderia imaginar lá no início. Fruto da amizade que se formou, imprescindível para esse resultado, levamos adiante muitos sonhos, os quais ainda nos fazem caminhar e ter a vontade de seguir mais longe.

*“O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro. É bom lembrar com Merleau-Ponty que o tempo da lembrança não é o passado mas o futuro do passado.”*  
(ECLÉA BOSI)

# ÍNDIO, EM SÃO PAULO?!

## Trabalho final de graduação: Registro e projeto gráfico da experiência



Não foi só uma vez que me deparei com essa espantada pergunta ao iniciar a explicação do que se trata esse tal de grupo ou projeto interdisciplinar de extensão universitária OIM-IPORÃ-MA ORE-REKÓ.

Acreditando na qualidade das discussões acontecidas, da riqueza do conhecimento adquirido, da relação que o projeto tem com a Universidade, além da importância para a formação do estudante universitário assim como foi para mim, proponho como trabalho final de graduação um registro e um projeto gráfico que busque organizar o material produzido, relate o processo de trabalho, apresente os projetos realizados, debata e reflita um pouco de toda essa experiência.

É a memória de um trabalho envolvente e apaixonante, não de uma só voz, mas que representa diversos estudantes que fazem ou já fizeram parte dessa processo.

Afastado de qualquer pretensão de elaborar um texto com o nível literário que a história merece já que não sou escritor, propus e aceitei esse desafio justamente por muitas vezes me ver envolvido com perguntas incrédulas como a do início, por perceber como a maioria dos estudantes universitários não vislumbra um outro caminho, complementar nesse ciclo de sua formação e ainda, acredito eu representando o inconsciente coletivo de meus companheiros, pela vontade de desvendar essa história aos olhos de muitas outras pessoas.

Nunca tive caderno de campo, ou seja, nunca foi minha nem dos demais participantes a intenção de constituir ao longo do tempo uma pesquisa etnográfica. O relato a seguir é gerado pela memória desses atores envolvidos, auxiliado por eventuais materiais de apresentação preparados para aulas nas faculdades, congressos, seminários e alguns relatórios, e pelas atas de reuniões, e tem o desejo de ser pelo menos uma amostra de toda essa aprendizagem.

***“memória de um trabalho  
envolvente e apaixonante”***

*“Se tiver que passar de, mais ou menos, 20 m de largura de um rio, a gente passa nadando, não precisa de fazer ponte para você poder passar. Se for para um índio ele não faz isso. Se é para o juruá ele vai quebrando tudo, derrubando madeira, derrubando morro, pedra... isso aí é uma agressão.”*  
(TUPÃ MIRIM)

Ao lado, exemplo de construção residencial no Tekoá Pyaü. A área desse setor da aldeia, embora contenha muito verde, praticamente é dominado por eucaliptos, árvore não nativa que prejudica o solo para plantio, em área já extremamente diminuta (a reserva demarcada total conta com apenas 1,75 ha para cerca de 50 famílias).



# A VIDA DOS GUARANI NOS TEKÓÁ YTU E PYAÜ E SUA RELAÇÃO COM SÃO PAULO

**Contexto das aldeias Tekoá Ytu e Tekoá Pyau na cidade de São Paulo. Dificuldade e resistência dos Guarani que ali vivem.**

1 É provavelmente a menor reserva indígena do mundo, com menos de dois hectares e uma população de cerca de 50 famílias, circundada por uma área metropolitana de quase 20 milhões de habitantes.

2 Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Inês Ladeira, antropóloga e integrante do CTI, trabalha com os Guarani há muitos anos. Há uma relação de publicações com o seu trabalho em “*O que li, pesquisei e recomendo*”, página 126.

## Contextualização

Como forma de contextualizar o trabalho e dar sentido às ações do Oim-iporã-ma Ore-rekó, dedico esse espaço aos Tekoá Ytu e Pyaü<sup>1</sup>. A primeira idéia era que este poderia ser um espaço onde os Guarani pudessem contar sua história, a história das aldeias e como vivem nelas. Um espaço que seria deles, de suas vozes. Conversamos com Verá Mirim, Tupã Mirim, Tupã, Karáí Tataendy e Xeramõï, pessoas que, de perto, acompanharam nossos aprendizados nas aldeias, que nos receberam e se dedicaram a nos ensinar, testemunhando nosso percurso. No entanto, quando eu e outros estudantes do grupo, em especial Daniela Morita Nobre, a Lela, propomos isso, eles nos sugeriram a elaboração de um texto com o que aprendemos também, considerando o quanto nós conhecemos a vida da comunidade. Essa confiança com as nossas palavras fez com que eles não sentissem a importância, nesse momento, de trazer o olhar deles. Este texto, portanto, é o resultado de conversas e reflexões do grupo realizadas em momentos e formas diferentes.

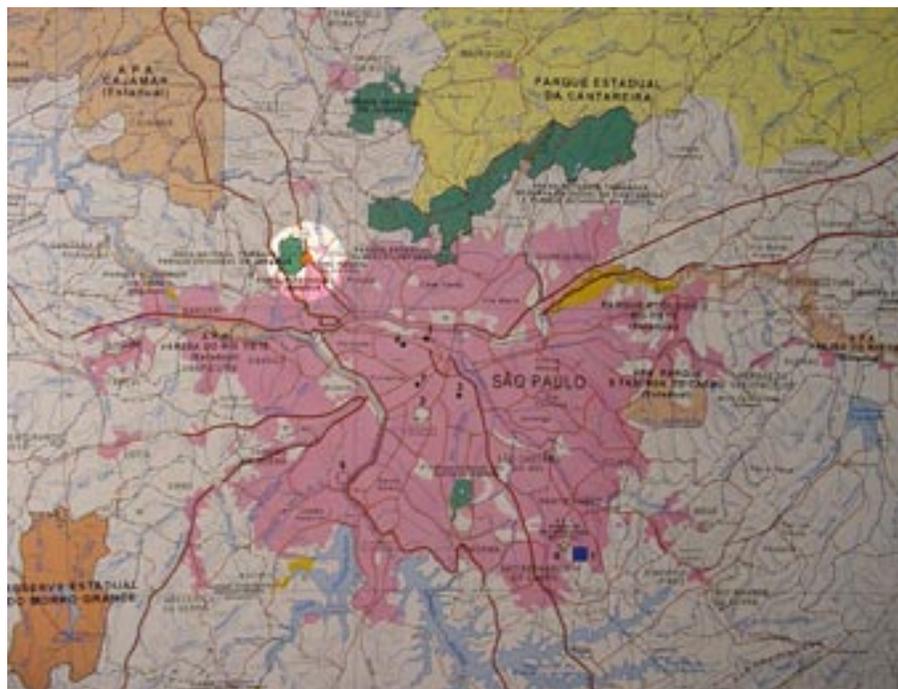
As aldeias - Ytu e Pyaü - estão localizadas na região noroeste da cidade de São Paulo, próximas ao Pico do Jaraguá. Segundo dados fornecidos pelo Centro de Trabalho Indigenista – CTI, a terra indígena que compreende estas aldeias tem aproximadamente 1,75 ha. O Tekoá Ytu foi demarcado em 1987, porém a Pyaü ainda está em processo de homologação sendo que sua demarcação estava prevista para 2004, o que não ocorreu, esperando-se que ainda aconteça em 2005. O tamanho extremamente pequeno provoca grandes dificuldades para a vida dos Guarani que lá residem, como foi por eles colocado a nós tantas vezes. A Prof<sup>a</sup>. Maria Inês Ladeira<sup>2</sup> ressalta a singularidade destas aldeias: ela apresenta uma complexidade significativa, não só pela sua organização social, como também pela sua inserção no contexto urbano. A relação dessas aldeias com a cidade de São Paulo é intensificada a cada ano. O crescimento acelerado da cidade resultou na ocupação dos espaços ao redor das aldeias, transformando significativamente o ambiente desta região. Se antes eram relativamente afastadas do meio urbano, hoje podemos considerá-las inseridas nele. As transformações da cidade de São Paulo foram acompanhadas pelos olhares e experiências dos Guarani que há muitos anos vivem nesta região, transformações estas que apresentaram também um grande reflexo no seu modo de viver.

Cada visita realizada é uma grande aula. Como se nos afastássemos momentaneamente de uma das maiores metrópoles do mundo e o tempo da “cidade que não pára” desse lugar ao tempo da conversa pausada e respeitosa, o tempo da transmissão oral de aprendizado. Sentados sobre uma pedra ao lado de alguma das cerca de trinta casas, sob uma sombra verde, ou em um banquinho de madeira dentro da casa de reza, ao lado da fogueira, tomando mate e envolvidos pela fumaça de seus cachimbos, podemos observar as crianças brincarem tranquilamente e simultaneamente conversar sobre algum projeto em andamento, sobre mais alguma etapa de trabalho, mas principalmente sobre a vida, reflexões do modo de ser *jurua\** e Guarani.

### **Dificuldade e resistência**

Aprendemos com a emocionada Dona Jandira, cacique do Tekoa Ytu e matriarca da família, que com seu falecido marido Joaquim chegara a essa área cerca de 50 anos atrás a dificuldade que seus filhos e netos, alguns casados com não indígenas, têm em falarem Guarani, e a força ao afirmar que independentemente da língua são e sempre serão Guarani.

Com Sebastião Karai Tataendy, líder espiritual que veio do Paraná para cá há oito anos, nosso grande professor, aprendemos a importância da fé, de ter e carregar sempre consigo *Nhanderu\** no coração e de se trabalhar muito. Importante parceiro e orientador em diversos projetos realizados, relatados mais adiante, recentemente partiu de volta à sua aldeia natal, no Paraná. Em visita por ocasião do *avaxi*



\* *jurua*: termo para designar não indígenas

\* *Nhanderu*: nosso pai primeiro, o criador

\* *Avaxi Nheemogaraí*: batismo do milho



Nesta página, fotografia de satélite mostrando a Grande São Paulo (em roxo). Na página anterior, mapa representando a mesma Grande São Paulo, com principais vias de acesso. Em destaque (círculos mais claros) a localização da aldeia do Jaraguá (Tekoá Ytu e Pyaü), já praticamente parte da grande mancha urbana. Sem escala

***“importante a pessoa é ter boa saúde. Pra minha família, pra mim, pra mim é o que mais vale. Não só pra mim, pra você também”***

---

*nheemogaraí\**, em janeiro de 2005, conversamos bastante: “Lá onde a gente tá morando, como eu falei, a gente vive não muito longe, uma parte, e na minha opinião, importante a pessoa é ter boa saúde. Pra minha família, pra mim, pra mim é o que mais vale. Não só pra mim, pra você também. Você pode ter tudo na vida, não faltar nada, mas tá ruim de saúde... não adianta nada. Importante ser humilde e você ter bom saúde. Isso sim! Isso que eu falava. Pessoa vai pensar assim, ‘saiu daqui, deixou a casa bonita, tudo, alimentação, todas coisas’, mas mesmo assim, preferiu assim... ter bom saúde, saúde. Pra minha família. Lá planta coisinha. Guarani, nós Guarani Deus fez assim, plantar. Tem parte, cuidar da família. Espaço pra criançada...” Se ele achava que o juruá deveria cuidar melhor do mundo: “Acho que sim, mas não do mundo, de alguma parte né... como Guarani, cuidar mais da terra, porque acontece aí muita judiação na mata, rio, na água... então vai ser bem castigado, tá acontecendo em alguns lugares, as pessoas não sabem porque tá acontecendo mas Graças a Deus pra nós não, onde vive índio, Guarani, não acontece essas coisa... Mas tem que ter fé... Agora por causa de umas pessoas, destrói a mata, a mata também tem dono... Deus castiga, então chove, cai casa, morre afogado, chove demais, água pra todo lado, as pessoas não sabem porquê, Ele que fez, Deus não escolhe, é o branco, então... Isso que eu falo... A juruazada pensa mais em dinheiro, vê a mata, vê madeira, a terra, só pensa em dinheiro. A mata derruba, faz lenha, água, então... mata... por que que lá na minha aldeia não tem quase mata assim fechada? 40 anos, 50 anos tem, mas mata mesmo... Tem mas é longe... tiraram tudo os pinheiros, por que tiraram tudo? Mais de cem

*anos. Tiraram quando não era marcada, não era reserva. Já vou fazer 56 anos agora, desde criança, não tinha marcação ainda, já estava desmatado. A marcação deve ter uns 40 anos, não sei, era criança... Tão difícil pra marcar terra, tinha muito fazendeiro, lavradores... nós perdemos naquela aldeia quatro pessoas, que os fazendeiros mataram, quatro... aconteceu muito em outras aldeias..."*

Já o Tekoá Pyaü foi formado recentemente, há aproximadamente 6 anos<sup>3</sup> quando outro grande líder espiritual Guarani, o xeramõi José Fernandes, veio morar no espaço adjacente ao Tekoá Ytu, separado apenas por uma rua. Esta divisão à primeira vista é marcada pela configuração espacial, uma vez que uma via separa o espaço em dois. No entanto, uma análise mais cuidadosa nos traz uma complexidade de elementos, principalmente relacionados à história dessas aldeias – que se apresentam de forma diferentes, e à organização social dos Guarani. Nos coube desde o início, respeitar essa forma de organização.

Com a chegada de José Fernandes, muitas famílias Guarani de outras aldeias vieram morar perto do Parque do Jaraguá, trazendo consigo uma nova casa de reza, muita sabedoria e muitos projetos em vista.

Alísio Gabriel Tupã Mirim falou sobre o viver Guarani dessa comunidade, nestas duas aldeias, e sobre as dificuldades que enfrentam, sobre as dificuldades em viver em uma aldeia tão pequena e inserida em um contexto urbano, sem espaço para plantarem, sem rio para pescarem ou área para



<sup>3</sup> Existem estudos em andamento demonstrando ser a área um sítio sagrado, ocupado há muito tempo pelos Guarani.

***“Às vezes eu fico pensando na minha vida própria. Aí eu vejo que estou com os olhos vedados, com o braço amarrado”***

---

*caçarem: “Às vezes eu fico pensando na minha vida própria. Aí eu vejo que estou com os olhos vedados, com o braço amarrado. Porque nós temos o trabalho de artesanato, que é produção de arco e flecha, de leque, de colar, essas coisas assim. Mas a gente vende muito pouco, não dá para a gente sobreviver. Cada vez, cada ano que passa, menos que a gente vende. Então o que a gente tem que fazer: nós temos uma cultura diferente. Nós temos um trabalho de artesanato, que sempre a gente fez. Então já que não tem aquela venda que vem para a comunidade, então nós temos que partir para outra”.*

Neste trabalho, aprendemos também que ao mesmo tempo em que eles vivenciam tantas dificuldades, têm uma grande capacidade de resistência e criação. Em um final de tarde na casa de reza, ouvindo as crianças cantarem em Guarani, que todo dia se repete, Tupã Mirim nos disse: *“Nós estamos vivendo hoje é porque nós acredita em Deus. Nós, a comunidade indígena, ela, ela tem proteção do nosso Deus. Eu acredito assim. É por isso que nós estamos vivendo até hoje, É por isso que nós estamos vivendo até hoje, desde o descobrimento do Brasil, até hoje nós temos nossa comunidade. Algumas comunidades já perdeu. Mas perdeu porque, porque espaço não teve mais para a comunidade. A maioria teve, o não-indígena dominou tudo então não teve mais espaço para a comunidade indígena. Então perdeu a cultura, costumes e a língua. E a nossa cultura Guarani, nós acredita em Deus e por causa disso que nos vivemos até hoje. Mas muitas, muitas e muitas coisas a gente não pratica mais, como caçar de arco e flecha, natação, e outros tipos de costumes não temos mais como praticar, por causa de espaço, por causa do... por causa que o branco tomou tudo o que era nosso. Então hoje em dia a gente vive assim, nessa situação. Em um espaço pequeno, em uma comunidade que não tem como fazer artesanato, não tem como fazer outros tipos de trabalhos para sobreviver”.*

***“a religião Guarani significa para esses índios a própria condição de sobrevivência num mundo super povoado pelo brancos”***

---

Prof<sup>a</sup>. Maria Inês Ladeira escreve em sua dissertação de mestrado sobre a resistência dos Guarani: *“A partir da convivência com os Guarani Mbya pudemos perceber uma valorização crescente dos preceitos religiosos. Entendemos que a religião Guarani significa para esses índios a própria condição de sobrevivência num mundo super povoado pelo brancos, uma vez que ela contém os ensinamentos sobre convivência, tolerância e estratégia. Por outro*

lado, essa forma de sobrevivência encontrada pelos Guarani se apóia no fato de que a religião se constitui no fator decisivo de diferenciação étnica e se reforça, cada vez mais, na medida em que se diluem, ao nível do cotidiano, as diferenças de hábitos, especialmente os que se referem à dieta alimentar”<sup>4</sup>.

## Futuro

Tupã Mirim quando falava sobre as dificuldades, apontou também alguns caminhos a seguir: “Então a idéia nossa que nós teve, de fazer uma associação indígena, e também de fazer um tipo de trabalho comunitário para que a gente possa vender na sociedade não-indígena, a quem interessa, para a gente conseguir, para a gente trazer um pouco de renda para a comunidade indígena. Então é por isso que a gente tem que fazer um trabalho, um projeto, como o projeto Kuringuê Maity<sup>5</sup>, para ver se a gente possa fazer alguma coisa. Nós vamos fazer uma horta, como fala... uma horta tradicional, uma plantação assim de árvores, de árvores frutíferas e também de medicamentos. E em uma outra parte vai ser de hortaliças”.

Assim, acompanhamos as diferentes formas de organização destas comunidades para melhoria da qualidade de vida segundo seus valores e concepções. A força com a qual eles se dedicam a essa busca, que podemos vivenciar quando Verá Mirim passa uma tarde inteira nos mostrando a importância de cada planta ainda tão pequena e de aparência frágil, na horta espalhada pela aldeia, pelas palavras cheias de sabedoria do Pedro ou ainda acompanhando Evandro em alguma viagem a outra aldeia Guarani, é fonte de grande aprendizado para nós.

Na página ao lado, a partir do Pico do Jaraguá, em primeiro plano (a mancha escura) se vê a área do Parque Estadual do Jaraguá. *Em laranja, indicada pela seta vermelha*, a aldeia do Jaraguá, vizinha da Rodovia dos Bandeirantes. *Ao fundo*, a grande mancha urbana (cinza), São Paulo.

4 (LADEIRA, Maria Inês, *dissertação de Mestrado*, 1992. Página 12)

5 Um dos projetos idealizados pela comunidade e que tivemos a felicidade de acompanhar desde o início, em 2002, sendo parceiros em sua elaboração, obtenção de recursos junto ao Poder Público e execução, particularmente explicado mais adiante.



*“Para mim, desde o 2º, 3º ano de escola foi um grande, enorme contraste ver como era produzida a arquitetura: o nosso desenho, teoricamente quase sempre carregado com as melhores intenções, intenções sociais abertas e muito bonitas, chegando do outro lado, era realizado nas piores condições que se possa imaginar. A exploração do trabalho, a miséria dos trabalhadores era gigantesca, escandalosa como é até hoje, aliás. Isso quebrava um pouco o nosso sonho de arquiteto, a nossa esperança de arquiteto, o arquiteto transformando a sociedade, a visão social do arquiteto que, naquele período agitado dos anos 60, eram constantemente debatidos aqui na escola, ou melhor, na rua Maranhão.”*  
(SÉRGIO FERRO)

Ao lado, capa do portfólio do LabHab gfau, núcleo de extensão universitária dos alunos da FAU USP, feito em 2000, que mostrava alguns projetos realizados pelos estudantes, dentre os quais o “projeto dos índios” que tornaria-se mais tarde o Oim-ipurã-ma Ore-rekó



## O QUE É EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA?

**1999, estudantes da FAUUSP iniciam relacionamento com os Guarani.**

**2001, um novo grupo surge, interdisciplinar: o Oim-iporã-ma Ore-rekó**

***“a chance de experimentar, acertar e errar durante a formação”***

---

<sup>1</sup> Como podemos lembrar ao visualizar o portfólio feito da época, ao ler livro de atas e graças às recordações de participantes do período, tais como Alladim, Andrei, Camila, Carol, Chico, Débora, Denise, Fernando, Isadora, Fernanda, Lucimeire, Luis, Pablo, Tarsila, William entre outros.

### LabHab gfau

Este relacionamento com os Guarani e a execução desse projeto teve início em março de 1999, como parte das atividades do LabHab gfau. O LabHab gfau – Laboratório de Habitação dos estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – reiniciado em 1997 e atuando dessa forma por alguns anos, partiu de uma vontade dos alunos de completar sua formação acadêmica através da extensão universitária. Acreditava-se que o ensino de arquitetura não podia estar afastado do processo de construção do ideal desenhado e não podia ignorar a existência do canteiro de obras nem as relações sociais que o compõem<sup>1</sup>.

Reconhecendo a função social da arquitetura, o LabHab atuava de forma mediada com a sociedade civil organizada de modo que estudantes e professores podiam através da extensão universitária aplicar e enriquecer o conhecimento da atual produção da universidade pública. A importância dessa atuação é reforçada pelo conhecimento da atual situação de nossas cidades, onde a carência de arquitetura e a precariedade habitacional decorrem da existência de um mercado formal restrito.

Portanto, era propondo uma discussão de questões não tratadas em sala de aula que nos colocava diante de problemas concretos advindos de situações reais. Era a chance de experimentar, acertar e errar durante a formação; construía-se o conhecimento apoiado no ensino, pesquisa e extensão, onde cada pensar leva a um fazer e cada fazer a um novo pensar.

O caminho seguido foi sempre o mais sonhador possível, e se a falta de experiência ou excesso de teimosia dos alunos – principalmente enfrentando problemas organizacionais ou mesmo burocráticos, por um lado pode ter sido um empecilho para a continuidade ou avanço de alguns projetos, sempre houve um equilíbrio e isonomia entre os participantes, já que não havia papéis atribuídos de coordenação, chefia ou algo parecido, mesmo quando da participação de professores orientadores, que ocorria informalmente, e nos “princípios” de projeto – que era justamente ser capaz de contribuir para a formação e dar visão prática a muitas teorias – sempre de forma crítica. Era um desejo que a discussão sobre a extensão, dessa forma como atuávamos, fizesse parte sim da Universidade, do ensino formal, não só

do curso de Arquitetura, como dos demais cursos da USP, seja contando créditos para alunos, pontos para os professores ou verba que viabilizasse a realização dos projetos entre outros. Apesar da maior parte do tempo esses alunos não receberem salários nem bolsas pelos projetos realizados pelo LabHab, jamais poderia ser considerado como trabalho voluntário, termo muito em moda nesses últimos anos, já que essa atuação gratuita (seja em termos financeiros seja em créditos universitários) não era uma opção dos estudantes. Lutava-se justamente para que ocorresse de forma inversa. Nem tão pouco deveria ser chamado de assistencialista, pois o objetivo era e é a troca de conhecimentos, uma via de mão dupla entre o que ocorre do lado de cá do muro e com o do lado de lá<sup>2</sup>.

Inicialmente as reuniões entre os cerca de trinta estudantes participantes do LabHab e algumas vezes convidados que quase sempre eram professores<sup>3</sup> ocorriam às 3<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> feiras, na hora do almoço, quando se discutiam os projetos em andamento. Aconteciam nessa época projetos como o da Creche Oeste, o Parabolóide Hiperbólico, São Remo, entre outros. Durante o ano de 1999, conforme foi se intensificando o ‘projeto dos índios’, como este era conhecido, criou-se um grupo de trabalho extra, que se reunia mais uma vez semanalmente e que também realizava visitas periódicas. Com o final do ano letivo e a execução do projeto executivo da escola, que tratarei mais adiante, houve uma sensível diminuição do número de integrantes do grupo responsável pelo ‘projeto dos índios’. Mesmo o LabHab gfau, a partir de 2000, com seus diversos grupos de trabalho e atuando de forma um pouco mais fragmentada, passou a discutir a relação entre os diversos projetos, seu papel real para os estudantes e mesmo a atuação do laboratório em si. Discutia-se entre outros temas a possibilidade, nunca efetivada, de sua institucionalização perante a Universidade, já que se constituía informalmente, ao contrário dos chamados escritórios modelos de outras faculdades de arquitetura

***“jamais poderia ser considerado como trabalho voluntário, nem assistencialista”***

---

<sup>2</sup> Há alguns anos a Cidade Universitária de São Paulo, principal campus da USP, onde se encontra a FAU e a maioria das unidades desta universidade encontra-se murada, com acesso parcial e restrito, sendo inclusive fechada para extra-comunitários aos finais de semana. Poderíamos fazer uma analogia do que às vezes pode ocorrer entre o conhecimento aqui produzido (na academia) e a sociedade na qual se insere (ou deveria).

<sup>3</sup> Alguns nomes estiveram sempre presentes nas discussões do LabHab gfau, sendo de fundamental importância e referência nomes como o dos professores Reginaldo Ronconi e Jorge Oseki.



Um grupo interdisciplinar de extensão universitária estava formado. Eram alunos das Biomédicas, Veterinária, Psicologia, Letras, Educação, Ciências Sociais, História, Arquitetura, Geografia. Houve uma grande afinidade, e ao mesmo tempo que se recebia informações dos passos já dados, conversava-se com professores conhecedores da temática abordada, como Reginaldo Ronconi, que nos presenteou com uma bela conversa sobre extensão, Carlos Zibel, que nos deu aula sobre a cultura e arquitetura Guarani e Maria Inês Ladeira, sobre a vida Guarani e sua luta. Programamos junto com a comunidade as primeiras visitas e muitos sonhos surgiram.

O primeiro deles: construir um projeto maior, interdisciplinar, que alcançasse um objetivo lá adiante, projeto a ser construído junto com a comunidade, de forma participativa. Dentro desse sonho, a intenção de ser reconhecido oficialmente pela USP, que possui em sua estrutura uma Pró-reitoria especialmente dedicada ao tema, a de Cultura e Extensão Universitária (PRC), porta por onde entram hoje na Universidade tudo que não é pesquisa nem graduação, inclusive os muito discutidos cursos pagos, e o caminho foi a elaboração de um Projeto enviado ao Fundo de Cultura e Extensão dessa Pró-reitoria (FCEX).

As discussões ocorridas desde 1999 sempre apontaram que aquele não era um simples projeto habitacional, mas a semente de um projeto maior, de temática grande e multidisciplinar que ainda viria a ser descoberta<sup>4</sup>.

Antes de fazer qualquer projeto, fomos conhecer a comunidade, fazendo visitas e conversando muito: nos tornamos amigos. Só então em setembro de 2001, com os cerca de quinze alunos que compunham o grupo, escrevemos um projeto e enviamos para o FCEX. A princípio o projeto não foi aprovado - fora alegado que era de pesquisa, mas logo em seguida o reapresentamos, tendo sido finalmente aceito no início de 2002 para vigência naquele ano. O projeto foi contemplado pelo período de quatro meses (junho a outubro), sendo renovado posteriormente por mais quatro meses (novembro de 2002 a fevereiro de 2003)<sup>5</sup>. Constituiu-se, quando da elaboração do plano, basicamente em um *“levantamento sistemático das diversas formas de apropriação do espaço e dos equipamentos ligados às edificações, idealizadas pela comunidade da Aldeia Tekoá Ytu e elaboradas pelo LabHab gfau, existentes na*



Reunião semanal do Oim-ipurã-ma Ore-rekó, esta em sala de aula da FAU USP, com estudantes participantes de várias faculdades

4 Discussões registradas no livro de atas do LabHab gfau, que está no gfau.

5 Responsáveis pelo projeto: Alda Regina Bueno Minioli, Amilton Pelegrino de Mattos, Ana Carolina Comin Vargas, Daniel Ramos La Laina Sene, Daniela Morita Nobre, Fernando Stankuns de Paula Figueiredo, Gustavo Marchetti, João Pedro Javera, Leslie Loreto Mora González, Rodrigo Mendes de Souza.

Colaboradores: Adriana Marcondes Machado; Adriana Queiroz Testa; Ana Vera Lopes da Silva Macedo; Associação Ambá Verá; Denise Monteiro de Castro; Eloisa Riva Moura; Marcos Ferreira dos Santos; Maurício Bittencourt; Tekoá Pyaú; Tekoá Ytu.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Zibel Costa.

\* *opy*: Casa de Reza

6 Consta no Projeto enviado pelo grupo ao FCEEx em setembro de 2001 e reapresentado pouco depois.

7 Está presente no Relatório Final entregue a FCEEx, entregue no início de 2003.

8 *O Núcleo de Ação pela Cidadania (NAC)* é um núcleo que reúne diversos projetos de extensão universitária realizados por alunos do Instituto de Psicologia da USP. Essa articulação é feita através da troca de experiências e aprendizados entre estudantes de psicologia que apresentam atuações diversificadas. Essa troca tem contribuído ao intercâmbio de informações, ao questionamento dos avanços e dificuldades presentes em cada projeto, bem como à reflexão do compromisso social da psicologia.

9 Alguns participantes desse período: Alexandre, Ana Carolina, Ana Clara, Camila Saraiva, Carol Jaú, Carol Zul, Daniel, Daniel Nobre, Daniel Sene, Débora, Diogo, Fernando Figueiredo, Gabriela, Gil, Isadora, Joca, Júlio, Leonardo, Leslie Loreto, Letícia, Lílian, Luiz, Marcela, Marcella, Maria, Mariana, Michel, Myriam Francisco, Paloma, Paulinha, Rafael, Renata, Renata Carla, Renata Gonçalves, Rodrigo, Tarsila, Tatiana Nobre, Vanessa, Wagner.

10 <http://br.geocities.com/labhabgfau1>

11 Debate está registado em vídeo e também com fotografias. O vídeo, disponível em VHS, faz parte do acervo do Oim-ipurã-ma assim como a publicação do LabHab, desse período. Ambos são acessíveis.

*comunidade do Jaraguá: Escola de Educação Indígena Guarani, Casa Guarani, banheiros feitos pela FUNASA*<sup>6</sup>. Porém, conforme própria avaliação do grupo ao término da vigência das bolsas (mas não do trabalho), “(...) [as] atividades que se desenrolaram desde o momento em que escrevemos o projeto até o dia de hoje se distanciaram um pouco dos objetivos apresentados inicialmente, mas por outro lado de fato condizem com o trabalho de Extensão Universitária desenvolvido com a comunidade Guarani Tekoá Ytu. Após aproximadamente um ano de trabalho desde que foi escrito o primeiro projeto enviado ao Fundo consolidamos uma visão de Extensão Universitária que tem nos guiado para atuar com ampla aceitação e participação da comunidade”<sup>7</sup> salientando sempre dois caracteres importantes do trabalho, ser participativo e aproveitar o momento que a comunidade se aproxima e se interessa por certo tema, o que levou o grupo a seguir três linhas principais à época: educação; construção tradicional da nova *opy*\* e; da produção de um vídeo documentário, que poderão ser melhor entendidas no decorrer do texto.

O Oim-ipurã-ma também fez parte do NAC<sup>8</sup> a partir de 2001, contando com alguns integrantes em comum. A partir de 2002, o labhab gfau<sup>9</sup>, já bem mais fragmentado, mas contando com a nova força de estudantes com muita vontade de trabalhar ingressantes na Faculdade nos anos subsequentes à reativação do laboratório, pretendeu revolucionar-se. Essa divisão, que tinha como frutos diversos subgrupos, tais como Anita Garibaldi, Cohab Raposo Tavares, Presidente Wilson e o Oim-ipurã-ma Ore-rekó, quis de novo uma unidade, ao menos para discussão. Organizou-se uma publicação, criou-se um *website*<sup>10</sup>, fez-se uma exposição, foram promovidas visitas dos alunos interessados aos respectivos locais dos projetos e alguns debates na FAU, que abordavam a temática de cada núcleo. Alunos da FAU, não só do LabHab, visitaram a aldeia e tiveram um pequeno contato com a comunidade. Depois na FAU foi realizado um debate<sup>11</sup> do qual fui mediador, com a presença de membros do Oim-ipurã-ma, representado pelo Amilton Pelegrino, da aldeia (a professora Poty Poran e Sebastião Karáí Tataendy) e da antropóloga Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Inês Ladeira. Ainda laboratório de extensão, havia contribuição recíproca entre o Laboratório e o Oim-ipurã-ma Ore-rekó.

O LabHab tinha uma pequena verba por ser um núcleo do gfau, grêmio dos alunos da Faculdade, que por sua vez recebe dinheiro proveniente principalmente do aluguel do espaço denominado 'museu', um pavimento no prédio da FAU na Cidade Universitária ao serviço de fotocópias, lanchonete, papelaria e banca de livros. Quando precisávamos recebíamos uma pequena verba que era utilizada principalmente para o combustível, e posteriormente quando os alunos do Oim-iporã-ma receberam bolsas do FCEX, estes contribuíram para compra de impressora e *scanner*, localizados no espaço do gfau disponível a outros alunos.

Com o projeto aprovado pelo FCEX em 2002, o Oim-iporã-ma Ore-rekó ganhou de certa forma maior liberdade para sonhar e também uma autonomia já que contava pela primeira vez com pequena verba própria. Depois de muita discussão, foi criado um fundo comum, a partir das bolsas individuais de cada estudante bolsista, gerenciado por todo o grupo. Fundo que pretendia dar força ao grupo, mas não esquecer o caráter público do trabalho. Haviam reuniões semanais, as chamadas gerais, mais as extras devido ao trabalho que surgia fruto dos projetos e discussões de educação, de fotografia, de vídeo, além das conversas e dos contatos que fizemos com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI), com o Instituto Sócio Ambiental (ISA), com pessoas ligadas ao Ministério da Educação (MEC) etc. Conversamos também com professores de outras unidades da USP, como o Marcos Ferreira<sup>12</sup> e fizemos atendimentos com a psicóloga Adriana Marcondes<sup>13</sup> e com o Prof<sup>o</sup>. Carlos Zibel, orientador do grupo.

Em 2003 novo projeto<sup>14</sup> foi enviado para o FCEX para continuidade do trabalho, tendo sido vigente no segundo semestre daquele ano (agosto a dezembro de 2003). Seguimos esse caminho relativamente burocrático por acreditarmos na Universidade Pública, ou melhor, em seu caráter essencialmente público.

A discussão sobre extensão universitária nunca cessou, mas a partir de 2003 o laboratório de habitação dos alunos da FAU passou a se denominar de militância, com considerável mudança em suas ações. A integração entre LabHab gfau e Oim-iporã-ma passou a ser mais pelo fato de existirem alguns estudantes comum entre os dois grupos do que pela forma que cada um se constituía. A partir de 2004, mesmo um acompanhando a discussão do outro e dos laços de amizade entre os grupos, essa relação formal praticamente não mais existia.

12 Marcos Ferreira Santos trouxe questionamentos importantes sobre diversas formas de educação. O professor falou sobre os limites da educação formal no contexto indígena. Dessa forma esta serviria mais para a instrumentalização da organização política dessas comunidades do que como um sistema de educação diferenciado em que estes grupos poderiam veicular sua cultura. Isso demonstraria os limites da penetração da educação formal na cultura Guarani. Em 2003, Marcos Ferreira Santos foi professor visitante e fez seu Pós-Doutorado na Universidade de Deusto na Espanha. O tema de sua pesquisa foi sobre a educação dos povos ameríndios e seu universo simbólico.

13 Adriana Marcondes Machado, Psicóloga do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia – USP, acompanhou o desenvolver do nosso trabalho, através de encontros periódicos. Adriana apresentou-nos uma perspectiva importante do nosso trabalho por partir de um olhar diferente do nosso (envolvidos no cotidiano das atividades). Ela trouxe questionamentos importantes sobre o sentido do nosso trabalho, os objetivos que estabelecemos e os caminhos que percorremos. Contribuiu à reflexão da relação do grupo com a aldeia, bem como dos conceitos que atravessam nossas perguntas e relatos, muitos deles, encobertos até então.

14 Responsáveis: Amilton Pelegrino de Mattos, Daniel Ramos La Laina Sene, Daniela Morita Nobre, Luiz Gustavo Gonçalves, Eloisa da Riva Moura Colpas, Maurício Pimentel Homem de Bittencourt. Colaboradores: Francisco Toledo Barros, William Eiji Itokazu, Fernando Stankuns de Paula Figueiredo, Adriana Queiroz Testa, Alda Regina Bueno Minioli, Adriana Marcondes, Prof<sup>a</sup>. Ana Vera Lopes Macedo, Prof. Dr. Marcos Ferreira dos Santos, Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Inês Ladeira. Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Zibel Costa. Parcerias: Centro MARI de Educação Indígena da USP; Centro de Trabalho Indigenista; Núcleo de História Indígena e Indigenista da USP; Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo; Secretaria de Assistência Social do Município de São Paulo; VÍDEO FAU.



Acima, fotografia feita no Tekoá Pyaü, em dia de visita de alunos de outros projetos do LabHab e estudantes da FAU USP, 2002.

Abaixo, exemplo de um dos eventos (Semexa) onde o Oim-ipurã-ma Ore-kekó esteve presente divulgando e discutindo seu trabalho.



## Divulgação

Houve uma preocupação por parte do Oim-ipurã-ma, talvez sem a intensidade que merecesse, da divulgação desse projeto e a participação na discussão com o objetivo de enriquecê-la com outros projetos de extensão dentro da universidade. Embora, com tantas atividades acontecendo, essa divulgação tenha acontecido praticamente quando a necessidade exigia, caso de apresentação em congressos por exemplo. Podemos citar como divulgação nossa participação em alguns eventos e realização de alguns projetos listados a seguir.

### Semexa I e II

Como parte do LabHab gfau, que foram as semanas de extensão universitária. Segundo Francisco Barros, o Chico, a primeira *Semexa*, organizada pelo LabHab gfau no primeiro semestre de 2000, de 3 a 7 de abril, tinha como idéia inicial ser um momento da FAU, convidando grupos de fora da unidade para abrir uma discussão sobre a extensão universitária. Acabou tendo participação além do esperado, com mais de cem participantes da FAU, incluindo, além de professores e estudantes de outras unidades da USP, tomando proporções maiores e nos anos subsequentes organizado por outros grupos de extensão da Universidade.

### Semexa III

Em 2004, alguns grupos de estudantes que praticam a extensão dentro da USP atualmente, resolveram se conhecer e fazerem-se mais conhecidos pela comunidade universitária. Grupos como Alfa, Escritório Piloto, ITCP, NAC, Saju e o Oim-ipurã-ma Ore-kekó realizaram algumas reuniões durante o ano, quando cada um teve a oportunidade de mostrar seu projeto e conversar sobre aspectos desenvolvidos nos respectivos trabalhos.

Assim, foi programado para o mês de setembro (dias 21 a 24) daquele ano, uma semana dedicada à extensão, a terceira realizada até hoje pelos alunos, com oficinas (*Alteridade, Saúde, Trabalho, Habitação e Educação*) realizadas por cada projeto e mesas de debates (*A Universidade e o espaço do público* com Reginaldo Ronconi, professor FAU USP e Cido, da Associação Chico Mendes; *O Financiamento da Extensão Universitária: História e Perspectivas* com a professora Maria Lucia Refinetti, da FAU, Scott Du Pree, Conectas Direitos Huma-

nos e do arquiteto Guilherme Vieira, da ITCP; *USP Leste: extensão e formação universitária* com Sônia Castellar e Silvia Leser, do IP USP e; *O lugar institucional da Extensão* com Flávia Schilling, da FE e a professora Maria Cecília França Lourenço, da FAU USP).

Ao término do evento foi criado um fórum permanente de discussão da extensão. O primeiro passo foi a realização de um *folder* e alguns textos que foram entregues no Seminário de Extensão oficial da USP, ocorrido no Anfiteatro Camargo Guarnieri dias 20 e 21 de outubro de 2004 e a transcrição das falas ocorridas nessa III semexa. Atualmente, representantes desses grupos reúnem-se mensalmente e pretende-se um dia publicar na íntegra o conteúdo apresentado e discutido naquela semana.

### **Semana dos Calouros da USP 2002**

Evento ocorrido no início de 2002 onde atividades de recepção aos calouros, como festas e brincadeiras promovidas pelos Centros Acadêmicos e o Diretório Central dos Estudantes tiveram em paralelo debates e discussões sobre a universidade. Participamos no dia da *extensão universitária*. Infelizmente, como não é raro, a maioria dos estudantes no debate era participante de outros projetos de extensão e poucos alunos novos estiveram presentes.

### **I Congresso Brasileiro de Psicologia**

O Projeto Oim-ipora-ma Ore-rekó foi apresentado, na forma de painel, no *I Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão*, realizado no período do dia 1 a 5 de setembro, em São Paulo, na Cidade Universitária.

O congresso foi uma iniciativa do *Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira* com o objetivo de discutir as principais questões relacionadas à psicologia, como ciência e como profissão.

Considerando o papel da extensão universitária na produção de conhecimentos, essa apresentação teve como objetivo divulgar os aprendizados que obtivemos durante esse período. O ponto central desta apresentação foi à relação entre a comunidade Guarani Tekoá Ytu e a cidade de São Paulo. Procuramos contribuir para a desconstrução de preconceitos e estereótipos sociais relacionados à questão indígena.



Mesa de debate composta por Sebastião, líder espiritual Guarani da aldeia do Jaraguá, Maria Inês Ladeira, antropóloga, eu - Fernando, no papel de mediador, Amilton, representando o Oim-iporã-ma Ore-rekó e mais à direita Poty Poran, professora da Escola Djekupé Amba Arandu, representante de educação da comunidade e importante liderança Guarani. Ocorrido na FAU USP em outubro de 2002.



O Oim-ipurã-ma também esteve presente em exposições artísticas, como a ExpoFAU 2001, onde apreendeu algumas fotos.

A participação no congresso, além de divulgar questões trazidas neste trabalho, possibilitou a troca de informações entre os participantes deste congresso vindo de diversas regiões do Brasil e, portanto, com experiências diversificadas. Além disso, integrantes do grupo puderam participar de mesas, simpósios e eventos relacionados à psicologia, questão indígena e direitos humanos, o que contribuiu a nossas discussões e elaborações teóricas.

### **Web site e lista de discussão eletrônica**

Um dos meios de divulgação do conhecimento que surgiu nos últimos anos e que também teve o maior crescimento em nossa sociedade é aquela chamada de virtual. A hoje conhecida internet, que utiliza microcomputadores ligados em uma rede mundial, a *world wide web*, ainda está longe de levar o acesso de informações a tanta gente quanto se poderia, mas de certa forma democratizou esse conhecimento, pois o usuário conectado a um computador na biblioteca de uma universidade européia, em uma residência na periferia de São Paulo, ou numa escola pública no interior do Brasil pode acessar o mesmo conteúdo. Os números da internet no mundo impressionam e no Brasil não é diferente, são milhões de usuários. Dentro da universidade ela é bastante presente, praticamente foi daí que ela surgiu, e por isso desde o início o grupo Oim-ipurã-ma Ore-rekó se preocupou em ter uma página que ajudasse a cumprir um de seus objetivos, que é o de divulgação de conhecimento.

Mas certamente que esse conhecimento não deve ficar restrito somente à Universidade, e por isso mais uma vez a página na internet<sup>15</sup> vem facilitar essa tarefa, que é o de intercâmbio de saberes. Estudiosos e pesquisadores ou simplesmente curiosos ligados ao tema podem acessar a página de qualquer computador ligado à rede, no Brasil e no mundo, acessar seu conteúdo e manter contato com o grupo através de mensagens eletrônicas. Não é incomum recebermos *email* de pesquisadores, interessados ou estudiosos que desejam saber mais sobre o trabalho com os Guarani.

Primeiramente ele funcionou como auxiliador e organizador do trabalho, com dados importantes e calendário de atividades, e aos poucos seu caráter de divulgação foi aumentando, e assim esperamos que continue, com a divulgação de textos dos estudantes do projeto e bibliografia de referência. O *site* serve ainda de auxílio para aqueles estudantes que

15 <http://br.geocities.com/aldeiajaragua>

desejam conhecer um pouco mais o projeto e quem sabe futuramente participar do grupo, pois há alguns textos de apresentação, um histórico com fotografias e todas as pautas e atas de nossas reuniões semanais e extras até 2002, além dos relatórios apresentados, o que revela ainda a preocupação com a transparência das atividades. Espera-se com isso que todo esse conhecimento adquirido possa se difundir ainda mais, a fim que se desconstruam estereótipos e enriqueçam as reflexões acerca da extensão universitária.

### ***E-grupo***

Ainda na rede mundial de computadores, não posso deixar de mencionar a existência do fórum de discussão eletrônica, conhecido como *e-group*, onde todos os participantes do grupo e muitos outros interessados podem trocar informações via correio eletrônico, informações essas que vão desde a confirmação de reuniões e visitas em conjunto, até discussões que tratam de temas como cultura e interdisciplinaridade. Consideramos que essa é mais uma forma democrática de partilhar o saber, pois tanto para enviar perguntas para a lista como para ler todas as mensagens já enviadas não é necessário nenhuma inscrição, basta acessar uma página na internet<sup>16</sup>. E para aqueles que desejam receber diariamente na sua caixa postal todas as mensagens encaminhadas para esse *e-group*, a inscrição é feita de forma automática no servidor que gerencia a lista<sup>17</sup> sem que haja algum tipo de escolha por este ou aquele novo usuário. E também não há qualquer tipo de moderação quanto ao conteúdo das mensagens. Nos últimos quatro anos mantém-se uma média de 40 usuários inscritos e que recebem mensagens da lista de discussão eletrônica do Oim-iporã-ma Ore-rekó.

16 <http://br.groups.yahoo.com/aldeiajaragua>

17 basta enviar mensagem em branco para [aldeiajaragua-subscribe@yahoogrupos.com.br](mailto:aldeiajaragua-subscribe@yahoogrupos.com.br) para se inscrever.









# 00

## Primeiro projeto de arquitetura: casa do líder espiritual José Fernandes

1 Esse trabalho sob a coordenação do Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Zibel contou com dois arquitetos recém formados pela FAU, Wilson Marchi e Eli Hayasaki, os pesquisadores em Iniciação Científica Duk Jun Lee, Silvio de Almeida e Marcos Hoshino e a assessoria científica da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlene Picarelli e do Prof. Robinson Salata. Embora toda a comunidade tenha participado efetivamente, ela designou Joel Karáí Mirim Augusto Martins como seu informante oficial para fins de contatos e remuneração da verba de pesquisa alocada para tal função. Contou com o Auxílio FAPESP 91/3052-0 e três bolsas de IC - FAPESP

2 “O estudo analisa os perfis político, econômico e cultural da aldeia, na época (final da década de 80, início da década de 90). Lá estão registradas sérias dificuldades de comando, desunião do grupo e influências de outras religiões, como do candomblé. Suas conclusões foram de que o grupo não agia com uma identidade definida e suas relações com o restante da comunidade guarani eram precárias. O grupo estava ameaçado de divisão. Faltava o pajé, fonte de equilíbrio natural entre os guaranis. A Associação Indígena Guarany da Aldeia do Pico do Jaraguá, integrada pelos representantes da tribo, decidiu dar prioridade às seguintes melhorias: Edificações novas (casa de reza, banheiro, museu, escola), outros (horta, caixa d’água, cercas, lixeiras). Os antropólogos avaliaram os riscos de desestruturação do grupo e concluíram que a situação se constituía em caso raro em comunidade Guarany-Mbyá.”

3 Disponível na biblioteca da FAUUSP.

## Primeiros passos

A relação da academia com a aldeia do Jaraguá, onde reside a comunidade Guarani parceira deste projeto, já existia há alguns anos. Insere-se no contexto de uma linha de pesquisa e cooperação entre a Universidade de São Paulo e comunidades indígenas Guarani, iniciada desde os estudos do arquiteto e professor da FAU USP Dr. Carlos Roberto Zibel Costa em 1985 com levantamentos em aldeias Guarani da cidade de São Paulo para elaboração de sua tese de doutorado “*Habitação Guarani - tradição construtiva e mitologia*”, defendida em 1989 na FAU USP.

Em 1990 inicia-se um primeiro trabalho de extensão sediado na FAU USP, por solicitação da Aldeia do Jaraguá às antropólogas Kilza Setti e Maria Inês Ladeira, coordenado pelo Professor Zibel<sup>1</sup>. O projeto intitulou-se “*Projeto de Arquitetura e Seleção de Tecnologia Adequada a uma Construção na Aldeia Guarani do Jaraguá, em São Paulo*”<sup>2</sup> e propôs-se “*definir para o contexto próprio do grupo guarani da Aldeia do Jaraguá, um projeto arquitetônico completo que responda a um programa projetual específico e chegar à determinação de uma tecnologia construtiva apropriada para a construção de um edifício*”. Essa pesquisa resultou, ao seu final em 1992, na publicação “*Projeto de Arquitetura e Seleção de Tecnologia Adequada*” editada pela FAU USP, no Vídeo “*Jandira*”<sup>3</sup> contendo o histórico da Aldeia, editado pelo VIDEOFAU e na Exposição Multimídia “*Habitação Guarani*” no Salão caramelo da FAU USP.

No ano de 1996, o então estudante de graduação da FAU USP, Frederico Ming, o Fred, é convidado a participar da elaboração de um projeto para desenvolvimento de Centro Cultural dessa comunidade indígena, intervenção externa solicitada pela própria comunidade.

Surge então uma primeira intenção de projeto arquitetônico, que servisse tanto para requalificar o espaço da aldeia quanto para abrigar as novas atividades culturais que a aldeia se propunha a realizar. Um tratamento do saneamento básico, um planejamento para construção de residências que previsse um centro de visitação, uma escola bilíngüe e o cercamento da aldeia. Esse projeto incluía ainda um estudo paisagístico, com tratamento da água e a recomposição de parte da vegetação.

Tal planejamento ficou dividido em três fases: a primeira trataria de obter recursos junto à Associação Comercial de Pirituba para a reconstrução da Casa de Reza tradicional que havia sido erguida pelos próprios membros da comunidade, em 1996, sob orientação de Sebastião Karáí, recentemente chegado na aldeia.

A etapa seguinte seria a viabilização do Centro de Visitação, junto com a Escola bilíngüe (português/Guarani) e um banheiro coletivo, deixando mais para frente numa última fase a captação de recursos e gente para a área de habitação, tratamento do ambiente e plano social.

Nesse mesmo ano, 1996, o projeto de arquitetura teve início: Helena, assessora de imprensa do hospital de Pirituba prontificou-se a facilitar os contatos com grupos ou instituições que estariam dispostas a bancar as propostas. O primeiro interessado a financiar a obra foi a Associação Comercial de Pirituba, incumbindo-se da terraplenagem, da doação de materiais e eventualmente até mão-de-obra. No entanto, a Associação Comercial apenas proporcionou

Seqüência de construção (não terminada) da casa do líder espiritual José Fernandes, com participação dos alunos do LabHab gFAU, em 1999.



o terrapleno de algumas áreas, ajustando o terreno do pátio e a área destinada ao banheiro comunitário e doando o madeiramento destinado à construção da *opy*, a Casa de Reza, que os próprios Guarani ergueram.

### **Casa de José Fernandes**

No final de 1998 Fred<sup>4</sup> procurou o Laboratório de Habitação dos alunos da FAU USP que aos poucos passou a ter um maior contato com a comunidade. No início de 1999 o empresário Francisco, dono da empresa de equipamentos SAHARA forneceu à aldeia máquinas de sua fabricação destinadas a prensar tijolos de solo-cimento. Esse fabricante pretendia aproveitar os recursos e a imagem da aldeia para um efeito-demonstração dessas máquinas. Os tijolos

4 Frederico Ming fez um trabalho final de graduação – TFG, denominado *Dossiê Jaraguá*, em 2000, onde relata parte dessa experiência. Disponível na biblioteca da FAU USP.



***“estudantes do LabHab gfau  
dedicaram-se na orientação do  
assentamento dos tijolos”***

---

5 Mais precisamente Carol, Camila, Chico, Endyra, Fernando, Luis, Rodrigo (Alladim), Tarsila, Thomaz, e William.

6 Conhecido na região como Pereira Leite. À época, mesmo comprovada como sendo da União, ele contratou homens para erguer um muro cercando o lote, como em outros terrenos vizinhos. Com a ajuda do Ministério Público os Guarani conseguiram barrar sua ação. Em 2003 seu neto e um advogado, após algumas ameaças, invadiram a aldeia dentro de um carro. A situação só foi contornada com a chegada da imprensa, da polícia e do Ministério Público, durante um dia inteiro de negociações. Foi levado preso por invadir terra federal protegida por lei – reserva indígena em processo de demarcação.

que seriam produzidos por essas máquinas seriam depois utilizados na construção da casa de outro líder espiritual que acabara de chegar, José Fernandes.

O empresário ainda sugeria que poderia-se obter uma renda razoável com essas máquinas, mas a prática mostrou que o esquema não funcionava, em parte por deficiência das próprias máquinas e, em outra, pela falta de conhecimento específico na elaboração da mistura e no controle da cura. Além disso, os grupos de trabalho não funcionavam como previsto, pois nem sempre os Guarani se dispunham a trabalhar durante o período combinado. Era visível a falta de adaptação daquela mão-de-obra aos padrões industriais que previam jornadas intensas de trabalho e o máximo rendimento tanto de equipamento quanto da mão de obra. A produção dos blocos não atingiu sequer a metade do previsto e o ritmo da construção em regime de mutirão foi insatisfatório. Em geral, eram mais as crianças que trabalhavam e, ainda assim, levando tudo aquilo mais como uma brincadeira do que um serviço a sério. Ainda assim, os estudantes<sup>5</sup> do LabHab gfau, inclusive eu, dedicaram-se na orientação do assentamento dos tijolos.

O empresário entendeu que os Guarani estavam desperdiçando a chance dada e, além disso, comprometiam seu objetivo, que era demonstrar rapidez no avanço de obra que, segundo ele, poderia ser feita em duas semanas e estava semi-paralisada. O próprio terreno onde estava sendo erguida a casa passou a ser objeto de disputa com um grileiro<sup>6</sup> que ameaçou os moradores da comunidade. Foi o suficiente para afastar de uma vez o empresário. Ele abandonou as máquinas no local e não mais apareceu. A casa de José Fernandes ficou parada à altura das janelas, e os tijolos ficaram amontoados no pátio ou chegaram a ser vendidos por alguns membros da comunidade.

Foi um início duro e equivocado para mim e aqueles demais estudantes recém ingressados na faculdade, pertencentes ao LabHab gfau. Simplesmente havia total falta de conhecimento da cultura e do modo de viver Guarani, além de termos aceitado um projeto pronto proveniente do empresário, totalmente externo às vontades daquela comunidade, que sabiamente pôde recusá-lo. Professores, como o Reginaldo, sugeriram desenhar os espaços com a participação da comunidade, e alguns alunos, apesar da decepção e dificuldade inicial continuaram na aldeia durante os meses seguintes, tempo enfim necessário para o início de uma relação de confiança e conseqüentemente conhecimento.

“Visão de passarinho” da nova Escola (*nha nhemboe’a*) da aldeia do Jaraguá, Djekupé Ambá Arandu, projeto conjunto dos estudantes de arquitetura e da comunidade Guarani, e que foi construída pelo poder público estadual. Além do projeto participativo, tem como características importantes o intercâmbio entre as culturas, com elementos da tradicional arquitetura Guarani e da tecnologia *juruá*. Foi inaugurada em 2001.



## NHA NHEMBOE'A

### Projeto participativo entre os estudantes e a comunidade: Escola pública diferenciada

1 FDE: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, órgão da Secretaria Estadual de Educação responsável pela edificação das escolas.

2 Idéia trazida a nós pelo Prof<sup>o</sup>. Reginaldo, adotada anteriormente na elaboração do projeto com mutirão na cidade de São Paulo com a prefeitura. Trata-se de uma base de madeira segmentada em escala (no nosso caso 1:50) com peças de madeiras que se encaixam, fácil de manusear, quase como um brinquedo.

No projeto da Escola Guarani, o maquetomóvel foi utilizado dentro da casa de reza, com muitos membros da comunidade participando. Discutiam em Guarani ao mesmo tempo que desenhavam a escola com as peças e depois nos explicavam, ou melhor, davam uma aula, em português.

Na foto ao lado, inserida no texto, William e Rodrigo observam, sentados à frente do computador, o maquetomóvel com as primeiras idéias do projeto da Escola.

### Projeto preliminar

Depois da metade de 1999, a professora Poty Poran, representante Guarani de educação da aldeia, e membro do NEI - Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, revelou a esse grupo e demonstrou muita força de vontade, o desejo da comunidade em construir uma escola, e a possibilidade disso acontecer via FDE<sup>1</sup> caso um projeto preliminar fosse feito até a próxima reunião desse Núcleo, algumas semanas depois dessa conversa inicial.

Aceitamos o desafio de colaborar na realização desse sonho, com a certeza que seria um grande aprendizado para todos. Mas ao invés de simplesmente desenharmos o projeto, adotamos a postura do projeto participativo. Um novo, prazeroso e longo caminho na relação com os Guarani e em nossas vidas tinha início.

Em uma noite, um grupo de estudantes de arquitetura desembarca diretamente da loucura que é uma cidade como São Paulo para dentro da Casa de Reza - *opy*, do Jaraguá, com



um maquetomóvel nos braços<sup>2</sup>. Um momento mágico, que Chico, um dos presentes àquele dia descreveu assim: “*Conversam em guarani, sentamos, ouvimos, aguardamos. Tio Kambá fala, ensina, chama a atenção. Fala em português: tem gente que vem, diz, e vai. Vem, diz, e vai. Diz da importância da reza, daquele local. De que não adianta lá fora ter de mal e depois vir, buscar o bem. Fala, chama atenção, das*

*chuvas que enchem os rios, como deve ser, mas brancos fazem estradas em suas margens, fazem casas nas montanhas, que não gostam e os expulsam, como a tapear um mosquito: desmoronamentos e morte nos morros. Temos de respeitar, entender como é.*

*Não sabemos bem como foi, mesmo, mas estávamos cheios de desenhos, de idéias, de propostas, de caminhos. Tínhamos já pronta, cada um do labhab, a escola dos guaranis em papel e caneta. Tio Kambá pede que apresentemos as propostas.*

*Não sei bem como foi, mas não mostramos nada, guardamos nossas folhas.*





Na *página anterior*, detalhe construtivo da escola - pilar central na sala de aula, com pequena abertura na cobertura destinada a iluminação.

Acima, aspecto do Museu ou Casa de Cultura à época da inauguração da Escola, na metade de 2001. Projetado como anexo dessa última, previa ainda fechamento de taipa e piso de solo cimento, que nunca foi realizado. Recebeu diversos usos durante esse período, e hoje abriga cultos religiosos não Guarani.

### ***“Levamos o maquetomóvel, participamos da reza...”***

---

<sup>3</sup> Projeto executivo: Série de desenhos e especificações de toda a obra, incluindo os detalhes construtivos, que permitem a quantificação dos materiais, levantamento da quantidade de mão-de-obra necessária e a execução correta da edificação.

*Colocamos ao chão instrumento simples, mas rico, um maquetomóvel, como antes usado por Reginaldo. Um tabuleiro com plaquetas, que permite projetar em três dimensões. Pedimos que fizessem eles mesmos a escola. Como seria para eles a escola.*

*Em quinze minutos, rodeiam maquete, debatem, vão todos, ter com as peças. Palpitam, apontam, mudam, concordam, fazem cara feia, sorriem. Dizem tudo, discordam, derrubam, refazem. Usam por vezes palavras por nós conhecidas: computador. Olham, de perto, de longe, rodeiam, vem todos, ter com as peças, e apresentam o projeto (...)*”

Levamos o maquetomóvel, participamos da reza, fizemos visitas à noite, de dia, havendo várias conversas. Novidade para ambos. Em um processo com um ritmo especial, diferente das relações normalmente encontradas entre arquitetos e outros grupos que buscam a realização de um projeto, nesse a transformação e o aprendizado foram mais intensos, que só a ação participativa, analogamente um mão dupla do conhecimento, poderia oferecer.

A comunidade não esperava ser ouvida, pois é uma prática incomum quando da realização de projetos pelo Poder Público, pelo menos ouvida dessa maneira, por pessoas despidas de preconceitos, e nos retribuiu com as primeiras aulas de arquitetura (e vida) Guarani.

Transformamos aquele desejo em riscos feitos sobre uma folha de papel. O projeto foi apresentado e aprovado pela cacique Jandira, pelos líderes espirituais Sebastião e José Fernandes e outras lideranças da comunidade. Poty, como esperado, levou-o até a reunião do NEI, onde foi elogiado e aceito. Pouco depois e para nossa surpresa, o FDE nos procurou para fazer o projeto executivo<sup>3</sup>.

### **Projeto executivo**

Ao mesmo tempo que não nos sentíamos preparados para detalhar tão importante projeto, não gostaríamos deixar essa oportunidade escapar, equivalente a muitas lições e trabalhos, queríamos garantir que o projeto continuasse segundo o desejado pelos Guarani. Daí que esse processo de conversas, descobertas e troca de conhecimento seguiu durante os meses seguintes. Faltava experiência para execução de uma tarefa como essa, por isso muitos integrantes do laboratório não puderam contribuir, além de ter sido necessária a ajuda de for-

mandos e recém formados, que rapidamente compreenderam o significado e a importância do projeto. Fizemos também uma parceria com o Escritório Piloto da Escola Politécnica a fim de utilização da infra-estrutura (microcomputadores, impressoras, *plotter*, espaço com mesas e cadeiras) e assessoria na parte estrutural da construção. Recebemos também alguma orientação por parte de professores como os já citados Reginaldo Ronconi e Carlos Zibel.



Foram idas e vindas à sede do FDE, com muitas conversas com os técnicos, engenheiros e arquitetos da instituição, para adequação do projeto às normas rígidas da Fundação. O que era diferente - entende-se por qualquer elemento não existente nas volumosas publicações contendo todas as suas normas para construção, deveria ser explicado, justificado e detalhadamente desenhado. Com tantas especificidades e dificuldades, somadas ao fato de não sermos um escritório profissional (no sentido de ainda sermos estudantes e portanto dedicados a todas as tarefas de graduação dentro da faculdade) houve um atraso na entrega do projeto, inicialmente previsto para final de novembro. Após quatro revisões a última só foi finalmente entregue em maio de 2000.

*Na seqüência de fotografias, praticamente o mesmo ângulo de construção da Escola, a fachada posterior face oeste. No desenho da página seguinte, parte do Projeto Executivo, justamente desta parte. A parede curva nesta face, “as costas quando se olha para onde o Sol nasce” está presente em outras construções Guarani tradicionais, como em algumas *opy*.*

Nas duas páginas seguintes, fotografias que mostram o interior da Escola - as salas de aulas, durante fase final da construção.



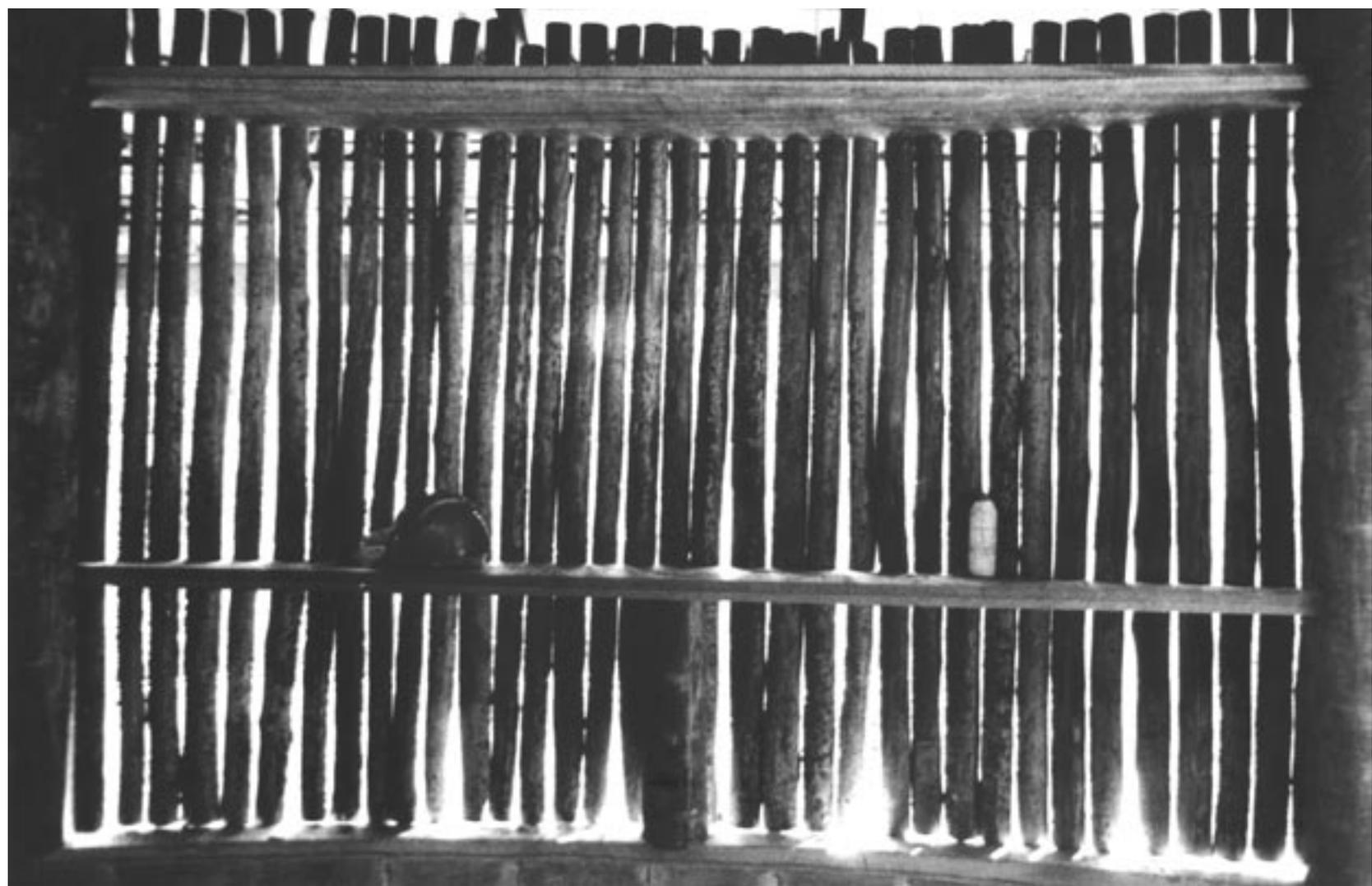
## Construção

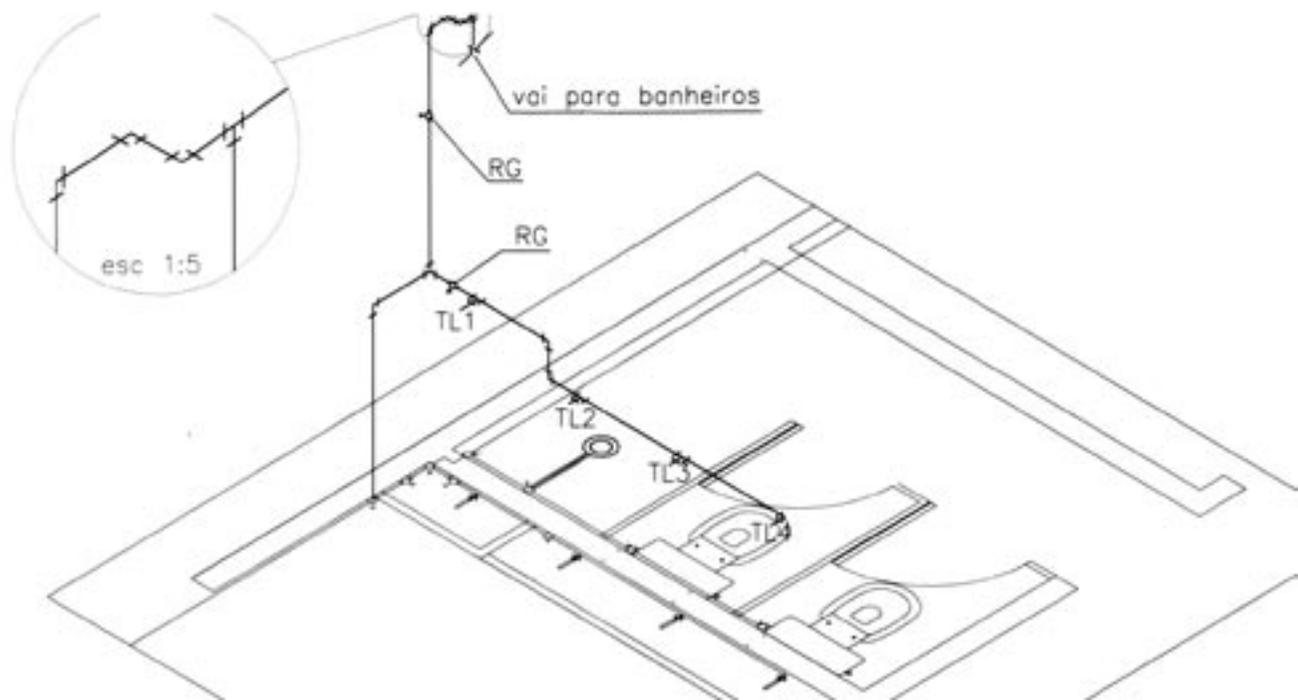
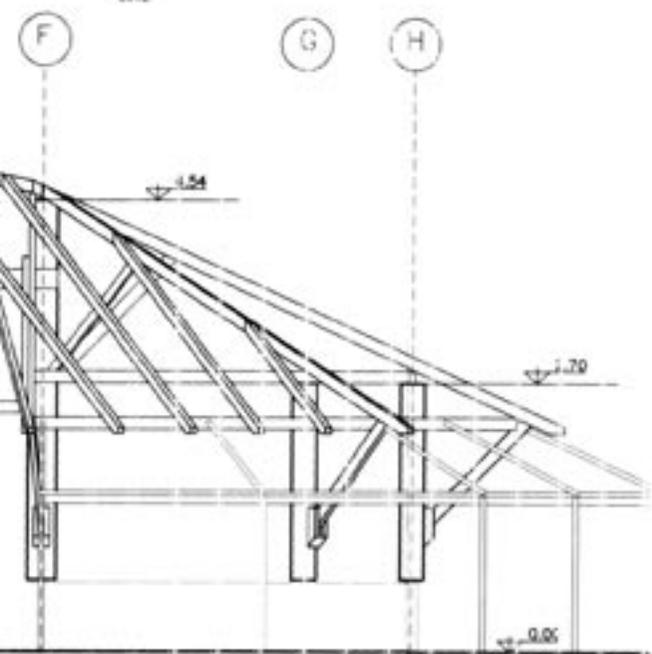
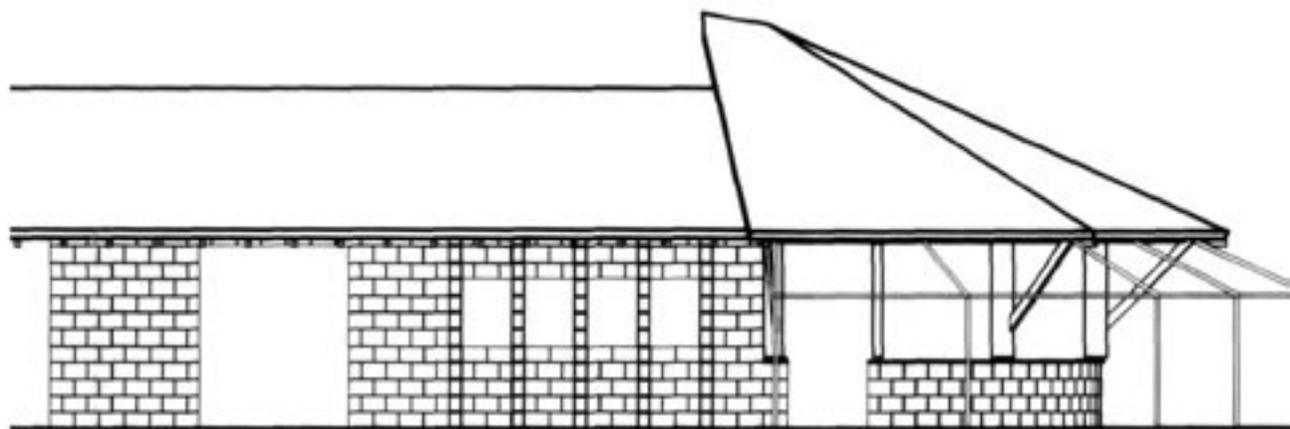
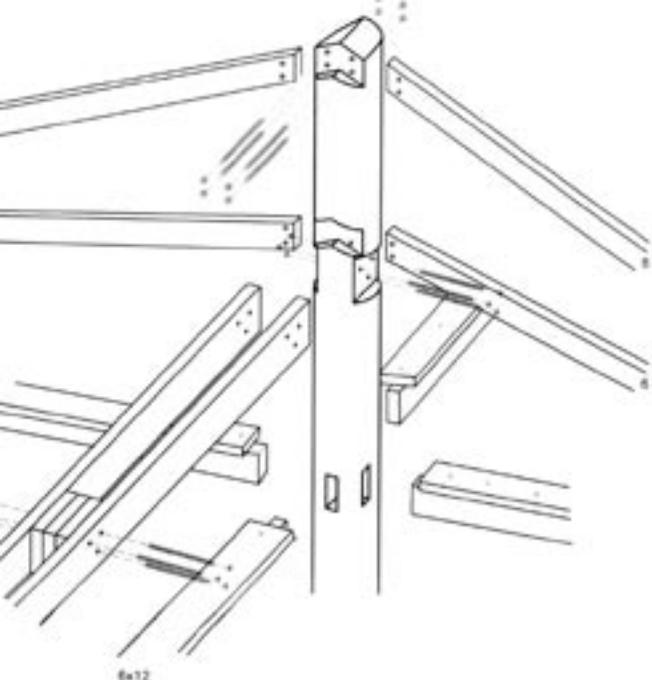
A construção iniciou-se oficialmente em 19 de abril de 2000, ou seja, antes mesmo da entrega da última revisão do projeto. Foi contratada uma empresa terceirizada para a realização da obra, com mão-de-obra totalmente não indígena, apesar da intenção de que a comunidade pudesse trabalhar, mas que problemas burocráticos impediram. O Poder Público não estava preparado para essa solicitação. Acompanhamos um pouco a construção, com algumas visitas semanais, que serviu também para registro e esclarecimento de alguns pontos duvidosos junto aos executores.

Basicamente, o desenho era composto por uma planta retangular, com a face oeste circular, assim como na *opy* – a sagrada casa de reza, telhado de duas águas, estrutura de madeira e bloco estrutural cerâmico aparente, piso de solo-cimento (que não foi realizado). Separado internamente em uma sala para administração, um banheiro que pretendíamos fosse usado por toda comunidade (por isso a inclusão de um chuveiro, carência da aldeia na época), pátio interno com cozinha integrada e uma grande sala de aula, divisível por três através de paredes móveis (atendendo assim solicitação da comunidade que se depara muitas vezes com o grave problema da escassez de espaço ao receber visitas de parentes provenientes de outras aldeias por alguns dias, além de diversificar e flexibilizar o uso da sala para as atividades educacionais).

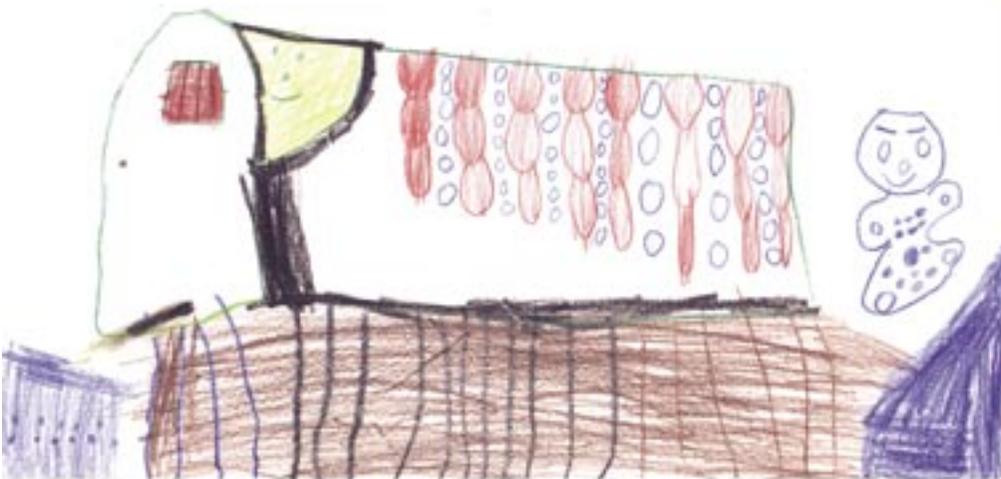
Além da escola, previu-se dois espaços anexos. Um, banheiro localizado no pátio, destinado aos visitantes e à própria comunidade. Outro, a Casa de Cultura ou Museu, para atividades escolares complementares e também para apresentação de danças, exibição e venda de artesanato, comum aos visitantes que chegam à aldeia periodicamente. Essa, uma construção circular, não muito comum para os Guarani, com cobertura de madeira e palha (piaçava), localizada na divisa da aldeia com a Estrada Turística do Jaraguá permitiria ao *juruá*, através do estereótipo presente na sociedade, a visibilidade e o conhecimento de que ali existe uma aldeia. Ao longo dos anos essa construção teve diversos usos, sendo que hoje ela é bastante utilizada pelo seu vizinho mais próximo, Mario, filho mais velho da cacique Jandira como espaço de prática religiosa não Guarani.



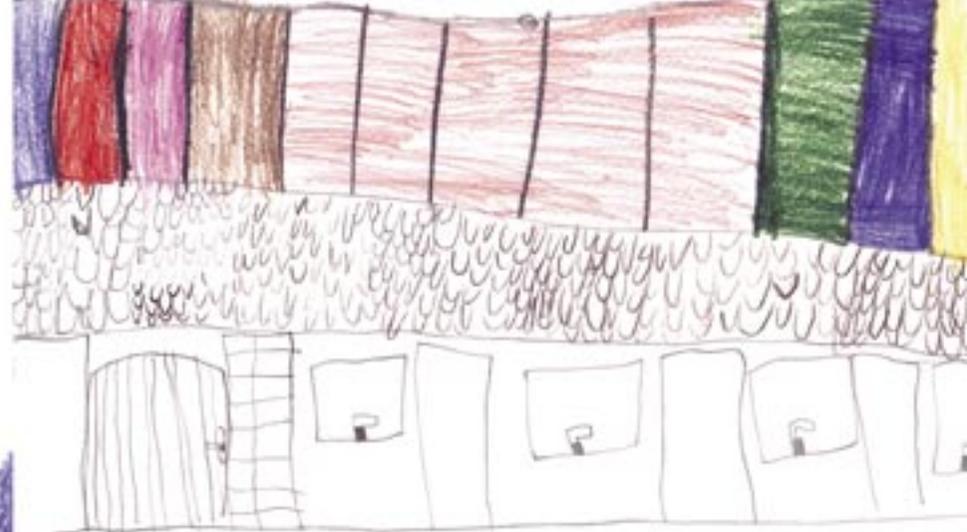




MARCIA  
VICTORIA



Luigo



JONOS VINICIUS



A construção da Escola estava quase pronta no final de 2000 quando a construtora alegou que precisava mais dinheiro. Pararam a obra, o processo se tornou moroso, a Secretaria de Educação, através do FDE, inventava muitas desculpas para não concluir definitivamente a obra, dizendo por exemplo que faltava o banheiro no pátio que eles mesmos não quiseram construir, apesar de projeto complementar e que acabou sendo feito posteriormente pela Funasa. A previsão de conclusão era agosto de 2000, conforme placa de obra existente na frente da escola, ou seja, antes das eleições daquele ano. No final, o então governador Mário Covas não veio inaugurá-la e aconteceram alguns conflitos, principalmente com Deusdith Veloso, a coordenadora do NEI – Núcleo de Educação Indígena, pois queriam cercar a escola

*Nas páginas anteriores, à esquerda: trechos do projeto executivo de construção da Escola Djekupé Ambá Arandu realizado pelos estudantes da FAU USP. Ainda nas páginas anteriores, à direita, desenho das crianças da comunidade, atuais e futuros estudantes dessa Escola, construída em 2000 e inaugurada em 2001.*



nova com um alambrado, separando-a do restante da aldeia, realizar algumas modificações no acabamento, enfim modificar o projeto original. Chico relembra alguns detalhes dessa questão: “*ela queria mudar o barraco de obra do lugar, onde morava um jovem da aldeia, realocando-o para os fundos da casa de rezas, e colocar no lugar um parquinho com brinquedos padrão do FDE*”, além de pedir a Chico que intercedesse por ela, persuadindo os Guarani que concordassem com as mudanças. Apesar da pressão, a comunidade não cedeu e assim pôde manter o projeto mais fiel ao que havia sido desenhado em conjunto, embora algumas modificações tenham ocorrido durante a construção, como a mudança do piso externo de solo cimento para concreto tingido de vermelho. O decreto oficial de inauguração da escola, publicado no Diário Oficial do Estado data de julho de 2001 e vincula a escola a uma já existente da região. Sem uma festa oficial, estudantes do grupo mais representantes

*Seqüência de fotos acima: Detalhes obtidos durante a construção.*

*Página seguinte: Lay-out da Escola - fase de projeto, fruto de muitas conversas entre os estudantes de arquitetura e a comunidade Guarani.*

da comunidade organizaram uma confraternização de inauguração com direito a muitas frutas, milho, mandioca e outros pratos típicos e convidaram colegas, amigos e professores da faculdade que acompanhavam o projeto. As aulas começaram em caráter experimental, e no início do ano letivo seguinte definitivamente.

Do dinheiro recebido pelo FDE pela execução do projeto, cerca de 4 mil reais na época (início de 2001), através do arquiteto recém formado Roberto Montenegro, o Beto, que colaborou no Projeto Executivo, uma parte - cerca de 1/3, foi para o Escritório Piloto – referente a infraestrutura de informática. O projeto do sistema estrutural – uma estrutura de madeira muito particular, que ficaria a cargo deles, restou praticamente em nossas mãos, principalmente nas do Fred, que recebeu alguns atendimentos de professores da Escola Politécnica e realizou visitas ao IPT. Outra parte foi dividida proporcionalmente entre os participantes do Executivo, com pesos de 1 a 4 conforme a participação de cada um (Pablo e Leticia 1, Fernando, Chico, Beto, 2, William 3 e Fred 4), sendo que cada peso correspondia aproximadamente a 60 reais, para a ajuda de custo com alimentação e transporte, praticamente um valor simbólico. Uma parte ainda, cerca de 800 reais, foi doada para compra de um computador disponível a outros estudantes do LabHab gfau.

Em 2002, por ocasião do estudo da apropriação do espaço pela comunidade, pode-se retirar o seguinte testemunho do Relatório entregue ao FCEX<sup>4</sup>: “*De acordo com a professora entrevistada, o espaço físico da escola é satisfatório, ele é proporcional ao número de alunos e permite certa flexibilidade na sua organização, já que possui algumas paredes móveis. Há espaços mais íntimos e aconchegantes, como a biblioteca e também ambientes amplos e abertos, como o refeitório e a Casa de Cultura Guarani . Há duas salas de aula que dividem uma parede que pode ser retirada, transformando o espaço. As salas são rodeadas por janelas, permitindo que qualquer membro da comunidade observe às aulas, ao passear pela aldeia. Ela é admirada por muitos, Guarani e juruá, por representar uma tradicional casa Guarani e combinar alguns elementos bastante modernos de construção. Sua estrutura apresenta bastante segurança para os usuários de todas as faixas etárias e é acessível a portadores de deficiência física. A escola possui poucos ambientes específicos: a cozinha que é separada do refeitório por um balcão; banheiro que possui chuveiro mas não tem pias; uma sala para a administração; duas salas de aula e uma biblioteca. Quanto às mesas do refeitório, são amplas e convidam à alimentação coletiva.*”



4 Ler mais sobre o FCEX – Fundo de Cultura e Extensão em “O que é Extensão?” página 15.



## OPY

### Construção Tradicional Guarani: Casa de Reza

***“opy, um dos elementos mais importantes da cultura Guarani. À época de sua construção a comunidade se reúne e todos contribuem para erguer o novo espaço”***

---

Ainda em 2001 iniciamos discussão sobre a (re)construção da *opy*. A *opy* – casa de reza, é um dos elementos mais importantes da cultura Guarani. Serve de referência para a comunidade e cria um elo entre as famílias. Neste local, ao contrário do que o nome em português indica, não só assuntos religiosos são tratados. Os moradores a procuram diariamente em busca de conforto pessoal e espiritual. O dia-a-dia da comunidade é discutido e com muita conversa se buscam as soluções dos problemas, desde os cotidianos até os políticos de âmbito maior. É na *opy* também que se desenrola os principais momentos de confraternização e festas que ocorrem ao longo do ano, tradicionais da cultura Guarani. Ali se aprende muito<sup>1</sup>. À época de sua construção a comunidade se reúne, seguindo o líder espiritual, e todos contribuem para erguer o novo espaço, inclusive as crianças. A *opy* do Jaraguá, do Tekoá Ytu, havia sido construída há 6 anos, e necessitava ser reconstruída, mesmo após os anuais reparos. Porém, como já foi dito, a reserva onde se encontra a aldeia é muito pequena e não conta com os recursos para coleta dos materiais necessários à construção tradicional.

Seus materiais construtivos constituintes são basicamente três: a madeira, elemento habilmente trabalhado pelos Guarani há séculos, que serve tanto de estrutura principal, como fechamento - paredes (normalmente um trançado que chamamos de pau-a-pique) quanto para a estrutura que suporta a cobertura; palha, vegetação, como a folha da sagrada palmeira, ou mais recentemente utilizado, o sapê, que funciona como cobertura, fazendo com que a água da chuva escorra por sobre ela, mantendo o interior seco e ao mesmo tempo permitindo que a fumaça dos cachimbos e da fogueira suba e saia e; a terra, ou o barro, como vedação e que conhecemos normalmente por taipa de mão, presente em algumas aldeias (em algumas aldeias a vedação é feita somente em madeira, sem o barro).

Esses elementos, como todo material de construção, são perecíveis e sujeitos a ação do tempo e às intempéries, desgastam-se, gerando a necessidade de constante manutenção (recolocação do barro e fixação do sapê, principalmente) e periódicas reconstruções, devido ao apodrecimento da madeira, devido ao contacto com o solo que traz umidade. Estes momentos, que não têm data fixa, mas geralmente ocorrem a cada cinco anos, são especiais na vida da comunidade que se junta e, unida, trabalha na construção de uma nova *opy*, mais forte.

<sup>1</sup> Embora não seja o centro geométrico, ela se constitui no centro efetivo da aldeia, inclusive ressaltada pelas dimensões e do espaço em torno, maiores que as demais casas da comunidade.

Em 2002 surgiu a possibilidade de obter verba para realização desse projeto na aldeia: A comunidade reunida decidiu pela reconstrução da *opy*. Com o crescimento da aldeia, da via que divide as duas partes, optou-se também pela construção de uma *opy* nova no Tekoá Pyaü. A demanda, portanto, que já era clara e demonstrada há tempos pela comunidade, representada por suas lideranças principalmente, como a anteriormente citada cacique Jandira, os líderes espirituais Sebastião e José Fernandes, além de Joel, Poty, Jaciara, Joab, Verá Mirim, Maurício, Tupã Mirim entre outros, tornou-se próxima de uma solução. A campanha da fraternidade, promovida anualmente pela CNBB (Igreja Católica) teve como tema em 2002 a *Terra sem Males*, numa espécie de busca pelo esclarecimento de erros cometidos com as comunidades indígenas há séculos. Dentro dessa campanha, a Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo surgiu com a possibilidade de financiamento da construção das *opy*. Explica-se a necessidade do financiamento por estarem dentro do município de São Paulo, como já mencionado, em uma pequena área nos limites do Parque Estadual do Jaraguá, e não contarem mais com os recursos naturais necessários para a concretização desse desejo.

A partir do mês de julho de 2002 fizemos diversas reuniões na aldeia, tanto na Pyaü (em uma *opy* improvisada), quanto na de baixo, Ytu, na *opy* que foi construída em 1996 (e que estava em estado precário). Dessas inúmeras conversas precisávamos chegar a um mínimo de entendimento do que era a *opy*, sua importância e sua “tecnologia construtiva”, um grande intercâmbio de conhecimentos, para que, em troca desse conhecimento adquirido, pudéssemos auxiliá-los junto com a Pastoral Indigenista na qualificação, quantificação e compra dos materiais. Tendo como premissa básica o projeto participativo, não nos cabia lhes impor um desenho nosso, mas construí-lo juntos. Utilizando um pouco da experiência no projeto da Escola, com a confiança obtida depois de um certo tempo frequentando a comunidade, mais a utilização de elementos como o maquetomóvel – já usado no projeto da Escola, e com a contribuição dos estudantes de todas as áreas participantes do grupo, tais como os de ciências sociais, educação e psicologia, chegamos a um entendimento do que queriam. Coube então, na universidade, com pesquisas na biblioteca e atendimentos com professores, a realização de desenhos técnicos mais precisos e a quantificação dos

*Seqüência de fotos:* uma das reuniões entre o Oim-iporã-ma Ore-rekó e a comunidade Guarani do Jaraguá, representada por suas lideranças, na *opy* que viria dar lugar a uma nova e maior casa de reza, motivo da conversa. Processo que levou meses, do início de 2002 até o início de 2003, com sua inauguração.

materiais, realizado em muitas vias. Embora, nunca é demais lembrar, conforme pudemos observar através de nossa experiência e de outros estudiosos, a construção desse elemento importante, a *opy*, não é condicionada pelo desenho feito no papel.

Tudo foi entregue à comunidade, nas mãos de Sebastião e de José Fernandes e à Pastoral Indigenista, que enviou o projeto para a Cáritas Brasileira. Felizmente, no mês de agosto o projeto foi aprovado e tinha-se a expectativa que a partir do mês de setembro, o dinheiro para a compra dos materiais seria liberado, com a intenção que se concluísse a construção



até o final daquele ano (2002), sendo que nesse período acompanharíamos e auxiliaríamos a compra desse material, para que finalmente a comunidade pudesse construir suas nova *opy*, e neste momento, somente neste, durante a construção, seus traços finais e definitivos decididos, e o aprendizado concluído.

Superados alguns obstáculos, no final de outubro de 2002 as atividades foram adiante, tendo à frente pela Pastoral seu coordenador em São Paulo, o Benedito, além do Salvador e do Francisco, que ficaram então responsáveis por acompanhar o trabalho, que o fizeram com muito empenho, pois a intenção era o término ainda naquele ano. Após mais algumas reuniões com a comunidade, ora só com a comunidade moradora do terreno de cima (Tekoá Pyau) ora com a de baixo (Tekoá Ytu), mas principalmente com as duas juntas, decidiu-se





finalmente quais seriam os materiais de cada e pôde-se fazer a quantificação dos materiais. Essas reuniões com a comunidade foram de fundamental importância como de aprendizado, não só do modo de construir Guarani – sua arquitetura, mas de toda sua cultura e seu modo de viver (*nhande rekó*).

Em novembro de 2002 puderam ser feitas as primeiras visitas aos locais de compra. A fim de se evitar mais burocracia e agilizar o processo, pois o fim do ano se aproximava, essa parte do processo ocorreu de forma simultânea entre as duas aldeias, ou seja, sempre havia um representante do Tekoá Pyaü, um do Tekoá Ytu e um da Pastoral. Sempre que possível acompanhávamos também. Detentores de grande conhecimento sobre a madeira, por exemplo, era mais do que óbvio que eles deveriam poder escolher de perto o material, em diversos locais, antes da compra, e assim foi feito. A mesma coisa ocorreu com os outros materiais, como a telha cerâmica e o sapé (ambos provenientes do interior do Estado de São Paulo).

Em dezembro de 2002 finalmente começaram a chegar os primeiros materiais. Alguns vieram de longe, como alguns tipos de madeira e o próprio sapé, e por isso a entrega não era imediata. Com esse fato, teve início a desconstrução das antigas *opy*, também um momento muito importante para a comunidade. Tivemos a felicidade de poder acompanhar essa etapa – e as subseqüentes, e registrá-la em vídeo<sup>2</sup>. A desconstrução foi um processo rápido, de cerca de uma semana. Mas mais uma vez novos obstáculos surgiram. Sendo a nova *opy* do Tekoá Ytu um pouco maior que a anterior, foi preciso fazer algumas adequações no terreno programado para tal, e por isso uma grande árvore precisou ser retirada. Com muitos galhos, demoraram alguns dias para conseguir retirá-la do espaço da nova *opy*, seja para subir nos mais altos, seja para tirar a profunda raiz que tinha. Vencido mais essa etapa, o terreno estava limpo e quase pronto para o início das obras. Ainda faltava a chegada de membros de outra comunidade Guarani, no caso o Tekoá Aguapeú, de Mongaguá, litoral de São Paulo, que viriam para contribuir na construção da nova *opy*. Ainda no mês de dezembro eles chegaram e agora sim pôde se dar o início da construção.

A *opy* do Tekoá Pyaü, menor (com dimensões de cerca de 6 x 6 metros) e um pouco mais simples, foi parcialmente construída ainda em dezembro, de modo que já naquele ano podia

*Nas páginas anteriores, a antiga opy - casa de reza do Jaraguá, momentos antes de sua desconstrução, processo que levou poucos dias, no final de dezembro de 2002, liberando o terreno assim para a construção da nova, que teve participação de toda a comunidade, tendo à frente o líder espiritual Sebastião Karai Tataendy.*

*À direita, a nova opy durante a construção, que durou algumas semanas. Vista de dentro, vemos sua frente, ou a face leste. Detalhe da armação de madeira (pau-a-pique) que receberia alguns dias depois o barro (comumente chamado de taipa de mão), e também do fechamento de madeira (estaqueado), mais acima. Na cobertura, ainda alguns vãos aguardam a colocação de feixes de sapé.*

<sup>2</sup> Ler mais sobre esse tópico – sua importância e método de trabalho, em “*Rexapa*”, página 97.



**“vedação de pau-a-pique e taipa de mão. Cobertura de sapé”**

ser utilizada, e aos poucos foi recebendo melhoramentos e acabamentos. Inspirados na *opy* em construção de outra aldeia, a da Barragem, Zona Sul de São Paulo, fizeram uma base com blocos de cimento para evitar a chegada de muita umidade às paredes de madeira, que só recentemente recebeu uma cobertura com barro, reforçando o caráter de adaptação contínua da construção. A *opy* de baixo, com mais de 100 metros quadrados, uma parte retangular e outra circular, envolveu muito mais trabalho, principalmente na hora de cortar a madeira nos tamanhos adequados e nos detalhes de encaixes, típicos da construção Guarani. A construção foi se desenvolvendo no final de dezembro e praticamente não parou nas épocas de Natal e Ano Novo, a não ser quando a chuva não permitia. A previsão de que fosse terminada ainda em 2002 não se concretizou, no início de 2003 alguns materiais faltaram – o que criou mais um pequeno atraso, mas o ritmo das obras se acelerou a tempo de terminar antes de um evento muito importante ocorrido no primeiro mês do ano, o batismo do milho (*avaxi nheemogaraí*).

Com a estrutura de madeira pronta e simultaneamente à colocação da cobertura de sapé, alguns dias antes do batizado se iniciou a colocação de barro na parede (taipa de mão, no trançado de madeira chamado de pau-a-pique), outro momento mágico da construção da *opy*. Muitos membros da comunidade participaram desse momento, contribuindo muito para a construção. Um dia antes do batismo a *opy* estava com todas as paredes cobertas de barro, toda a cobertura de sapé colocada e o piso interior – de terra batida, limpo e nivelado. Alguns detalhes ficaram para ser feitos após essa época, tais como uma segunda demão, se assim podemos dizer, de barro na parede, para dar um acabamento melhor e ficar com uma textura ainda mais bonita, algo que só pode ser feito quando a primeira está devidamente seca.

Não houve atuação do poder público, tanto que para sua execução foi necessária verba da Pastoral Indigenista, facilitada pela Campanha da Fraternidade daquele ano. Apesar disso, acreditávamos ser papel do Estado prover condições dignas de vida a comunidade, estando incluso aí a casa de reza também. A Pastoral proporcionou a comunidade uma solução a curto prazo, porém a comunidade não possui garantia de nenhum meio que continue viabilizando esta construção do mais alto significado para os Guarani.

*“aluno de arquitetura – terceiro ano, e cacique de aldeia  
Guarani conversam sobre projeto de casa de barcos*

*E: Oi Davi, tudo bom?*

*vamos ver como pode ser o projeto da casa?*

*(fala pouco e bem devagar)*

*é aqui, né?*

*estávamos pensando, lá (aponta para o ar indicando  
figurativamente São Paulo) sobre a casa, aqui (aponta  
para o chão, ou: a situação)*

*o barco tem quatro metros, né?*

*mas a casa poderia ter uns cinco metros, por quê aí  
dá para ter um espaço aqui na frente, para... (gesticula  
algum uso, movimento de fazendo algo)*

*um espaço para... (gesticula novamente), né?*

*D: (depois de algum tempo, cabeça baixa, mão no queixo,  
raciocina com cuidado, face de pouca expressão)  
espaço?*

*mas aí vai ter que cavar mais terra,*

*alí. (aponta para o local, e caminha até ele)*

*pra aterrã.*

*e tem a pedra,*

*que nós vai ter que quebrar.*

*(silêncio)*

*cê que vai carregar?*

*(silêncio)*

*espaço?*

*tem de monte aqui fora.*

*(silêncio)*

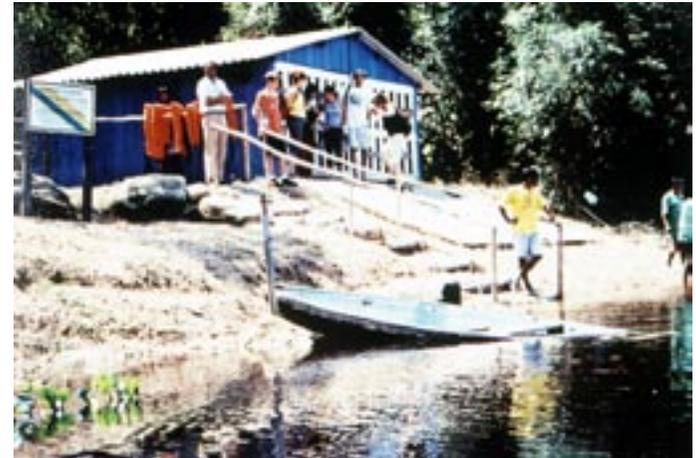
*nós faz com quatro metro,*

*tá mais bom.*

*E: (silêncio, cara de vazio).”*

*(CHICO BARROS)*

*Abaixo:* Estudantes integrantes do Oim-ipurã-ma Ore-rekó visitam a Casa de Barcos na aldeia Guarani de Aguapeú, projetado em conjunto com aquela comunidade, assim como posteriormente a Casa de Cultura, dentro de um Projeto Turístico/Ambiental para recebimento de estudantes visitantes de escolas da região.



## AGUAPEÚ

### Projeto conjunto: Casa de Barcos e Casa de Cultura na aldeia de Aguapeú, litoral de São Paulo

Imagine-se em um automóvel, dirigindo de Santos a Peruíbe: à esquerda vemos o Oceano Atlântico, e à direita a Serra do Mar, formando uma grande muralha verde. Em Mongaguá, saindo dessa ligação, tomando um rumo perpendicular à direita, como se quiséssemos penetrar na Serra, toma-se uma via de terra por alguns poucos quilômetros. A Serra vai se aproximando e a praia se tornando cada vez mais longe. As casas dos moradores vão dando lugar a terrenos amplos e vazios até que de repente se chega a um pequeno rio e o carro não pode mais seguir. Olhando para trás vemos uma grande estrada reta, quase infinita rumo ao mar, e à frente a exuberante Mata Atlântica.

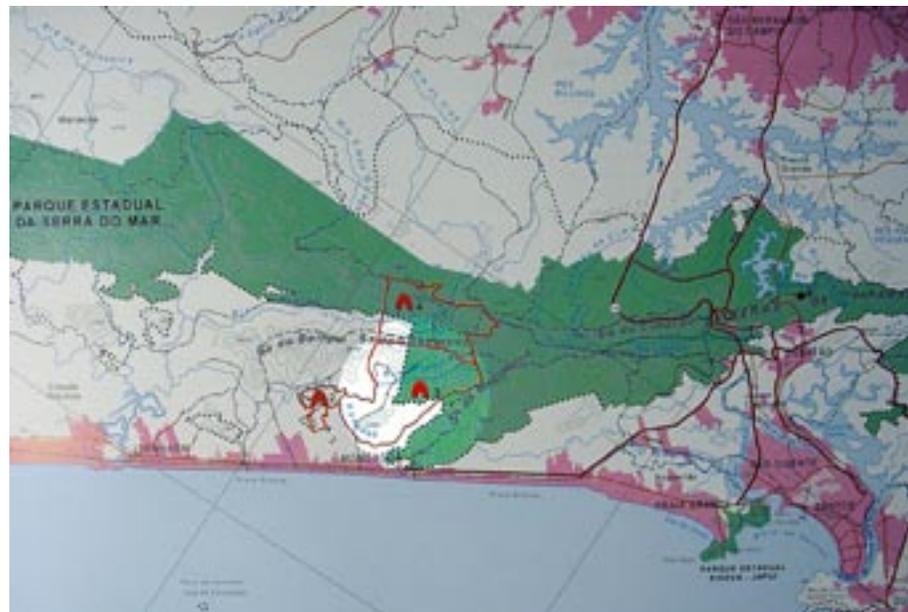
Na primeira visita a Aldeia Aguapeú, chegamos no momento que alguns materiais de construção como sacos de cimento e areia eram transportados em pequenos barcos a remo de uma margem a outra pelos Guarani, material destinado a conclusão de uma obra de saneamento na parte mais alta da aldeia. Fomos<sup>1</sup> apresentados ao cacique Davi, que esperava nossa chegada, mas a conversa não se iniciou naquele momento. A comunidade agora estava empenhada em carregar aqueles sacos da margem oposta por uma trilha íngreme até o interior da aldeia. Tentamos colaborar um pouco, mas nosso estilo de vida *jurua* não permitiu grande eficácia no deslocamento escorregadio dentro da mata. Lá de cima, entre aquelas casas, que estavam sob as árvores e não eram visíveis da estrada, tudo se avistava. Da aldeia podíamos observar perfeitamente o mar, a praia, os prédios na orla, as casas mais simples e a estrada, com o carro lá estacionado, os barquinhos e o movimento de chegada e saída na aldeia.

A conversa começou e logo fomos conhecer o terreno destinado a futura Casa de Barcos, à margem do mesmo rio, algumas curvas à montante. Com o apoio de uma ONG norueguesa, o CTI - *Centro de Trabalho Indigenista* e a comunidade elaboraram um projeto aprovado pelo Ministério do Meio Ambiente, que visa receber turistas e principalmente crianças das escolas da região, que visitarão a aldeia e receberão informações sobre sua cultura e modo de vida, sobre a natureza etc. Na verba estavam previstos a aquisição de quatro barcos com motor, a construção para abrigá-los (Casa de Barcos) e a construção de um local para recebimento e conversa com os visitantes (Casa de Cultura).

Uma Casa de Barcos bem simples, essa era a conclusão que chegamos após algumas

<sup>1</sup> Na primeira visita do grupo estavam eu, o Chico e a Roseli. Quem nos apresentou foi o biólogo Fábio do CTI. Nas demais visitas, outros integrantes do grupo foram, sendo que todos estiveram lá pelo menos uma vez.







conversas. Material escolhido: madeira aparelhada, cobertura de fibro-cimento, chão de terra batida. Bem ventilada. Mas ao mesmo tempo segura, pois há o medo dos posseiros da região. Fizeram um portão muito bonito de madeira. Não tínhamos a relação com eles como era no Jaraguá, nem a disponibilidade de criar essa relação em tão pouco tempo, já que morávamos (e estudávamos e trabalhávamos) em outra cidade, mas eles nos conheciam justamente por causa da rede de comunicação existente entre os Guarani. Diria que o projeto da Escola ainda gerava frutos pela forma como fora feito. Esse respeito fez com que o CTI e a comunidade nos convidassem a participar deste projeto. Embora houvesse essa precariedade no tempo, decidimos que tentaríamos da melhor forma possível, indo lá o máximo de vezes e realizando algumas reuniões na aldeia com toda a comunidade, por visualizarmos uma possibilidade, uma porta que se abria, também para outros projetos no futuro.

O CTI deu uma ajuda de custo financeira suficiente para o combustível da viagem de um carro e para o lanche dos participantes, embora na maioria das vezes seguintes à primeira visita termos ido em dois carros, com até oito participantes do grupo em cada vez. Achávamos que não era só os estudantes de Arquitetura e Urbanismo deveriam estar presentes. Desenho e quantificação feitos, logo o material foi comprado, e assim rapidamente construíram, eles próprios, a Casa de Barcos.

Então, o convite se estendeu também à Casa de Cultura, local onde os visitantes, depois de percorrida trilha no meio da mata dentro da reserva<sup>2</sup>, mas sem passar pelo núcleo da aldeia, teriam conversas e ensinamentos sobre a vida e a cultura Guarani, assistiriam

<sup>2</sup>Terra Indígena Guarani do Aguapeú. Localiza-se no Município de Mongaguá e foi criada pela Portaria Declaratória nº. 411, de 22 de junho de 1994, com área de 4.398 hectares. Em 1994, o Ministério da Justiça emitiu portaria reconhecendo os limites da Terra Indígena Guarani do Aguapeú, identificada em 1993. Entretanto não foram realizados os procedimentos necessários a sua regularização fundiária, que implica pagamentos de indenizações e reassentamentos de ocupantes não indígenas.

*Nas páginas anteriores:* vista do rio que separa a reserva indígena de Aguapeú da área urbana de Mongaguá, no litoral de São Paulo e; Mapa com localização (*em destaque, mais claro*) da aldeia no Estado de São Paulo.

*Seqüência de fotos da página à esquerda:* Visita e conversa no terreno da futura Casa de Cultura, com os estudantes do Oim-ipurã-ma e o ca-cique da aldeia, Davi.

*Abaixo,* a Casa de Cultura, com fechamento parcial de madeira (estaqueado) e cobertura de vegetação, recém construída.



vídeos (desenvolvidos pela própria comunidade) além de apreciariam e terem oportunidade de comprarem artesanato. Esta construção, segundo os Guarani, deveria representar a arquitetura Guarani. Mais algumas conversas, mais indas e vindas de São Paulo a Mongaguá. Outra vez mostramos o quanto somos *jurua* (eu, inclusive, uma vez chamado de “o mais *jurua* dos *jurua*”) pela falta de intimidade com a natureza, com a dificuldade ao andar por entre árvores da Mata Atlântica sem um caminho demarcado ainda, para chegar ao local da futura casa. Uma grande área plana, com cerca de duzentos metros quadrados e algumas árvores, e que de uma semana para outra, ou melhor, de uma visita nossa a outra, estava totalmente limpo, e depois de mais uma semana, totalmente plano e mais um pouco ampliado. As árvores retiradas dali, conforme tradição Guarani – retiradas segundo próprio calendário, que tem relação com a Lua, seriam utilizadas posteriormente. A estrutura principal – pilares, vigas e demais elementos estruturantes, seria de madeira, a vedação também, de madeira trançada (conhecida como pau-a-pique), até certa altura coberto com barro (taipa de mão ou sopapo) e a cobertura de vegetação (folhas de uma palmeira presente na região), tudo retirado da própria mata.

Não pudemos acompanhar efetivamente a construção porque houve uma desarticulação na comunicação. À época de entrega do projeto, do desenho e da lista de materiais tanto para o CTI quanto para a comunidade, tudo indicava que logo, nos dias seguintes, seria iniciada a construção, porém dentro da reserva ainda existiam alguns moradores *jurua*, os chamados ‘posseiros’, e um deles possuía casa próxima a futura construção. Depois de algumas ameaças recebidas, os Guarani acharam melhor esperarem a solução oficial, que demorou aproximadamente três meses. Resolvida a pendência – o posseiro recebeu indenização da Funai e deixou a área, eles puderam rapidamente concluir a Casa de Cultura sem que houvesse tempo de visitá-los durante a execução da obra. No final de 2002 fomos visitá-la praticamente pronta.



# SANEAMENTO

## Construção de banheiros comunitários e rede de saneamento básico

*À esquerda:* Banheiro comunitário (composto de um lavatório, dois vasos sanitários, um chuveiro e um depósito) construído pela Funasa - Fundação Nacional da Saúde, em 2000 no Jaraguá. Projetado inicialmente como parte do pátio da Escola construída pelo FDE, numa parceria da comunidade com os estudantes do Oim-ipurã-ma Ore-rekó, essa Fundação adiou tanto sua execução que o projeto acabou nas mãos da Funasa, responsável pela saúde nas aldeias. Posteriormente outros banheiros foram construídos, porém seguindo projeto padrão adotado em outras comunidades.

<sup>1</sup> Trata-se da disciplina optativa AUT 129 – *Elementos de Tecnologia e Gerenciamento dos Sistemas de Infra-Estrutura Urbana*, que teve recentemente parte de seu conteúdo acrescentado a disciplinas obrigatórias do mesmo departamento da FAUUSP.

A Funasa – Fundação Nacional de Saúde, é responsável há alguns anos pela saúde em âmbito federal, de algumas populações mais carentes e das populações indígenas, substituindo antigas atribuições da Funai, e apareceu em 2000 no Jaraguá, durante a paralisação da construção da escola para tentar solucionar o problema de saneamento precário da aldeia, que à época contava com rede clandestina de água e energia na parte de cima (Pyaü), ligações precárias de água na parte de baixo (Ytu), sem coleta de esgoto sanitário, poucas casas com fossas improvisadas, outras casas sequer com banheiro. Eles têm um projeto padrão de banheiro coletivo, com pia, vaso, tanque e chuveiro sem levar em conta necessidades especiais, quantidade de pessoas que usarão nem como é a comunidade.

Tínhamos feito um projeto de banheiro anexo à escola, pensando justamente nessa possibilidade de uso pela comunidade, mas o FDE à época não quis construir. Entregamos o projeto à Funasa: disseram que não tinham verba, que era “complicado, fazer um projeto diferenciado”, história parecida com a da Escola, mas depois de algumas conversas conseguimos que aceitassem o projeto e o executassem com uma verba especial. Assim, logo um banheiro coletivo, com alvenaria estrutural, madeira, cobertura de telhas cerâmicas, equipado com um lavatório, dois vasos sanitários, chuveiro e pequeno depósito de materiais, seguindo um padrão da Escola, foi construído para uso da comunidade.

Isso não resolvia os problemas de saneamento e saúde da aldeia como um todo, portanto as conversas nessa direção prosseguiram. Um projeto completo que contemplasse todas as residências do Tekoá Ytu, com banheiros e rede coletora e de tratamento era necessário. Para o Tekoá Pyaü, ainda com residências muito precárias, estavam previstos banheiros coletivos e também uma rede coletora e de tratamento. Devido ao bom resultado com o projeto do banheiro anexo à escola, da vontade da aldeia e a nossa em realizar um projeto de qualidade que ainda por cima rendesse bom aprendizado, nos dedicamos nessa tarefa.

Aproveitamos já que alguns estudantes da FAU faziam uma disciplina de infraestrutura<sup>1</sup> com o Profo. Ricardo Toledo, onde estávamos aprendendo entre outras coisas a dimensionar fossas, sumidouros e demais elementos presentes numa rede de esgoto, para propor como exercício final da disciplina, para os outros estudantes do curso, o projeto completo da aldeia, dos outros banheiros anexos às casas e da rede de coleta e tratamento. Era a primeira

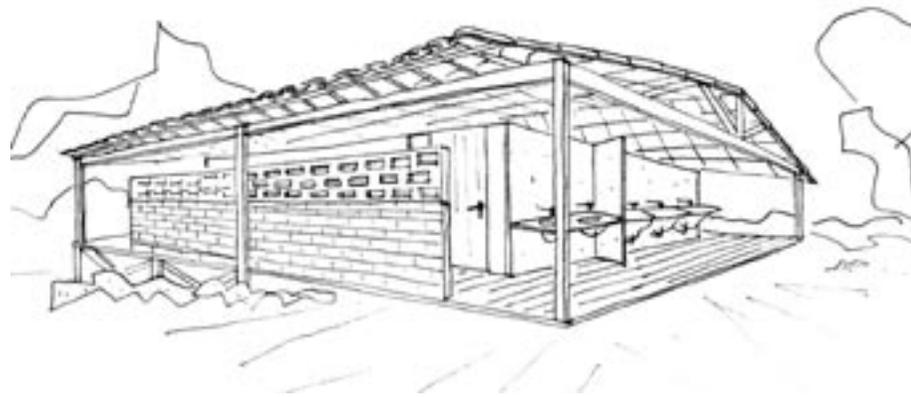
parceria oficial com uma disciplina da FAU, quase uma institucionalização, a aplicação da teoria dada na lousa à prática com a participação dos estudantes. Alguns grupos aceitaram o desafio e muitos estudantes que desconheciam o projeto passaram a ter pelo menos um contato com o Oim-iporã-ma Ore-rekó. Antes de tudo fizemos uma visita à aldeia, quando puderam conhecer além do terreno, como é comum em projetos de arquitetura, a população que seria atendida com o projeto, e também houve algumas conversas com colegas do grupo e com o Profº. Carlos Zibel, a fim que se familiarizassem com o trabalho realizado até então. Poucas semanas depois os projetos foram entregues simultaneamente à Funasa e ao Profº. Ricardo Toledo como obrigação final da disciplina.

Mais uma vez a burocracia dificultou o andamento dos trabalhos. A Funasa argumentava que ouvira falar que o CDHU construiria as casas, que deveríamos aguardar pela construção dos banheiros e da rede coletora, e assim foi postergando a execução do projeto. Depois de ter construído o banheiro anexo à escola e da fossa e sumidouro para tratamento no Tekoá Ytu, construiu um banheiro coletivo do outro lado da via, no Tekoá Pyäü, seguindo seu tradicional projeto padrão, minúsculo e sem particularidade alguma.

À direita: croqui para banheiro comunitário (que previa dispositivos de tratamento de esgoto no local) no Tekoá Pyäü, que à época não contava com rede de água e esgoto. Os custos foram considerados elevados pela Funasa, que construiu alguns banheiros menores, projeto padrão na cidade de São Paulo.

***“primeira parceria oficial  
com uma disciplina da FAU”***

---



*“Marco Polo descrive un ponte, pietra per pietra.*

*- Ma qual è la pietra che sostiene il ponte? - chiede Kublain Kan.*

*- Il ponte non è sostenuto da questa o quella pietra, - risponde Marco, - ma dalla linea dell'arco che esse formano.*

*Kublain Kan rimane silenzioso, riflettendo. Poi soggiunge: - Perché mi parli delle pietre? È solo dell'arco che m'importa.*

*Polo risponde: - Senza pietre non c'è arco.”*

*(ITALO CALVINO)*

## QUAL FOI O PARTIDO ADOTADO?

### Reflexões sobre políticas públicas e arquitetura

***“A Terra sem Mal é um elemento essencial na construção do modo de ser Guarani”***

---

#### Terra sem mal

É importante saber que a organização social e cultural Guarani – seu sistema de crenças, sua agricultura, suas relações de parentesco – tem influência em sua tecnologia e organização espacial, e portanto é muito importante antes de qualquer projeto ou execução a compreensão de alguns aspectos dessa cultura. Na realização dessa tarefa, é fundamental a existência e o trabalho de um grupo que seja interdisciplinar.

Não gostaria aqui de entrar na intimidade da mitologia Guarani, ainda mais de modo rápido e superficial, mas alguns aspectos e informações são de especial interesse na relação com a arquitetura. Para um estudo e conhecimento mais amplo e detalhado, sugiro a leitura de autores como Meliá, Viveiros de Castro e Zibel<sup>1</sup>, entre outros.

Segundo Meliá, a Terra sem Mal é, certamente, um elemento essencial na construção do modo de ser Guarani.

Zibel, em artigo publicado na revista do Programa de Pós-graduação da FAU USP, escreve:

*“Diz que este mundo é a segunda terra - Yvy Apy - terra imperfeita e que a primeira - Yvy Tenondé - teve sua humanidade destruída por um dilúvio. Aguarda-se ainda a destruição desta por intermédio do fogo. Para fugir do destino certo, o guarani deve retornar ao seu lugar de origem, no ‘Paraíso’, Yvy Marãe’y, ainda em vida, com seu corpo e sua alma transportados magicamente pelo assento ritual - apica. Para tanto, ele conta com, no mínimo, duas tradições ainda em plena vigência: a busca de um lugar próprio onde sua alma tem as melhores possibilidades de realização - aguyje - e as técnicas de pajelança, através de procedimentos tais como jejuns, cantos, rezas e danças religiosas. Observa-se que aquelas são manifestações normalmente interligadas: a procura do lugar próprio pressupõe o exercício de técnicas de pajelança enquanto a técnica de pajelança só poderá se realizar inteiramente quando o praticante estiver no seu lugar - tecoa - próprio. Ressalte-se que apesar do aguyje ser fruto de conquista individual, ele como valor máximo a ser alcançado dentro da cultura guarani, implica que o conjunto de procedimentos para obtê-lo seja de atividades comunitárias que Meliá denomina economia de reciprocidade(...)”*

<sup>1</sup> Ver item “O que li, pesquisei e recomendo”, página 126, para maiores informações.

Portanto ganham destaque alguns elementos presentes em suas edificações, como relatadas nas construções da *opy* no Jaraguá e na Casa de Cultura em Aguapeú. Elementos esses que estudos como o do prof<sup>o</sup>. Zibel indicam influenciaram a construção tradicional brasileira<sup>2</sup>. Compreende-se também a ocupação de diversas aldeias numa faixa que sai da Argentina e Paraguai e ocupa boa parte do litoral brasileiro até o Espírito Santo<sup>3</sup>.

## Habitação

A questão da habitação, ou sua precariedade, sempre esteve presente no trabalho. Talvez é o que tenha mais chamado a atenção dos estudantes do LabHab gfau inicialmente. Uma comunidade na maior e mais rica cidade do país vivendo em habitações que à primeira vista lembram uma de tantas favelas de São Paulo, com construções de restos de madeira e outros materiais improvisados. Uma longa e complexa discussão. Há uma questão cultural que deveria ser muito bem estudada e compreendida antes de qualquer intervenção. A simplicidade do modo de vida deles (*nhande rekó*) versus a miséria imposta pelas condições, ou melhor dizendo, a falta dela em terreno tão diminuto. A tradição construtiva deles (ou vernacular – com uso de muita madeira, vegetação, barro e a busca da terra sem mal influenciando sua construção efêmera) versus métodos construtivos dos órgãos públicos responsáveis.

Existe um programa do governo estadual de São Paulo, o PMI – Programa de Moradia Indígena, que tem a disposição vultuosa verba (correspondente a uma fração do ICMS recolhido) que destinaria-se a construção de moradia indígena. Nos últimos anos poucos projetos foram realizados quase sempre em parceria com prefeituras de cidades do Estado, como por exemplo São Sebastião. De vez em quando surgem boatos que serão construídas algumas casas no Jaraguá, informação que ouço desde 1999. Numa dessas vezes, em 2001, surgiu mais uma esperança, tendo inclusive a parceria com pesquisadores da USP de São Carlos, um arquiteto de São Paulo e o CDHU. Eles nos procuraram como elo de ligação com a comunidade, espécie de “intermediários”. Como geralmente acontece, a burocracia emperrou o processo e o CDHU não quis saber de projeto participativo. Naquele momento, os Guarani não quiseram complicação, não queriam ver mais uma vez os projetos e esperanças darem em lugar nenhum, pois estavam cansados de esperar. Negociando diretamente



Uma das cinco residências - projeto padrão, feitas pela CDHU em 2002

<sup>2</sup> “Grande parte do desdém do brasileiro ‘progressista’ pela casa de palha ou pelo mucambo - sob vários aspectos, habitação boa para o meio tropical - parece vir do fato de ser o mucambo ou a palhoça um tipo de habitação associado durante séculos a classe, raça e região consideradas inferiores e das quais, muitas vezes, provém o ‘progressista’ ou ‘reformador’ ansioso de desembaraçar-se das marcas dessas origens.” (FREYRE, G. in ZIBEL, p. 598).”

<sup>3</sup> “Tal ocupação, como demonstrado por Hélène Clastres, foi ocasionada mais pela motivação religiosa do que por razões políticas ou sociais. Assim, os assentamentos guaranis percorrem rotas tradicionais e apóiam-se em uma ‘geografia mítica’ bem determinada. (ZIBEL, Carlos).”

com o CDHU aceitaram um projeto pronto padrão, um modelo igual para toda a comunidade e assim o CDHU construiu cinco residências – tijolo aparente, acabamento rústico e banheiro dentro da casa. Dessa vez tivemos que acompanhar de longe o processo e mais adiante ouvir as reclamações dos Guarani sobre os detalhes da construção, como a porta do banheiro diretamente na cozinha, entre outros. As demais famílias continuam aguardando. Simples mudanças descobertas através de conversas prévias trariam ganhos enormes ao projeto e à qualidade de vida de seus habitantes.

Com a indefinição por parte do CDHU, a Funasa, no caso do Jaraguá, também teve seu trabalho comprometido em relação ao saneamento e construção dos banheiros comunitários, aguardando uma solução por parte daquela instituição. Essa falta de conversa e entrosamento entre os diversos segmentos do Poder Público começou a ficar evidente a partir daí. Representantes da Funasa e da CDHU nos contaram certa vez<sup>4</sup> um caso muito ilustrativo: Em uma aldeia Guarani do litoral norte de São Paulo, a Funasa construiu dezenas de banheiros dispersos pela comunidade, anexos às residências. Poucos meses depois, o CDHU construiu casas novas (com banheiro) e aqueles primeiros se tornaram “elefantes brancos”. Porque não existe conversa entre eles.

Um projeto habitacional nessa comunidade deveria levar em conta além das especificidades da cultura e arquitetura Guarani<sup>5</sup>, e não de uma etnia indígena genérica, as particularidades da aldeia em si – Jaraguá, praticamente na mancha urbana da Grande São Paulo, sem condições de coletarem qualquer tipo de material em seu diminuto e sem recursos terreno, ao contrário de outras comunidades Guarani.

Fica claro o problema da questão fundiária e da importância do espaço para sua educação, economia e correto uso de sua tradicional tecnologia, e portanto da elevada importância da demarcação das terras para os Guarani.

4 No final de 2003 o Oim-ipurã-ma Ore-rekó foi convidado, juntamente com o prof. Carlos Zibel a participar do “Seminário para Saúde de Populações Vulneráveis do Estado de São Paulo” organizado pela Faculdade de Saúde Pública da USP em 11 de novembro na própria Faculdade, onde estiveram presentes alguns órgãos do setor público e também órgão não governamentais e da universidade.

5 “A casa Guarani estrutura-se em um sistema de pórticos estáticos de madeira, vinculados por amarras de cipó ou liames de embira, independente da vedação; os pilares são troncos de árvores que se enterram profundamente no solo; posteriormente, a estes esteios são apoiadas as vigas, também em troncos de madeira; estas, que funcionam como os frechais, repousam sobre as forquilhas dos esteios ou sobre um encunhamento, que é feito por facão ou machado. Atualmente empregam-se taquara inteiras, nas funções de ripas da cobertura, que são amarradas aos caibros da djoíá. Nas casas comuns, é muito utilizado o arame, na amarração das taquaras. A estrutura da casa é coberta com elementos vegetais, tradicionalmente é utilizada a folha da palmeira” (ZIBEL, Carlos, 1989 p. 569-571).



## Escola

Qual foi, se podemos chamar assim, o partido arquitetônico adotado na criação da Escola? Poderíamos dizer estilo Guarani, material *juruaá*? De onde os Guarani tiraram inspiração para mover aquelas pecinhas no maquetomóvel, apagar riscos dos papéis ou escolher e refutar sugestões dos materiais, já que a edificação ‘escola’ não é tradicionalmente um elemento na vida e arquitetura Guarani?

Sendo uma instituição *juruaá*, e seu direito para os povos indígenas resultado de muita luta, movimento que iniciou-se décadas atrás, acabou por merecer materiais de grande duração, pois talvez já percebam a dificuldade que teriam em reconstruí-la a cada cinco ou seis anos (o que dura aproximadamente uma *opy*) em oposição a efemeridade das demais construções, também fruto contemporâneo da necessidade por reservas demarcadas (para sobrevivência) e não mais de um todo território livre.

Mesmo sendo um projeto participativo, com várias conversas, idas e vindas, o projeto arquitetônico foi feito sem que existisse um projeto pedagógico. Àquela época, a rede pública do Estado de São Paulo não o possuía. E mesmo na comunidade sua elaboração era polêmica e não consensual. A construção da Escola só foi um passo, um dos iniciais, nessa caminhada da Educação, que a Adriana conta mais a seguir, em “*Pegadas no barro, traços no caderno.*”

Muito importante nesse projeto, mais que os elementos construtivos, a forma ou o partido arquitetônico em si, é o fato de que estudantes de arquitetura fizeram um projeto juntamente com uma comunidade indígena Guarani, e foi concretizado pelo Poder Público, através de seus órgãos competentes, com todas as suas normas, ousadia que ninguém acreditava que daria certo, já que o Estado está normalmente associado a falência e a burocracia.

**“escola: estilo Guarani, material juruaá?”**

## Opy

A partir do relato das etapas pelas quais passaram a construção das casas de reza<sup>6</sup>, alguns estereótipos e preconceitos puderam ser desconstruídos. Apesar da existência e desejo de construção de duas *opy*, tão próximas uma da outra, que a princípio poderia sugerir alguma richa ou entrave político entre as duas comunidades, percebemos que a primeira, existente há alguns anos, continuaria sendo a principal, e ambas, como sempre podemos observar, são abertas e freqüentadas por toda comunidade. Surgem também algumas reflexões como fruto de nossa atuação.

A primeira questão que se coloca, que surge do fato de não possuírem materiais que julgam serem adequados para a confecção de suas construções, e outras dificuldades provenientes da sua vivência na cidade de São Paulo, é justamente qual o motivo de se instalarem aqui, nessas condições? Numa conversa com Joel, membro da comunidade, certa vez contou que para o Guarani é importante ter essa proximidade com o *juruá*, esse intercâmbio entre culturas distintas. Um outro dado é o fato do líder José Fernandes ter vindo para cá, que talvez não seja necessariamente ligado à vontade de morar na cidade de São Paulo, mas que acaba por trazer essa questão da sustentabilidade da comunidade – um ponto estratégico, e ser um sítio histórico.

Na decisão da tecnologia a ser aplicada nas *opy*, no Tekoá Pyaü optou-se pela cobertura de telha de barro e estrutura e vedação de madeira – o estaqueado (posteriormente, alguns meses mais tarde, foi posto barro nas paredes, situação também observada por Zibel em outra oportunidade<sup>7</sup>). Segundo José Fernandes, para que a construção durasse mais, pois lá não se consegue o material sempre que preciso, e não pelo fato de desejar uma construção “eterna”, como é na nossa cultura. Uma espécie de experimentação da tecnologia. Evandro Tupã, liderança importante do Tekoá Pyaü, me confidenciou recentemente que “*pajé quer modificar, reconstruir opy. Cobertura deveria ser mais natural, essa [telha] não é adequada*”.

A construção, apesar de usar telha de barro e conter uma fiada de blocos de concreto, mostrando uma aparência mais distante da casa de reza Guarani tradicional, não é diferente

---

### ***“preocupação da comunidade em realizar alterações que aumentem a durabilidade das construções”***

---

6 Ler a partir da página 45 em “opy”.

7 “O uso das paredes de barro, como solução antiga e tradicional, ficou completamente confirmado na pesquisa bibliográfica; porém, as informações sobre o sistema de taipa permaneceram não conclusivas. No entanto, acompanhando a realização de algumas destas vedações, observa-se que hoje ainda os Guarani da [aldeia da] Barragem usam o estaqueado normal, de hastes juntas, que, só após, são unidas com sarrafos horizontais para receber o barro. Isto denota uma característica Guarani, já que, normalmente, a técnica portuguesa e caipira realiza, por vezes, um entrelaçamento com grandes vãos e trava quadrangular entrecruzada. É possível, ainda, que antigamente esse barreado ficasse preso ao próprio estaqueamento, por intermédio dos cipós de amarração.” (ZIBEL, Carlos, 1989, p. 569 - 571)”



Acima, fotografia da Escola Djekupe Ambá Arandu, no Jaraguá.

À esquerda, uma das primeiras construções do Jaraguá, a casa de Dona Jandira e Joaquim, feita décadas atrás

no geral que a *opy* de baixo. Esta também usa uma fileira de blocos de concreto, além disso, construíram espécies de fundações, exatamente onde os pilares tocariam o solo. À medida que as reuniões foram acontecendo, percebemos a preocupação da comunidade em realizar algumas alterações que aumentassem a durabilidade da construção, devido ao fato de não terem sempre a condição de reconstruí-la. Talvez pelo fato de trabalharem tanto com a madeira, há séculos, observei em outras aldeias também a preocupação com a umidade. Em Paraty-Mirim, que visitei recentemente, utilizam uma madeira na horizontal, que serve de base para o estaqueado não tocar o solo. Nesta aldeia do litoral sul fluminense, que conta com muito mais recursos naturais, pude observar o uso de vegetação na cobertura e detalhes típico da madeira encaixando em outra como uma forquilha, sem o uso de pregos.

O grupo sempre tentou entender essas alterações não porque achasse que deveria ser reproduzida uma construção que acreditamos ser a tradicional, mesmo que hoje a necessidade seja outra, mas por achar que algumas dessas alterações não fossem necessárias e talvez fosse mais adequado um aprimoramento da própria técnica que eles já dominam, mais simples de ser apropriado. E por entender também que certas características não se resumem em escolher “madeira” ou “cimento”, pois essas decisões têm relação com o trabalho coletivo e que acontecem em ciclos, reavaliando as necessidades de cada época. O uso desses materiais disponíveis na natureza tem uma conotação simbólica que se perde ao se utilizar outros materiais, já que também seria pela materialidade que afirmam sua cultura.





***“Para Nhanderu, interessa o que está nos corações do que estão na opy”***

---

8 Ler mais no item “Aguapeú” página 53.

Não se deve achar que o Guarani precisa construir como há 500 anos, assim como nós não o fazemos, ou que eles não têm o direito de escolher, tentar e incluir em seu vocabulário construtivo novas tecnologias que estão próximas, mas podemos citar uma resposta de José Fernandes, depois da insistência de nós, *juruaá*, indagando sobre a possibilidade da escolha de materiais mais “tradicionais”: “*Para Nhanderu, interessa o que está nos corações do que estão na opy, e não se estão sob sapé ou teto de zinco*”. Com o nosso conhecimento adquirido na Universidade, pudemos debater com eles a escolha e o porque de certos materiais, incluindo aí como se daria sua utilização e também suas qualidades técnicas, e nesse debate, realizado como mencionado em várias reuniões, foi mais uma vez evidente a importância do trabalho participativo, onde pudemos trocar conhecimentos sem imposições de nenhum lado.

### **Papel do Arquiteto**

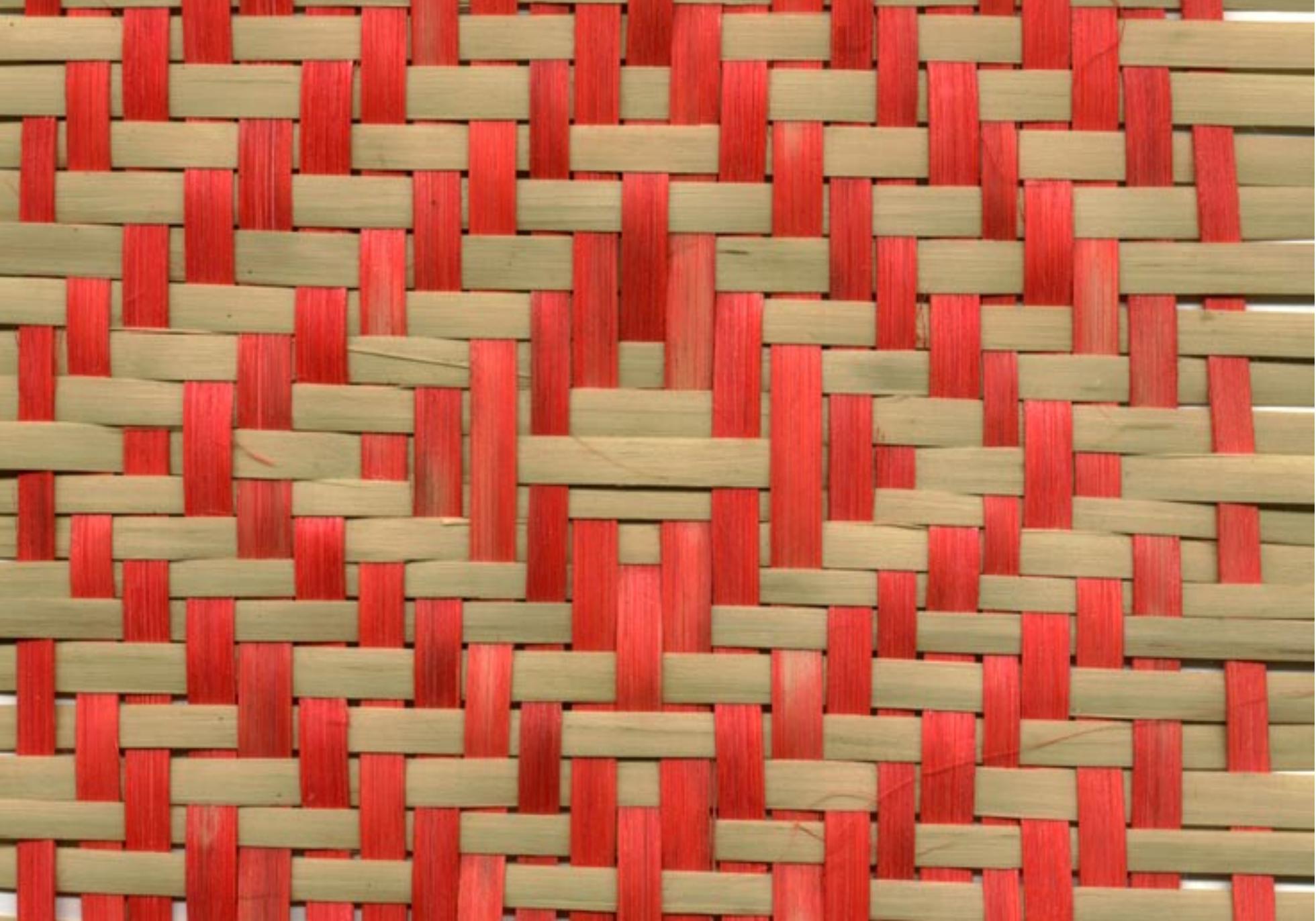
Qual a atuação do profissional de arquitetura diante desse caso, a construção de uma casa de reza? Ele é dispensável devido ao fato do desenho (entendido como projeto) das construções já terem características definidas, ou a serem definidas por eles? Ou ainda pelo fato deles dominarem a técnica construtiva e serem responsáveis pela execução das construções? De fato, o grande problema é essa falta de recursos naturais e conseqüentemente de autonomia econômica por estarem neste ponto de São Paulo, e que como eles mesmos constatam, é necessário o conhecimento de como dialogar com outras partes para que seus projetos aconteçam. A comunidade não consegue nessa situação atual exercer todos os papéis de pensar, financiar e executar as construções. Por isso, outras partes são envolvidas. Teceu-se um diálogo para que essa demanda se concretizasse, desmembrando as funções entre a comunidade, o grupo de extensão universitária e a Pastoral Indigenista (financiadora).

Em Mongaguá, na Aguapeú, no projeto da Casa de Barcos<sup>8</sup>, assim como na *opy* do Jaraguá não era simples definirmos nosso papel (de ‘arquitetos’). Sendo uma construção tradicional percebemos e tentamos contribuir no sentido de sugerir alguns materiais que aumentassem a durabilidade da construção. Ainda assim insistiam por um desenho, o que nos constrangia, pois em uma reunião ficou claro que aquele desenho seria o chefe que deveriam segui-lo, embora nossa intenção, como na *opy*, é que fosse apenas um balisador para a quantificação e compra de alguns materiais que eles não retirariam da própria reserva.

No caso da *opy* do Jaraguá e da Casa de Cultura de Aguapeú, nosso trabalho se consistiu na passagem de suas idéias para o formato de 'projeto' (desenho) para que fosse possível especificar e estimar quantias e custos de alguns materiais a serem comprados, fato totalmente atípico, uma exceção tratando-se de construção tradicional Guarani, onde o local de definição do desenho real, o formato final e apropriado acontece durante a obra, ou seja, esse trabalho se desenvolve diferente da idéia de projeto como aprendemos na FAU: o projeto, como concebido em nossa cultura, prevê até os detalhes antes da construção, separa a concepção, o projeto da execução, da realidade do canteiro de obras muitas vezes ignorado pelo arquiteto, numa relação de dominância que Sérgio Ferro tantas vezes falou.











# PEGADAS NO BARRO, TRAÇOS NO CADERNO

## Experiências de Aprendizagem em Aldeias Guarani

*Adriana Queiroz Testa<sup>1</sup>*

Nas horas avermelhadas em que o dia mascarado de tarde se deixa levar numa penumbra passageira e, coberto de sono gostoso de criança pequena, se entrega destemido e teimoso apenas a sonhar..., viemos todos, alguns de perto, outros de longe, e, aos poucos, enchemos a escola da aldeia. Era um entra e sai contínuo de crianças, gente crescida, amigos, ainda não conhecidos, vozes, risadas, alimentos, expectativas, pequenas mãos que pintavam as janelas com suas impressões imprecisas e dedos espertos que apertavam as cócegas do visitante distraído. Ah! Que delícia aquela nossa festa, quando abrimos a escola e, longe da pompa das inaugurações oficiais, demos continuidade aos planos que se traçaram ao longo dos últimos anos em encontros e desencontros, reencontrados também dentro de cada um. Aos poucos, a conversa aquietava e o sono vinha em volta da fogueira onde esquentávamos nossos pés e esboçávamos novos projetos. Deixamos a festa e a escola, aberta na aldeia, abria caminho para um novo conjunto de experiências.

Mais de três anos passaram e, como juras de apaixonados, colocadas à prova do tempo, chegou o momento de ver com novos olhares os rumos que nossos planos experimentaram até aqui. Tenho como honra e desafio esta oportunidade de escrever algumas linhas sobre as experiências vividas nesses últimos anos, principalmente porque isto exige penetrar um repertório de vivências coloridas por uma pluralidade de pessoas, sentimentos, ações e pensamentos e deixar sair desta aventura reflexiva uma só voz que, por mais que se esforce para abraçar este emaranhado de *nós*, sabe de antemão que haverá uma lacuna entre seus dedos por onde deve passar tudo aquilo que aqui se faz ausente. É também uma oportunidade para pensar sobre a educação nos Tekoá Ytu e Tekoá Pyäü e perceber tudo isto como um pedaço singular de um contexto maior que se desdobra nos outros cantos deste país.

A construção da escola, no que diz respeito ao envolvimento do Oim iporã ma Ore-rekó, começou em 1999 quando um grupo de estudantes ligados ao LabHab gfau foi convidado pela comunidade<sup>2</sup> do Tekoá Ytu a participar da elaboração do projeto arquitetônico da escola. A minha parte nessa história começou em 2001, alguns meses antes da festa mencionada na abertura do texto, quando membros do grupo responsável pelo projeto chamaram novos estudantes e juntos formamos o Oim iporã ma Ore-rekó. Entrar nesse momento específico na vida dos Guarani traz suas peculiaridades, por exemplo, não presenciei o período em que

<sup>1</sup> Membro do Oim iporã ma Ore-rekó, faz mestrado em Educação na FEUSP e é bolsista da FAPESP.

<sup>2</sup> O termo “comunidade” é usado pelos próprios Guarani para se referirem a si mesmos como coletivo em português. Por isso, utilizo este termo repetidamente no texto sem considerar suas controvérsias conceituais.

não havia escola na aldeia e as crianças freqüentavam escolas públicas próximas ou não estudavam; também perdi aqueles momentos em que os membros da comunidade junto com representantes dos órgãos públicos e estudantes da FAU compartilhavam sonhos e estratégias para a elaboração da escola. Enquanto eu tento recuperar esse passado recente juntando fragmentos nos relatos alheios, percebo as palavras de Walter Benjamin tateando em minha mente:

“A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.” (1997: 239).

Como o texto revelará, a presença da escola na aldeia e sua relação com outras formas de educação trazem consigo um conjunto de desafios e inquietações que continua alimentando o trabalho e as reflexões do grupo. Seria possível expor esses elementos, suscitando as diversas questões com as quais nos deparamos ou, então, convidando o leitor a passear pelo percurso trilhado, apontando diferentes momentos das nossas experiências. Incapaz de escolher entre estes dois caminhos igualmente convidativos, prefiro misturá-los ao acaso e deixar ao leitor o melhor juízo.

Certa vez, Pierre Clastres (1986) afirmava que a escola era um dos meios mais eficazes para a difusão e imposição da lei. Por outro lado, a Constituição Federal garante aos povos indígenas “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Art. 210) e a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 vai ainda mais longe, postulando como objetivo: “proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e crenças;” (Art. 78). Evidentemente, essas garantias legais não asseguram um contraponto ao que Clastres afirmava, afinal de contas, está tudo dentro da *Lei*, o que nos leva a perceber a escola num espaço tênue entre a autonomia dos povos indígenas na definição das suas formas de organização política e sócio-cultural e processos de transmissão de conhecimentos e os limites estabelecidos na interação entre estes povos e os aparatos de poder. Em

---

***“escola era um dos  
meios mais eficazes para a  
difusão e imposição da lei”***

outros termos: até que ponto é possível a essa instituição, historicamente associada a uma trajetória de etnocídio e integração, estimular o fortalecimento de instituições indígenas e um diálogo fértil entre sociedades diferentes e até que ponto ela contribui para constranger as diferenças, sob o disfarce de um discurso multiculturalista, e transforma o diálogo numa reverberação de um único idioma<sup>3</sup>?

Creio que este conflito permeia grande parte das experiências de educação escolar indígena atualmente e ele esteve presente ao longo do nosso trabalho, obrigando-nos a repensar nossas concepções acerca de democracia, diversidade, relações interétnicas e educação. Aproveito as linhas que seguem para explorar algumas dimensões desse entre-lugar delicado.

Geralmente aprendemos a pensar na escola como um conjunto de elementos: materiais, conteúdos, profissionais, alunos, comunidade, espaço físico, etc. Esse esquema simplista pode ajudar a estruturar o que na realidade é uma efervescência de fatores e interações dinâmicas, mas tomemos o esquema como guia geral, a começar pelo espaço físico.

Em 2000 o governo do estado construiu uma escola estadual de ensino fundamental no Tekoá Ytu. Em 2004, a prefeitura de São Paulo construiu uma escola de educação infantil CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) no Tekoá Pyaü. Isso tudo, na menor terra indígena do mundo: menos de dois hectares, inclusive a área do Tekoá Pyaü ainda está em processo de identificação. Sei que normalmente quando pensamos em espaço físico de uma escola, nos restringimos ao prédio, mas no caso das comunidades indígenas, aprendemos o quanto é importante considerar o espaço territorial onde a escola se insere. Reiteradas vezes, lideranças de aldeias Guarani falaram a estudiosos e autoridades públicas que a terra é fundamental para a educação e sobrevivência física e cultural das suas crianças. Por isso, cada vez que surge um novo prédio nos Tekoá Ytu e Pyaü, fruto de uma conquista na relação entre os Guarani e o poder público ou uma entidade privada, vem a mesma pergunta insistente: faz sentido investir em prédios e equipamentos quando os Guarani estão desprovidos de matas, rios e terra fértil? Ou estes esforços em garantir um espaço adequado para a educação escolar deveriam ser conjugados a medidas para assegurar o acesso dos Guarani a terras onde suas crianças possam crescer e aprender de acordo com seu *rekó*\* e os recursos públicos serem destinados a programas educacionais mais abrangentes que a escola?

\* *rekó* ou *nhande rekó*: modo de vida Guarani

<sup>3</sup> Utilizo o termo idioma num sentido mais amplo e metafórico.

No que se refere aos profissionais das escolas indígenas, o contato cotidiano com essas pessoas que povoam as escolas, diretorias e secretarias de ensino nos revelou um conjunto delicado de aprendizados e inquietações. Para selecionar uma dentre as inúmeras questões envolvidas, prefiro começar pela situação dos professores. Quem decide quais serão os professores de uma escola indígena? Serão indígenas ou não-indígenas? No caso dos Tekoá Ytu e Pyaü, foram pessoas indicadas pela própria comunidade e atualmente são todas Guarani, mas quando a escola Djekupé Ambá Arandu começou o ano letivo de 2002, havia duas professoras: uma escolhida entre os membros da aldeia e outra professora *juruá*. A Poty Poran foi indicada pela cacique para participar de todas as discussões com o poder público sobre a escola, antes mesmo da sua construção. A Maura foi escolhida pela comunidade entre vinte candidatas que se apresentaram para o trabalho. Ela apresentou um projeto, falou das suas experiências e desejo de trabalhar na aldeia.

Em 2002 e 2003, alguns membros do Oim iporã ma Ore-rekó se dedicaram a um trabalho realizado na escola Djekupé Ambá Arandu. Nosso intuito era contribuir para a constituição da escola como espaço permeado pelos saberes, experiências e expectativas da comunidade e também enriquecer a nossa formação na área educacional. Parte das atividades envolveu reuniões semanais com as professoras onde acompanhamos seus projetos e dilemas, discutindo as diferentes formas como lidavam com as novas experiências de trabalho e seus esforços para fortalecer a relação entre a comunidade e a escola. Também observamos a dificuldade que tinham em estabelecer uma relação com e receber apoio de colegas de outras escolas e da diretoria de ensino, pois muitas vezes elas eram segregadas por serem de uma escola indígena no meio de um sistema onde esta realidade ainda é desconhecida.

Acompanhando a situação das duas professoras, é possível suscitar uma série de questões sobre o tratamento dado às escolas indígenas no âmbito do sistema nacional de ensino, seja na esfera federal, estadual ou municipal. Será que esse aparato hipertrofiado com sua forma estratificada e incompreensível de organização está preparado para promover uma educação específica e diferenciada, de acordo com as necessidades e interesses das comunidades atendidas e o estabelecido na legislação? Será que os profissionais dos órgãos oficiais de ensino recebem uma formação inicial e continuada adequada para o trabalho com

***“Quem decide quais serão os professores de uma escola indígena?”***

---



diferentes povos indígenas, ou as escolas indígenas entram como mais uma das atribuições das quais precisam dar conta sem terem condições? São dilemas que instigam os debates sobre educação escolar indígena há muito tempo e ganharam intensidade quando da sua vinculação oficial ao Ministério da Educação em 1991 e com toda a legislação subsequente que atribuiu esta modalidade de ensino às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Embora seja crucial avaliar as implicações decorrentes desse modelo de política educacional, este não é o intuito do presente texto, portanto, sugiro explorarmos sucintamente o tema da formação de professores indígenas.

A questão de como ensinar a ensinar é problemática em qualquer contexto e no caso das escolas indígenas, trata-se de um assunto fundamental. Em primeiro lugar, onde formar professores indígenas? Eles precisam ter um diploma de ensino médio e curso superior? Existe um certo consenso de que os professores indígenas deveriam ter um processo de formação diferenciado já que seu trabalho é destinado a um contexto escolar “específico e diferenciado”. Mas qual é a dimensão real dessa diferença numa situação política que lhes exige uma qualificação reconhecida pelos órgãos oficiais que só pode ser promovida com a autorização dos mesmos ou quando as melhores universidades do país excluem a temática indígena dos seus cursos regulares de licenciatura, formando gerações de profissionais sem conhecimentos para atuar na formação de professores indígenas? Embora haja experiências exemplares realizadas por ONGs em parceria com o poder público, universidades e as próprias comunidades indígenas, o caso não é generalizado.

Evidentemente a formação de professores não envolve apenas quem irá ensiná-los, mas também a escolha do que devem aprender para exercer seu trabalho. Será que eles deveriam seguir um curso baseado num currículo padrão de licenciatura com algumas especificidades determinadas por especialistas em ensino superior ou seria mais prudente conhecer o que a comunidade espera desse profissional e quais as necessidades que a sua situação atual apresenta para oferecer uma formação baseada nisso?

Nas aldeias, além de podermos acompanhar o trabalho das professoras na escola Djekupé Ambá Arandu, também temos consciência do nosso papel como aprendizes e tivemos o privilégio de conhecer aspectos da vida que jamais imaginávamos, ampliando nossas visões de educação e aprendizagem. Fomos alunos de *nhandepy* (língua Guarani) e, sob a

---

***“as melhores universidades do país excluem a temática indígena dos seus cursos regulares”***

orientação de nossos professores, aprendemos que além de expressão e comunicação, as palavras são sagradas, devendo ser transmitidas e guardadas com extremo cuidado. Nossas experiências como aprendizes na *opy* (casa de reza), no plantio, no preparo de alimentos, nas festas, brincadeiras e reuniões fortaleceram nossas relações e nos levaram a perceber a docência como uma experiência profunda e subjetiva que não pode ser reduzida a um currículo nacional de licenciatura ou restringida pelos limites de interesses políticos.

Certa vez, nosso professor Verá Mirim nos falou que antes de começar a aula de *nhandepy* ele entrava na *opy* bem cedo para fumar e rezar a *Nhanderu* para prepará-lo para nos ensinar tudo que *precisávamos* e *podíamos* aprender. Faz dois anos que guardo suas palavras, pensando na beleza e no significado dessa profunda confissão. Também lembro de quando sentávamos em volta de uma cesta de *xipá* (comida Guarani feita com trigo) e conversávamos sobre a educação das crianças. Ele falou que *Xeramõi* às vezes fala a mesma coisa para uma pessoa de várias formas e ensina que é preciso lembrar do que foi dito durante muito tempo, até que finalmente estejamos preparados para entender.

Essa relação entre pessoas e saberes pode trazer muito para a nossa reflexão sobre a escola e a educação no sentido mais amplo. Podemos suscitar questões sobre o que deve ser ensinado nas escolas indígenas, por quem, a quem, como e, mais ainda, podemos indagar sobre os (des)encontros entre os conhecimentos escolares e aqueles que permeiam os outros espaços da vida. A legislação prevê a elaboração de materiais específicos para as escolas indígenas e algumas iniciativas já foram exploradas. Mas a pergunta persiste: como fazer materiais que respeitem as formas como os povos indígenas concebem a transmissão de conhecimentos? Será que os conhecimentos trazidos para e pela escola serão os mesmos dos mitos, das histórias familiares, das conversas e de outros ensinamentos? Como prever o que acontecerá com as palavras Guarani e a relação íntima entre mestre e aprendiz com a multiplicação de livros, horários, filas, carteiras, listas de chamada, merenda, salários de professores, recreio, etc.?

Nestes primeiros anos, presenciamos alguns sinais e percebemos os Guarani se esforçando para traçar os rumos do seu próprio caminhar. A nós, amigos, educadores e aprendizes coube acompanhar estes caminhos, atentos para as oportunidades de crescer um pouco mais neste percurso de idas e vindas.

#### Referências Citadas:

- BENJAMIN, Walter. *Escavando e Recordando. In: Obras Escolhidas v. II*. São Paulo: Brasiliense, 1997. (pp. 239-240).
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.
- BRASIL, Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. 20 de dezembro de 1996.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. 3a. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

*“A gente tem uma cultura diferente, que está viva. Esse projeto é para continuar fortalecendo a nossa cultura”.*  
(TUPÃ MIRIM)



# PROJETO KURIMGUÊ MAITY

## Projeto cultural: Horta das crianças

Daniela Morita Nobre<sup>1</sup>

***“O desenvolver dos nossos  
projetos é como plantar o avaxi”***

---

<sup>1</sup> Daniela Morita Nobre – mestranda do Programa Psicologia Social do Instituto de Psicologia/USP.

\*avaxi: milho

*“Nem todas as palavras podem ser traduzidas para o português, se a gente quiser traduzir, Kurimguê Maity pode ser... horta das crianças” (TUPÃ MIRIM).*

### O tempo do cultivo

A chuva forte na tarde de agosto. Estava com Verá Mirim e Tupã em volta da fogueira da Opy, sentindo o calor acolhedor do fogo. Tupã Mirim, meses atrás, nos ensinou a ouvir os sons da natureza, a música do vento nas árvores, os sons dos passarinhos... e, naquela tarde, ouvi esses sons, as gotas da chuva regando o chão de terra, o canto das folhas nas grandes árvores, os estalados da fogueira... sons que se misturavam com as risadas das crianças que, sem roupas, brincavam na chuva. Com os desenhos da fumaça do *petenguá*, Verá compartilhava grandes conhecimentos que havia aprendido. “A natureza, cada planta, cada animal, tem uma sabedoria. Quando a gente observa a natureza, como as plantas crescem, a vida dos animais, a gente consegue aprender essas sabedorias, e usar para a nossa vida. Como os *tivi*, quando dormem, eles continuam atentos com o que está acontecendo, ouvindo cada barulhinho. Quando os pajés passam a noite na mata, mesmo dormindo, eles conseguem ouvir os sons da natureza, e saber quando tem algo que pode ser perigoso para eles e quando não”.

Fernando, Karáí Ruvixá, sempre nos lembra do que Tupã Mirim nos ensinou. O desenvolver dos nossos projetos é como plantar o *avaxi*\*. A gente prepara a terra, coloca as sementes, e vai cuidando. As sementes vão brotando, as folhas vão crescendo... tem o seu tempo de crescer, ficar forte e trazer o milho (a gente não pode plantar e querer já que tenha milho).

O tempo do cultivo e o tempo do desenvolver dos projetos. No projeto Kurimguê Maity aprendemos sobre esse tempo. Espero conseguir compartilhar nossas experiências e aprendizados. O grande desafio que encontro aqui é contar a história do projeto colocando em palavras o que aprendemos, pois muito do que os Guarani nos ensinaram está na forma de *sentir*, onde, muitas vezes, as palavras não alcançam.

## A preparação da terra

Assim como as crianças já nascem muito antes de saírem na barriga de sua mãe, a história desse projeto começou anos antes da reunião em que ele foi criado. A sua história vem do belo caminho construído por estudantes e Guarani, em uma relação fecunda de aprendizados, formada por pessoas de culturas diferentes que estão juntas para aprender. Esse caminho, que está na memória de cada um, não poderá ser compartilhado aqui. Entre as diversas descrições dos trabalhos que desenvolvemos na aldeia está o colorido da memória das experiências que cada um passou, os banhos de chuva, o sabor das comidas, as brincadeiras com as crianças, o canto na reza, a força das belas palavras...

## As sementes

O viver dos Guarani na cidade de São Paulo reflete intimamente na educação das crianças e dos jovens. A falta de espaço e de recursos naturais traz grandes desafios para a transmissão dos saberes guaranis, como contou Verá Mirim: “Aqui a gente não tem mata, rio, lugar para plantar e caçar. O conhecimento tradicional guarani é ensinado para as crianças através das histórias e memórias dos mais velhos, mas as crianças e os jovens não têm a possibilidade de aprender a partir da experiência. Elas sabem como é, mas não vivenciam aquilo”.

Os Guarani, com base em seus olhares sobre essas dificuldades, estão vivenciando um momento muito fértil de reflexão e análise da educação guarani, e com base nelas, construindo diferentes caminhos para o que consideram importante para a formação das crianças e dos jovens.



**“O Projeto Kurimguê Maity busca contribuir para a vivência das crianças e dos jovens guaranis dos conhecimentos ensinados pelos mais velhos”**

---

Esse processo de construção traz grandes encantos para quem, de perto, pode acompanhar. Os mais velhos da aldeia, com base em suas sabedorias e experiências de vida, aconselham as lideranças e iluminam esses novos caminhos. Observamos, nesse processo, a memória dos velhos guaranis como *geradora do futuro*, assim como escreve Merleau Ponty: “o tempo da lembrança não é o tempo passado mas o futuro do passado”<sup>2</sup>. Aprendendo com os Guarani o que é importante para a educação das crianças e dos jovens, construímos juntos esse belo caminho que irei compartilhar aqui.

O Projeto Kurimguê Maity busca contribuir para a vivência das crianças e dos jovens guaranis dos conhecimentos ensinados pelos mais velhos. Integram o conjunto de atividades a apropriação do saber guarani em atividades como o plantio, com a troca de mudas e sementes, técnicas de cultivo, tratamento e recuperação do solo; o artesanato, com a troca de mudas e sementes de plantas que produzam matéria prima para essa atividade, práticas de manufatura do trabalho artesanal; troca de mudas e sementes de ervas tradicionais que constituem a farmácia e a medicina tradicional guarani, bem como de ervas cerimoniais fundamentais para a realização de seus rituais, plantas tradicionais que possuem preparo específico na cultura guarani. Para tanto é central a consideração do intercâmbio entre as aldeias para as práticas que visem o cultivo da transmissão de saberes conforme tem-se dado milenarmente na cultura guarani<sup>3</sup>.

Em 2003, conhecemos o projeto de lei elaborado pelo vereador Nabil Bonduki: Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), cuja finalidade é “apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município de São Paulo, desprovidas de recursos e equipamentos culturais”. Enviamos o Projeto Kurimguê Maity, o qual foi aprovado em janeiro de 2004. A possibilidade de ter o apoio da Secretaria de Cultura para um projeto elaborado e realizado pela aldeia guarani é singular entre as formas em que a articulação do poder público e as aldeias indígenas acontecem. Essa oportunidade trouxe grandes aprendizados para as discussões do grupo Oim Iporã ma Ore-rekó sobre o compromisso político da universidade pública e o papel da extensão universitária.

2 BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2003, p.66-67.

3 São palavras do texto do Projeto Kurimguê Maity enviado em outubro de 2003 para a Secretaria de Cultura do Município de São Paulo.

## O cultivo

Com mourões de eucalipto e cerca de arame, o espaço da horta foi construído. Quando a horta estava pronta, as crianças cantaram porque ali seriam plantadas as ervas medicinais tradicionais.

Verá Mirim nos ensina que o espaço construído para a horta deve ser visto como algo muito maior do que um “espaço físico”. Compreendi que aquele era um lugar que nos preparava para caminhar e aprender em muitos outros. Preparar o espaço da horta é preparar a terra onde sementes e mudas de outras aldeias crescerão e ganharão força. Caminhando pela Tekoa Pyau, no meio de tantos eucaliptos (que retiram os nutrientes da terra), encontramos um espaço rico de plantas sagradas, uma terra fértil para o desenvolver das plantas e fértil também para grandes aprendizados.

Verá nos mostrou que o nosso aprendizado no projeto, não era apenas o trabalho na aldeia, mas que devemos levar para toda a nossa vida. Quando as crianças vivenciam as sabedorias das plantas e dos animais, nós também, de uma outra forma, as vivenciamos.

Nesse trabalho, Verá Mirim, junto dos mais velhos, lideranças e professores guaranis, realizou diferentes atividades com as crianças e os jovens, como forma de possibilitar a experiência de vida dos saberes ensinados pelos mais velhos, tais como atividades na mata, transmissão das histórias dos antigos, oficina de artesanato, plantio de *avaxi* e *ka'a*\*, e a construção de oca com folhas de palmeira e *taquara*.

No desenvolver do trabalho, aprendemos que a demarcação das terras é fundamental para a educação guarani. Um dia fomos com o Verá Mirim e as crianças da Tekoa Pyau buscar sementes (*kaírexa*) na área protegida do Parque Estadual do Pico do Jaraguá. Verá Mirim, observando a natureza e como se sentia nela nos disse: “A sala de aula do Guarani é a natureza. Quando a criança entra na mata os conhecimentos vão aparecer para ela, ela vai aprender os nomes das plantas, como crescem, vai conhecer os bichinhos, os sons dos passarinhos... Quando o pajé pede para a gente buscar um remédio na mata, ele não precisa contar onde ele está. Quando o Guarani está na mata, com o coração aberto, ele recebe a sabedoria de Nhanderu, ele vai aprendendo. Quando ele olhar para a planta, ele vai sentir



\* *ka'a*: erva mate



que é aquela o remédio. Os *jurua* são diferentes, eles aprendem em um lugar fechado, sem observar, ele aprende lendo nos livros como as coisas são”.

Realizamos também duas viagens para outras aldeias. A primeira aconteceu em agosto de 2004 para a aldeia Krucutu, localizada em Parelheiros – SP. Na noite do batismo de erva, as crianças e os jovens aprenderam com os mais velhos e com os *yvyraija*\* das aldeias de São Paulo conhecimentos dos antigos e receberam conselhos sobre como deve ser o aprendizado dos saberes Guarani. Nessa viagem, recebemos da Tekoa Krucutu mudas de Ka'a (erva mate) para serem plantadas na horta.

Em dezembro do mesmo ano fomos para a aldeia Ribeirão Silveira (Boracéia/SP). As lideranças dessa aldeia organizaram diversas atividades a serem desenvolvidas com as crianças e os jovens. As crianças pequenas aprenderam a pescar, crianças e jovens foram aprender na mata a colher materiais próprios para o artesanato guarani, como a *taquara*. Penso nessa viagem como belas descobertas, assim como aconteceu quando fomos para a praia e várias crianças ainda não conheciam o mar: foi lindo vê-las experimentando a água do mar, a sensação das ondas, os grandes mergulhos no rasiño...

O projeto Kuringuê Maity continua até junho de 2005, quando ele completa um ano. Com base nos aprendizados nesse trabalho, pretendemos dar continuidade e enviar um segundo projeto para o Programa VAI, chamado *Kuyringue: hoexa'arupi - a visão das crianças*.

Nossos aprendizados no projeto foram muito além do que imaginávamos aprender. Se, em muitos momentos, a forma de organizar e realizar o trabalho dos Guarani era desconhecida para nossos olhos, fomos aprendendo a abrir nossos sentidos para um caminho que estamos a desvelar. Penso que eles só foram possíveis, pois na vivência ao longo desses anos nas aldeias, os Guarani foram nos orientando como a abrir nosso olhar, nossa forma de ouvir e sentir.

## **O avaxi**

Escolho compartilhar o que juntos colhemos nesse projeto, com as palavras de um grande poeta.

\**yvyraija*: líder espiritual

## *HORIZONTE*

*O MAR anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
Esplendia sobre as naus da iniciação.*

*Linha severa da longínqua costa –  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstrata linha.*

*O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esperança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –  
Os beijos merecidos da Verdade.*

*Fernando Pessoa  
(em: “Mensagem” - Segunda parte: Mar português)*



*"Marco entra in una città; vede qualcuno in una piazza vivere una vita o un istante che potevano essere suoi; al posto di quell'uomo ora avrebbe potuto esserci lui se si fosse fermato nel tempo tanto tempo prima, oppure se tanto tempo prima a una crocevia invece di prendere una strada avesse preso quella opposta e dopo un lungo giro fosse venuto a trovarsi al posto di quell'uomo in quella piazza. Ormai, da quel suo passato vero o ipotetico, lui è escluso; non può fermarsi; devi proseguire fino a un'altra città dove lo aspetta un altro suo passato, o qualcosa che forse era stato un suo possibile futuro e ora è il presente di qualcun altro. I futuri non realizzati sono solo rami del passato: rami secchi.*

*- Viaggi per rivivere il tuo passato? Era a questo punto la domanda del Kan, che poteva anche essere formulata così: - Viaggi per ritrovare il tuo futuro?*

*- E la risposta di Marco: - L'altrove è uno specchio in negativo. Il viaggiatore riconosce il poco che è suo, scoprendo il molto che non ha avuto e non avrà."*

*(ITALO CALVINO)*

## CONHECI ALGUMAS ALDEIAS, NOVA CULTURA, NOVAS IDÉIAS

### Viagens feitas a outras aldeias Guarani

*visitas, que contribuem para a  
realização de um trabalho ainda  
melhor, com o conhecimento do  
modo de vida Guarani*

---



Tivemos a oportunidade de conhecer muitas aldeias Guarani nesse período. Visitamos a casa do irmão, da tia, do sogro, da prima, visitamos outras casas da família Guarani, onde sempre fomos recebidos de braços abertos e de onde saímos sempre com mais sabedoria. Além do enorme prazer e felicidade, nos sentimos muito honrados com a possibilidade dessas visitas, que contribuem efetivamente para a realização de um trabalho ainda melhor, com o conhecimento do modo de vida Guarani. Fomos a Aguapeú, em Mongaguá para realização conjunta da Casa de Barcos e da Casa de Cultura. Visitamos as outras duas aldeias da cidade, na Zona Sul, a Barragem (Tekoá Tenondé Porã) e Krukutu, para reuniões discutindo assuntos relacionados aos projetos, para tomar banho na represa, para conhecer exemplos de construções. Na Krukutu, este ano durante um final de semana, houve a primeira viagem das crianças do Jaraguá dentro do Projeto Kurimguê Maity.

Fomos a Paraty, final de semana prolongado (para nós *jurua*) para uma imersão de cultura Guarani. Dormimos na *opy*, dormimos em rede, dividimos o alimento, nadamos na cachoeira. Aprendemos muito sentados ao lado do fogo, com suas idéias, força, luta pela educação, pela terra, tanto com os mais jovens quanto com o mais experiente, o cacique Miguel, mais de 90 anos de sabedoria. Fizemos também uma bela reunião, onde contamos um pouco sobre nosso projeto e lideranças da comunidade contextualizaram a vida naquela aldeia. Ficou agendado para o futuro uma parceria, trabalharmos juntos, realizarmos em conjunto um projeto como o da horta das crianças.

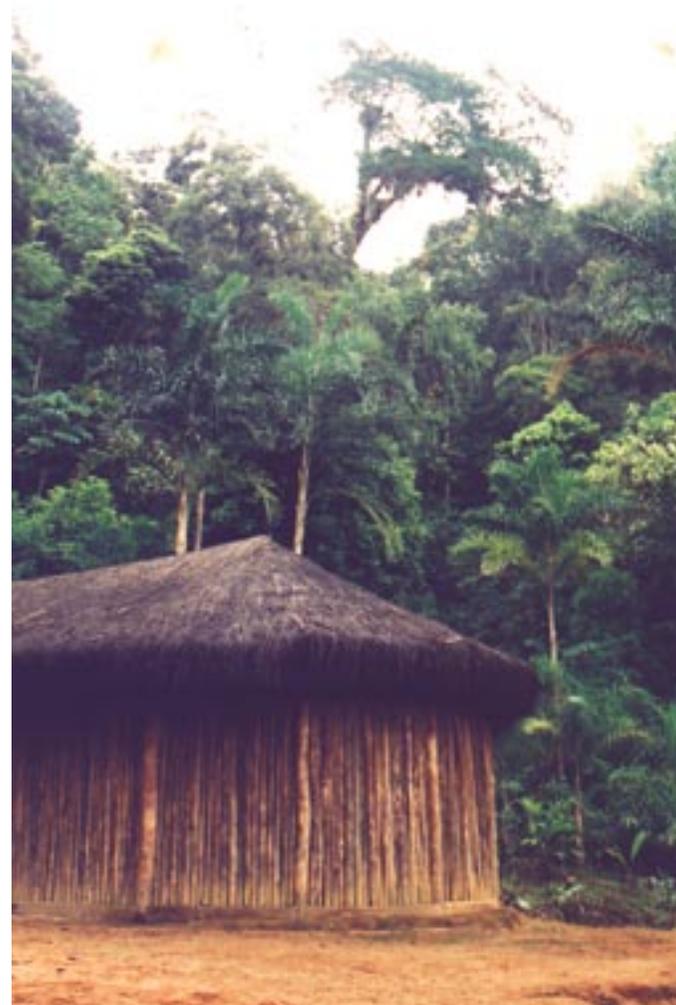
Em Boracéia, entre Bertioga e São Sebastião, um final de semana de intensas atividades que equivaleram a vários dias. Fomos em dois ônibus com muitas crianças do Jaraguá, que aprenderam a pescar em rios de águas cristalinas, oriundos de nascentes da Serra do Mar. As mais crescidas coletaram sementes e outros materiais na mata para levarem de volta ao Jaraguá, já que lá isso não é possível, sempre guiados pelos mais experientes. Tivemos oportunidade de participar de praticamente tudo, dormir na *opy* e tomar banho em várias cachoeiras. As atividades foram registradas tanto em vídeo (por eles) quanto em fotografia (por nós). Mais uma vez foi a chance de conhecer uma aldeia muito bonita e receber muito aprendizado.

A previsão é de que ocorram mais algumas viagens, a trabalho, dentro do Projeto Kuringue Maity ou de outros que surgirem, viagens para simplesmente conhecer novas aldeias Guarani que são fontes de tanto conhecimento e também viagens para visitar nossos amigos Guarani e ter mais momentos agradáveis e importantes em nossa vida.

*Na página anterior, aspecto da reserva de Paraty-Mirim, litoral sul fluminense.*

*À direita, nesta página, casa na aldeia de Ribeirão Silveira, Boracéia.*

*Na página seguinte, reunião à tarde, depois do almoço e antes da partida de volta a São Paulo, com os grupos que coletaram material na Mata Atlântica de manhã para confecção de artesanato.*





*“Se eu pudesse contar uma história com palavras, não precisaria de andar com uma câmara”*  
(LEWIS HINE)

Integrantes do Oim-ipurã-ma Ore-Rekó realizam oficina de vídeo com o VIDEOFAU, treinando para realização de um documentário



## REXAPA

### A linguagem do vídeo e da fotografia aplicada aos registros de atividades, discussão de educação e divulgação da cultura

#### Vídeo Documentário

Em 2001 surgiu uma idéia de se produzir um vídeo documentário com a comunidade, objetivo levantado pelo grupo na metade daquele ano e que aos poucos começou a tomar forma e ser apropriado também por eles. Havia o desejo de se realizar um documentário que daria continuidade a experiências anteriores com vídeo que levaram à produção do documentário “*Jandira*”<sup>1</sup>, de 1992.

Como todas as atividades por nós desenvolvidas na aldeia, este projeto de vídeo também deveria ser construído com a parceria da comunidade para que pudesse ser concretizado. Sendo todas as “frentes” do nosso projeto guiadas pelo ideal participativo, o documentário não poderia ser diferente. Desta forma, o envolvimento da comunidade se daria em todo o processo da produção, desde a redação do roteiro e participação na captação das imagens até a fase final da edição.

Três foram os principais fatores que potencializaram o início dos preparativos para a realização do documentário. O primeiro fator está relacionado à reconstrução da *opy*<sup>2</sup>, um acontecimento muito importante para a comunidade e, portanto, considerado um bom momento para o início das filmagens, pois imagens e falas significativas poderiam ser geradas em função desse evento. Em algumas conversas com lideranças da aldeia, entre elas Sebastião Karáí Tataendy e Joel Karáí Mirim, entre outros, foi discutido a possibilidade de ser filmada a construção da nova Casa de Reza, começando assim um debate e a elaboração de outras idéias para um possível “roteiro” que não só tratasse da *opy*, mas também retratasse outros aspectos da vida da comunidade.

O segundo fator importante foi a aprovação no início de 2002 do projeto apresentado pelo Oim-ipurã-ma Ore-rekó ao Fundo de Cultura e Extensão<sup>3</sup> que arcaria com parte das despesas de material. Embora a verba liberada para insumos fosse limitada, já era o suficiente para dar início à produção.

1 Documentário realizado pelo Laboratório de vídeo da FAU em 1992 no Tekoá Ytu. *Ler nota a respeito em “Oó”*, página 29.

2 Que conto mais em “*opy*”, página 45.

3 Mais explicado em “*o que é extensão?*”, página 15

O terceiro foi a nossa aproximação com o laboratório de vídeo da FAU – VIDEOFAU, que resultou em uma parceria. O laboratório se comprometeu em fornecer o equipamento para uma espécie de treinamento, através de oficinas de câmera (super VHS) e áudio, indispensável para a produção do documentário, como também se comprometeu para a sua finalização nas ilhas de edição.

Dentro desse contexto, realizaram-se algumas reuniões na aldeia voltadas especificamente para a discussão do documentário, visando definir seus objetivos e o modo como deveria ser realizado e outras reuniões na FAU. Essas aconteceram ora com todos os membros do grupo de extensão, ora com alguns membros da equipe do laboratório de vídeo.

Havia um consenso entre as lideranças da comunidade e os estudantes do grupo que o tema central do documentário seria a relação da comunidade com a cidade. Nesse sentido, pretendia-se registrar como essa comunidade Guarani se insere no contexto urbano paulistano. Logo, o documentário teria como objetivo discutir como essa comunidade, ao mesmo tempo que faz parte da cidade e absorve elementos desse cenário cultural, ainda está intensamente vivendo e afirmando seu próprio repertório.

Dentro dessa situação, revelar, por exemplo, porque a comunidade precisa de um auxílio externo para construir sua opy, mostrando se isso é uma consequência do fato de viverem no meio urbano, onde não encontram a matéria prima necessária para construções. Discutir também se haveria algum tipo de implicação para a comunidade em função do financiamento provir da Pastoral.

Assim se tentaria desconstruir idéias equivocadas, como a “aculturação”, além de discutir aspectos ligados à chamada “questão indígena” junto com essa comunidade Guarani e comunicar isso para públicos diversos, registrando e traduzindo particularidades da dinâmica social desse grupo em cenas, as idéias elaboradas por nós estudantes juntos com os Guarani ao longo dessas conversas. Se caracterizaria como um espaço de comunicação que não apenas traria a discussão descrita anteriormente para a Universidade, mas também

***“o tema central do vídeo documentário seria a relação da comunidade com a cidade”***

---

*Abaixo: Luis, do Oim-ipurã-ma Ore-  
rekó, registra encontro entre Waiapi e  
Guarani, no Tekoá Pyaü, 2003*





Daniel e Amilton, com equipamento da FAU, meses antes da compra de uma câmera pelos integrantes do grupo

4 Estudantes que estavam mais empenhados naquele momento com o vídeo: Amilton, Carol, Daniel e Maurício.

5 Minutagem: sucintamente, o processo de minutagem consiste em assistir todo o material gravado anotando no papel a descrição de cada cena – numerada e cronometrada, destacando as mais importantes para posterior edição.

ofereceria oportunidade à comunidade de se fazer ouvir pela sociedade, falando tanto das dificuldades que enfrenta nesse contexto urbano quanto de seus projetos e conquistas.

Passamos o ano de 2002 nos preparando para a realização da proposta desse vídeo e com a aquisição de uma câmera pelos integrantes do grupo que decidiram investir uma parte da verba destinada às nossas bolsas, demos início a este trabalho.

O resultado mais importante alcançado a partir da compra da câmera de vídeo no final de 2002 foi ter propriamente iniciado as filmagens nas aldeias, registrando momentos importantes para as comunidades durante a reconstrução da Casa de Reza dos Tekoa Ytu e Tekoa Pyaü. Dessa forma, foram registradas práticas cotidianas que caracterizam a sua cultura. Um pouco de suas técnicas construtivas, suas formas de ensinamento e aprendizagem, suas práticas artesanais, seus cantos e suas rezas, sua história, sua forma de contar e seu jeito de ser. Em contra partida caminhamos pouco no que diz respeito a proposta inicial do documentário, reflexo da complexidade do tema e das dificuldades do nosso grupo ao executar tal tarefa, que exigia dos estudantes<sup>4</sup> mais empenhados nesse projeto grande dedicação.

Ainda que estivéssemos direcionados em registrar as técnicas construtivas e a forma de trabalhar das aldeias, tanto como registro como para novas experiências de trabalho, pudemos obter um bom material com entrevistas, cantos, aula de Guarani e outras atividades que se desenvolviam paralelamente à construção das *opy*.

Terminada essa primeira fase, que compõe uma seção do vídeo, realizamos duas tarefas: minutagem<sup>5</sup> de um material bruto contendo dez horas de gravação e pré-edição, que tanto nós como a comunidade têm cópia, resultando em uma fita VHS de cerca de 40 minutos de duração do material gravado. A partir dessa pré-edição e da observação das cenas já captadas, voltou-se novamente a discussão do documentário em si.

Além dos motivos iniciais, acredita-se que a falta de registro e documentos que comprovem sua forma de organização tradicional tem sido um dos principais motivos de preconceitos que estes grupos têm sofrido, como também têm servido de argumentos por parte daqueles

que disputam terras com eles.

Para o Oim-iporã-ma, essa produção visa captar as descobertas que temos feito, a sensibilidade que temos apurado e mostra um pouco os ensinamentos que temos recebido, bem como a história dessas amizades que fundamentam o nosso trabalho.

Durante 2003 percebeu-se a dificuldade na chamada edição final, pois embora houvesse um rico material captado, a falta de um roteiro definido previamente desanimou alguns integrantes e mostrou que para efetivação do trabalho mais discussões e mais imagens seriam necessárias. Entretanto, a câmera cada vez mais se tornou íntima na aldeia, passando a fazer parte de muitas atividades importantes, como no caso do evento de Educação Tradicional ocorrido em outubro de 2003, preparado com muito carinho pela comunidade e que mereceu o registro tanto em foto quanto em vídeo.

A partir de 2004, depois da pré-edição pronta e dos registros feitos em 2003, e os Guarani cada vez mais interessados pela linguagem e portanto pela compra de uma câmera de vídeo, o projeto tomou novos rumos. Dentro do Projeto de Horta das Crianças, o Kuringuê Maity<sup>6</sup>, um dos objetivos da comunidade seria o registro e acompanhamento das atividades através do vídeo. Ainda na dúvida por qual câmera comprar – um investimento grande a fazer, e pelo fato de nossa câmera estar relativamente ociosa, após algumas conversas entre os integrantes do grupo e com a comunidade resolvemos emprestá-la deixando-a assim lá na aldeia. Explicamos rapidamente o uso – parte técnica da câmera, e se apropriaram muito bem do equipamento, tendo sido feito registros muito bonitos. Muitas atividades importantes, resultando em mais de uma dezena de hora gravada, foram registradas. Após a captação, um segundo momento importante acontece, no qual temos colaborado e acompanhado constantemente, que é a passagem das imagens do formato DV – tecnologia avançada mas que só permite assistir através da câmera, para VHS, tradicional e comum, trabalho que realizamos em conjunto dentro da *opy* com um vídeo cassete (o único da aldeia) emprestado de um morador e a TV de outro. Enquanto realizamos essa tarefa, gravando uma fita na outra, assistimos e aproveitamos para discutir temas presentes nas imagens com membros da comunidade e organizar o material.

***“mostrar um pouco os ensinamentos que temos recebido”***

---

<sup>6</sup> Explicado pela Lela em “Projeto Kuringuê Maity” página 85.

Jovem Guarani coleta material para confecção de artesanato na Mata Atlântica, Boracéia, São Paulo



No relatório parcial de acompanhamento do VAI (Projeto Kurimguê Maity), surgiu a idéia dentro da comunidade de não elaborar um texto complexo, fora dos padrões culturais Guarani, mas constantemente exigida pelos órgãos públicos na realização de projetos, apresentação de resultados ou para receberem verbas. Fizeram um pequeno vídeo, contando a importância e descrevendo um pouco as atividades realizadas até aquele momento e acrescentaram algumas cenas já gravadas. A fita foi entregue na Secretaria Municipal de Cultura que aprovou a idéia.

### **Registro fotográfico**

A fotografia, outra linguagem importante, também não poderia estar ausente da vida do Oim-ipurã-ma, registrando suas atividades e colaborando com muitas discussões.

A priori é uma questão delicada, pois por muitos anos, ou melhor, praticamente sempre, enfrentaram o grave problema de terem suas imagens captadas sem autorização, e pior ainda, terem elas utilizadas igualmente sem autorização e na maior parte do tempo associadas a informações equivocadas e cheias de preconceitos que só reforçam alguns estereótipos. Isso em vista, como não poderia deixar de ser tivemos muito cuidado e respeito.

Desde o início da faculdade a fotografia sempre foi um grande interesse pessoal meu, mas esperei: Tinha em mente alguém chegando em minha casa para tirar fotos e a sensibilidade que ela deveria ter. A foto deve trazer um sentimento e isto não pode ser feito de qualquer jeito. É preferível deixar de obter muitas imagens superficiais, como foi o meu caso e de outros integrantes do Oim-ipurã-ma e continuar com o respeito.

Naturalmente, sabendo de nossa forma de trabalhar e cada um conhecendo mais o outro, o que é fundamental, muitas belas imagens nasceram. Nunca tivemos problemas em registrar as atividades, mesmo inicialmente, e assim felizmente hoje temos um bom material, uma amostra de nosso trabalho durante esses anos. Fotos essas tiradas pelo Fred e pelo Chico inicialmente, como no caso da construção da Escola, e

mais tarde com o aumento das atividades, pela Adriana, pela Carol e pelo Daniel. Adriana foi pioneira ao, além de tirar fotos, deixar a câmera algumas vezes com membros da comunidade por certo tempo, trazendo um olhar mais intimista e conhecedor. Revelaram-se grandes fotógrafos e percebemos o potencial e desejo que muitos têm, como o Evandro e a Poty. Conseqüentemente, assim como no vídeo, a utilização dessa linguagem passou a ser discutida.

Atividades registradas com fotografia: café da manhã com preparação de *xipá*, crianças brincando na cachoeira e observando fotos, recebimento de autoridades para inauguração da escola infantil, viagem à praia e o tradicional futebol inter aldeias.



Em 2002, com as discussões na Educação<sup>7</sup>, começamos a pensar formas de utilizar a fotografia para atividades da escola e Educação Tradicional. Contando com a colaboração e idéias de estudantes do grupo dessas áreas muitas idéias surgiram, como a realização de oficinas com as crianças da escola, que abrangesse desde a discussão de arte com o auxílio do desenho até a captação de imagens com latas<sup>8</sup> e posteriormente com máquinas fotográficas. Tema que já discutindo com os professores da Escola, a idéia aprovada mas que ainda não foi possível de ser realizada.

7 Ler “*Pegadas no barro, traços no caderno*” página 77

8 Experimento didático, consiste em fazer passar luz por um micro furo na tampa de uma lata, sensibilizando material como negativo ou papel fotográfico do lado oposto, formando assim uma imagem.

A partir de 2003, e mais intensamente em 2004, a comunidade passou a nos solicitar a “cobertura” de atividades e eventos na aldeia, numa espécie de ‘fotógrafos oficiais’, talvez pelo fato de sempre termos o cuidado de tirar fotos com autorização e após captadas as imagens entregar uma cópia de tudo para a comunidade. Assim registramos visitas de outros grupos da cidade na aldeia, de membros de outras etnias, apresentações de canto das crianças, inaugurações e festas na comunidade, viagens e partidas de futebol.



Não fiz, nem pretendia, um trabalho etnográfico ou de antropologia visual. Embora cada vez mais a fotografia esteja presente nas atividades do grupo e seja do meu interesse. Por exemplo, com o Kurimguê Maity, estava prevista a compra de uma câmera para atividades educacionais e acompanhamento, mas até agora eu tenho feito essa ‘função’, tendo o prazer de registrar as atividades na aldeia e as viagens<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Falo mais em “*Conheci novas aldeias, nova cultura, novas idéias*” página 93.

## Reflexões finais

No início deste processo, ainda no desejo de produzir um vídeo documentário na aldeia, as conversas com os Guarani abordavam ainda a permissão de gravar a aldeia e a proposta de uma produção participativa. No desenvolvimento da relação, fortaleceu-se tanto a idéia de concebermos juntos o tema central do documentário, como o desejo dos Guarani de se apropriarem desta linguagem audiovisual para ressaltarem sua cultura às crianças e aos visitantes da aldeia, e como pudemos constatar depois a Guarani de outras aldeias pelo Brasil.

Das idéias propostas no roteiro inicial, as já contempladas nas dez horas de gravação realizadas foram a reconstrução da casa de reza e a entrevista com Sebastião. Ele levou consigo uma cópia para sua atual aldeia, para onde se mudou no início de 2004, Água Santa em Laranjeira do Sul, no Paraná, e em visita recente nos contou que a comunidade aprovou o trabalho e o registro. Descreveu com muito entusiasmo suas atividades e inúmeros projetos com a nova comunidade, dentre eles futuramente construir uma escola Guarani, assim como a Djekupé Ambá Arandu e uma nova casa de reza, com a intensão de registrá-la em vídeo também, convidando-nos a brevemente visitá-lo e se possível ainda participar desses novos projetos.

As imagens gravadas inicialmente são representações de nossos olhares sobre a cultura Guarani, uma vez que éramos nós, *juruá*, quem registrávamos estas imagens. Focávamos com a câmera muitas vezes objetos de nosso estranhamento, deixando de focar momentos que passam despercebidos devido à nossa falta de conhecimento sobre a cultura Guarani. Se estávamos nós, portanto, a retratar a cultura guarani com nosso olhar não-indígena, de que maneira, em um trabalho participativo como este se propõe, o ato de gravar poderia ser participativo? Ao longo do tempo, nos dando conta e sentindo esses momentos, percebemos que a participação mais importante que poderia acontecer é justamente nessa transformação que acontece conosco.

Dentro do processo nos deparamos com a edição do material obtido. Hoje em dia nossa

---

***“transformação”***

***“registrar  
divulgar a cultura  
desconstruir estereótipos”***

---

sociedade vive já uma edição. Não estamos mais acostumados, provavelmente muitos desconhecem as imagens e a situação em sua totalidade originalmente. Podemos dizer que somos bombardeados por tantas informações visuais que só uma edição apurada consegue fornecer. No Jaraguá, nos deparamos com importante característica Guarani que é a não fragmentação do conhecimento. Percebemos que simplesmente o conceito de edição (recortar trechos das imagens e realocá-las de forma precisa) não consta do repertório cultural Guarani.

Portanto, como seria a participação deles, e o desejo, dentro de uma ilha de edição? Fato igualmente repetido na fotografia, pois sempre desejam ter um olhar sobre o todo, e não uma amostra. Como demonstrado no caso de se passar todo o material registrando o Kurimguê Maity para VHS de forma idêntica ao DV, com muitas horas de gravação. Como também não há uma idéia fechada e imutável da utilização desse material até agora, pode ser que mais para frente, estabelecido diferente uso se defina a utilização por esta ou aquela imagem.

A fotografia abre espaço para muitas possibilidades, como as relatadas anteriormente, desde o simples, mas importante, registro – como memória visual das atividades, até como suporte à área de educação e documentário de seu modo de vida e pontos de vista com objetivos de divulgar a cultura e acabar com estereótipos, numa constante troca de informações e intercâmbio de conhecimento.

Se hoje possuímos um acervo com fotografias muito belas – não só plasticamente mas de “conteúdo” – tenho certeza dever ao fato de felizmente, estarmos começando a conhecer gradativamente a essência da vida Guarani, que nos tem transformado.

Tanto o projeto do vídeo documentário quanto o de fotografia não se encontram isolados, mas dentro de um contexto maior que envolve todo o trabalho do Oim-ipurã-ma Ore-rekó. As questões surgidas ao longo do processo enriquecem nosso trabalho de extensão, a relação do grupo com a comunidade e entre os próprios participantes. Ao mesmo tempo que caminhamos bastante essas indagações não deixam de existir, considerando que tão importante quanto um vídeo documentário pronto e editado ou uma exposição de fotografias seja todo o processo cheio de conversas, dúvidas e aprendizado.







## DE TUDO FICARAM TRÊS COISAS

**Transformação**  
**Cuidado**  
**Complexidade**

*“aprendizagem em minha  
vida nesses últimos anos”*

---



Em 1998 ingressei na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, iniciando assim minha formação como arquiteto e logo em seguida, 1999, surgiu a experiência interdisciplinar de extensão com os Guarani. É impossível para mim desassociar um do outro, pois estão intimamente ligados e responsáveis pela aprendizagem em minha vida nesses últimos anos.

A FAU, além de fazer parte de uma universidade pública, oferece grande amplitude em sua formação, de onde acabam saindo arquitetos voltados a projeto, paisagistas, críticos de arte, fotógrafos, cineastas, artistas plásticos, cenógrafos, desenhistas industriais, designers gráficos, urbanistas e muitos outros “tipos”. Era inicialmente do “tipo” urbanista, provavelmente influenciado pela vida nessa metrópole. Percorrendo a faculdade, ao longo de semestres de aulas e trabalhos, tardes de leitura na biblioteca, ampliações de fotografia P&B no laboratório, o urbanismo, ou “os problemas da cidade”, não foi descartado, mas passou a dividir meu interesse, que a meu ver é possível. A fragmentação do conhecimento ou a atual especialização que o chamado mercado de trabalho quer ditar é prejudicial e só empobrece a cultura. Divido o interesse, mas não o conhecimento, pois tenho certeza que cada uma dessas áreas têm constantemente contribuído com a outra. Assim como no trabalho interdisciplinar com os Guarani, contando com alunos de diversas faculdades dessa Universidade, de formação variada, onde cada um pode trazer consigo uma grande contribuição e levar de volta para sua área específica muito aprendizado, possibilitando e enriquecendo o Oim-iporã-ma Ore-rekó.

Não temos uma sede, mas sim um acervo ambulante com fitas de vídeo, álbuns de fotografia, livros, desenhos, revistas e alguns textos, em caixas que se movem entre as casas dos participantes, material que foi se acumulando quase que sem querer, mesmo sem essa preocupação específica. Na hora de contar essa história e passar aos leitores um pouco desse aprendizado, recolhi e tentei organizar esse importante acervo, contando obviamente com o mais rico deles, o material que está na memória, presente na transformação de cada um. Neste momento, apliquei um pouco mais do que aprendi na FAU, utilizando o design gráfico para ela se tornasse mais compreensível e agradável.

O projeto gráfico para o livro não vem de uma fórmula mágica nem seguiu uma receita pronta. Contribuíram desde as aulas de tecnologia e história que frequentei, até as exposições que visitei, os filmes que assisti e os livros que li. E ele não tinha uma cara definida no começo. Na verdade foi se revelando aos poucos, durante os últimos meses, talvez como o belo cesto Guarani, que tem a base quadrada, e em direção ao topo vai se tornando cada vez mais redondo, até terminar num círculo, assim como a vida que vai se moldando ao longo dos anos. Conversei bastante, colhi alguns depoimentos, falei com professores da FAU e da ECA com funcionários do laboratório de programação gráfica da FAU, escrevi, li e reli muitas vezes. A poucos dias, quando percebi que não era um livro com imagens bonitas, e sim quase um ensaio, um relato histórico, tentei fazer um desenho gráfico que desse sentido a isso.

Ao contar essa história, depois de tantas conversas, espero ter ficado claro a complexidade do tema e o cuidado que tivemos e imaginamos ser necessário nessa abordagem. Acompanhamos a tentativa de articulação entre segmentos do Poder Público, a luta pela autonomia e sustentabilidade financeira. Percebemos a importância do espaço para educação e para a vida. A resistência, criatividade e projetos de uma comunidade Guarani que depende algumas vezes da doação de pessoas e outros tipos de organizações, assistencialismo esse que aceito, diante da dificuldade, em nada serve para resolver os problemas realmente. Vimos que não é raro *juruá* aparecer com idéia pronta e mirabolante, na tentativa de aplicar aos Guarani como forma de obter renda ou mesmo “resgatar” sua cultura, com total desconhecimento dela. E por fim o papel importante de uma universidade crítica.



*Ajacá* - cesto Guarani

Adriana, Daniel, Eloísa, Daniela, Luciano, esse grupo de estudantes hoje está quase todo formado, sendo que muitos cursam pós-graduação, estudando temas direta ou indiretamente ligados ao Oim-iporã-ma Ore-rekó. Mas permanece aberto. Em 2004 muito de sua discussão centrou-se na sua continuidade. Novos companheiros surgiram, inclusive de outras universidades: Alexandre, Aline, Ana Paula, Cristiane, Daniela, Tania, entre outros, além dos que mesmo a distância, como a Alda, o Amilton, a Ana, a Carol, o Chico, a Leslie, o Maurício, o Pedro, o Rodrigo, o William e muitos outros continuam dando muita força. Somos um grupo de estudantes que praticam a tal da extensão. E depois? Qual o nosso papel? Esperamos em breve ver o envolvimento de um número maior de pessoas e principalmente de novos estudantes, que nos ajudem a encontrar respostas para essas questões e buscar muitas outras novas.

## DEPOIMENTOS

### Memória dos participantes do Oim-iporã-ma Ore-rekó

A seguir apresento depoimentos que solicitei a antigos e atuais participantes do Oim-iporã-ma Ore-rekó, contando histórias, lembrando fatos marcantes e descrevendo algo de suas participações.

**Francisco Toledo Barros - Tupã Jekupé**, participou de 1999 a 2002:

*Segundo requisitado pelo companheiro hora em formação, que demanda “um pequeno texto, livre, contando a partir de seu ponto de vista sua experiência, ou o que você achar que é importante, ou algum fato que marcou, ou alguma reflexão dentre tantas temáticas abordadas, ou algum caso, ou como influenciou sua formação ou qualquer outra coisa que não citei aqui (...)”; relatamos abaixo dado momento, dentre tantos (!!)* vivenciados em nossos trabalhos conjuntos com os Guaranis. Foram anos de mudança, de aprendizado, de formação coletiva. Assim, de modo a buscar acrescentar algo, mas certamente pouco, ou quase nada diante do trabalho já extenso e cuidadoso que vos chega às mãos por escritor tão competente, contribuo:

*Em noite fria de chuva, saídos da faculdade, pelo trânsito da marginal, de esgoto concentrado a se diluir pelas águas de fuligem escoadas ao Pinheiros, carregados de idéias, desenhos, caminhos a propor aos guaranis para sua futura escola, cruzamos o caos da cidade erguido por mandos desarticulados, rachados pela separação, fragmentação dos fazeres, da vida.*

*Hora após, adentramos, de cabeça baixa, sala de sapê e pau a pique. Opy. Ainda em São Paulo, mas fora de sua vida, de seu modo de ser, fazer. Fumaça, gotas na mata, e conversa. Todos lá. Mais velhos, mais vividos, mais jovens, crianças a mamar no peito. A chuva adentra algumas frestas.*

*Conversam em guarani, sentamos, ouvimos, aguardamos. Tio Kambá fala, ensina, chama a atenção. Fala em português: tem gente que vem, diz, e vai. Vem, diz, e vai. Diz da importância da reza, daquele local. De que não adianta lá fora ter de mal e depois vir, buscar o bem. Fala, chama atenção, das chuvas que enchem os rios, como deve ser, mas brancos fazem estradas em suas margens, fazem casas nas montanhas, que não gostam e os expulsam, como a tapear um mosquito: desmoraamentos e morte nos morros. Temos de respeitar, entender como é.*

*Não sabemos bem como foi, mesmo, mas estávamos cheios de desenhos, de idéias, de propostas, de caminhos. Tínhamos já pronta, cada um do labhab, a escola dos guaranis em papel e caneta.*

*Tio Kambá pede que apresentemos as propostas.*

*Não sei bem como foi, mas não mostramos nada, guardamos nossas folhas.*

*Colocamos ao chão instrumento simples, mas rico, um maquetomóvel, como antes usado por Reginaldo. Um tabuleiro com plaquetas, que permite projetar em três dimensões. Pedimos que fizessem eles mesmos a escola. Como seria para eles a escola.*

*Em quinze minutos, rodeiam maquete, debatem, vão todos, ter com as peças. Palpitam, apontam, mudam, concordam, fazem cara feia,*

*sorriem. Dizem tudo, discordam, derrubam, refazem. Usam por vezes palavras por nós conhecidas: computador. Olham, de perto, de longe, rodeiam, vem todos, ter com as peças, e apresentam o projeto.*

*Ali seria a sala de aulas, ali, para comer, cozinha, lugar para os professores, banheiros, de meninos e meninas, tudo ali, como bem entendem, como sabem o fazer, de uma escola, instrumento de luta para que sua cultura não se esvaia pelas antenas de televisão.*

*Foi aula de arquitetura como nunca se vê em sala de aula, na fau, apartada, alienada do fazer, do viver. Temos na Fau ensino morto, separado das questões que a vida impõe. Vive-se fantasia, fragmento descolado, de exercícios com serventia apenas aos brios imaginários de poder do arquiteto, que se forma assim, a reproduzir, a manter as práticas que resultam em cidades, em aglomerados insanos, espaços de mando, obediência, autoritarismo e opressão.*

*Extensão universitária. Se fizessem todos, como deve ser, talvez alguma dia o vestibular não existisse mais, a universidade essa não existiria mais, a servir poucos, filhos poucos. Talvez daí essa cidade também não existisse mais. Estaríamos a apreender, a formar gente a fazer, a trabalhar, e não viver a gozar o mandar de cima os outros a suar e trabalhar. Tudo isso, certamente viria, com o sair da sala de aula, com o caminhar.*

**Daniel Sene**, participa desde 2001:

### ***Sobre a Importância do Oim Iporã Ma Ore-rekó***

*Escrever sobre o Oim Iporã Ma Ore-rekó é escrever sobre minha vida na Universidade, sobre meu aprendizado, minhas amizades, minhas crenças, o que espero dessa nossa USP, sobre o que acredito que seja uma postura responsável e não assistencialista de Extensão Universitária, que coloca o estudante frente a uma realidade complexa e distinta, em muitos casos, daquela mostrada em sala de aula e que partir daí completa um. Portanto falar desse projeto não será algo simples e sei que também não conseguirei me aprofundar o quanto gostaria nas questões primordiais, de qualquer forma espero deixar minha mensagem àqueles que lerem o texto, à alunos, professores, funcionários, familiares, pessoas de fora da Universidade, pessoas interessadas.*

*Quando entramos na Universidade somos como um animal jovem, cheio de energia, mas que não sabe como gastá-la, que corre, corre, corre, mesmo que para isso tenha que dar voltas e mais a voltas a toa ou se meter em tudo que é buraco que aparece pela frente. Meu primeiro ano foi assim e logo me deparei, no primeiro semestre, com o II SEMEXA (Seminário de Extensão) organizado pelos estudantes da USP, muitos deles da FAU e um tempo depois com outro seminário sobre o Fórum Social Mundial. Essas iniciativas me mostravam um caminho que não aquele de dez matérias por semestre, com professores desinteressados e desestimulados, que propunham trabalhos tarefeiros e pouco produtivos; me mostravam um caminho que vislumbrava lutas, que defendiam ideais progressistas e que não estavam parados no tempo como aquilo que vivia na FAU. Hoje me questiono porque entramos na faculdade e logo somos bombardeados com infinitas matérias e trabalhos intermináveis? Por que somos obrigados a frequentar a faculdade dia e noite por três anos consecutivos, sem*

*tempo nem para irmos ao médico, ou melhor, para ficarmos doentes, porque nosso corpo se defende com unhas e dentes até entregarmos nosso último trabalho e quando pensamos que as férias chegaram e poderemos viajar, ele (nosso corpo) relaxa, “abre o bico” e pegamos aquela bela gripe. Por que ter que sofrer ao invés de termos prazer com o que estamos aprendendo dia-a-dia? E foi por esse caminho que fui buscando o que realmente me interessava e motivava e em abril, dois meses depois de ter entrado na FAU já estava participando do Oimporama, não só do Oimporama, como de uma série de outras atividades extra curriculares. Mas esse texto é pra falar desse Projeto, “do projeto dos índios” como é conhecido na FAU.*

*Trabalhar com uma cultura distinta é em primeiro lugar estar disposto a aprender. Trabalhar com os Guarani é buscar uma das principais origens indígenas do nosso país e da nossa própria cultura. Uma das primeiras coisas que aprendi foi que “índio” não é uma boa classificação, pois não sei se eles gostam, tão pouco esclarece muita coisa. O que escreverei a seguir se relaciona com alguns guaranis, os que pude estabelecer contato mais próximo durante esses quase quatro anos de trabalho e que passei a chamar pelo nome, como bons amigos. Também falarei um pouco da USP, pois assim como a aldeia é nossa casa fora dos muros, para dentro deles temos muito o que trazer, criticar e construir.*

### ***Sobre a Importância da Extensão Universitária***

*Em uma Universidade em que o Ensino e a Pesquisa já possuem raízes bem fincadas a Extensão ainda tem um longo caminho pela frente. Caminho que já é trilhado há certo tempo e que abre infinitas possibilidades a cada ano que passa. Em uma “pasta” que cabem os mais variados tipos de papéis (em geral tudo que não cabe na Pesquisa e no Ensino) cabe as seguintes questões: que caminho deve*

*tomar a Extensão Universitária praticada na USP? Como fortalecer as atividades que realmente articulem esse nosso tripé de conhecimento? E mais importante, no meu ponto de vista, como envolver os discentes, nesse processo? Quando falamos (nós estudantes em geral) na indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão estamos criticando uma grande falha da Universidade: sua pequena interface com a realidade. Para um estudante que escuta diariamente sobre um mundo que está a sua volta, sua história, possíveis desígnios, ideais de solução, fica muito difícil entender porque dessa distância. Qual será o papel da Universidade nesse caso? Solucionar os problemas? Apresentar a comunidade estudos complexos sobre seu funcionamento? Análises e mais análises? Ao mesmo tempo que a Extensão não será a solução para os problemas do mundo, até que ponto a produção de conhecimento na Universidade não torna história, retórica e pouco contribui para uma reflexão externa a seus muros? Para o estudante o contato com a realidade é de extrema importância para o seu aprendizado, sobre isso não temos dúvidas. A partir do momento que ele estabelece uma via de mão dupla entre o que aprende em teoria e o que pode testar e receber de conhecimento externo, seu ensino passa a fazer mais sentido e sem dúvida esse intercâmbio é de extrema importância tanto para a Universidade quanto para as comunidades envolvidas.*

*Nesse sentido o Projeto Oim Iporã Ma Ore-rekó é exemplar pois desde 1999 consegue manter vivo um elo formado por comunidades indígenas Guarani do Estado de São Paulo e a USP. Por duas vezes o Projeto recebeu o reconhecimento da Universidade através de bolsas pelo Fundo de Cultura e Extensão, além disso muitos dos membros deste grupo tem seus TFGs e suas pesquisas de iniciação científica ligadas ao tema, que na maioria dos casos se tornaram projetos de*

*Mestrado e que seguindo esse caminho podem vir a fazer parte do currículo da USP quando esses, ainda hoje, estudantes tornarem-se professores.*

### **Sobre a Importância da Interdisciplinaridade**

*Quando os primeiros contatos entre estudantes e comunidade Guarani se deram em 1999 participavam apenas estudantes de arquitetura da USP. Nessa época projetos importantes para a formação daquele grupo e de cada um foram realizados, como a tentativa de construção de uma casa para uma das lideranças espirituais da aldeia e depois da construção de uma escola dentro da aldeia. Mas após sua construção o grupo, que naquele momento contava com três estudantes da FAU sentiu necessidade de abrir aquele projeto para outros estudantes da USP. Formou-se então o Oimporama Orerekó (como foi chamado na época), que desde seu princípio teve caráter interdisciplinar, hora com mais variedade de áreas de conhecimento, hora apenas algumas que tentavam ampliar seu leque de conhecimentos.*

*Embora o estudante, em geral, tenha consciência que pouco sabe é no contato com diferentes formas de conhecimento que ele entenderá o seu papel. Trabalhar com uma comunidade, ou melhor, com a realidade, é mais complexo do que qualquer especialidade e mais abrangente do que o conhecimento que cabe na mente de uma pessoa, portanto torna-se quase que obrigatório a participação de muitos pontos de vista sobre o assunto, incluindo, obviamente, o conhecimento local. Quanto mais caminhamos nesse projeto, mais acredito na necessidade que amplia-lo, tanto em número de pessoas quanto na profundidade com que encaramos os problemas que nos são apresentados. Enquanto estudantes e representantes de uma Universidade que possui uma gama gigante de áreas de conhecimento acredito na importância de buscar a maior abrangência possível em cada projeto que fazemos.*

*Para tornar mais claro meu raciocínio farei uma analogia com a medicina: o corpo é um organismo complexo e que precisa estar em equilíbrio para o seu bom funcionamento. Qualquer falha nesse sistema pode causar uma dor, alguma doença ou disfunção, mas o gerador desse problema pode ser qualquer coisa, desde uma pancada até algo que se alonga a anos na rotina da pessoa. Buscar a solução na especialidade é como encarar uma doença especificamente; para dor, tomar o anti-dor; para inflamação, tomar o anti-inflamação; para loucura, tomar o anti-loucura. Se a dor for em função de uma pancada é possível que o anti-dor resolva, mas se for em função de um stress acumulado não servirá para muita coisa. Em suma, não basta olhar para a doença e sim para o doente e para isso talvez o médico tenha que contar com a ajuda de um nutricionista, de um psicólogo e até com a compreensão do chefe daquela pessoa que não uma folga para ela.*

*Nas aldeias do Jaraguá (Ytu e Pyau) a coisa é muito semelhante. Se na aldeia os guaranis estão muito expostos à doenças não basta dar a eles remédio, porque em muitos casos eles não tem como se alimentar corretamente, as casas não são as mais adequadas, porque o matéria prima está escassa e talvez essa seja a causa da exposição as doenças. Por isso quando escrevemos um projeto para tal secretaria da prefeitura somos obrigados a aceitar uma esquizofrenia do mundo em que vivemos compactuar com falsas soluções, pois para gerar uma qualidade de vida razoável para qualquer comunidade ou pessoa precisamos inter-relacionar infinitas secretarias, escalas de poder (Prefeitura, Estado e União) e mais do que isso infinitas pastas de conhecimentos, que de tão separadas estarão fadadas a uma bela gaveta.*

*O que os Guarani e nosso projeto nos ensina é que estamos no caminho certo, buscando os conhecimentos nas mais variadas áreas*

*e tentando concatena-los, unindo o que aprendemos na aldeia com o que aprendemos na sala de aula, abrindo os ouvidos e o coração para a natureza e para os livros, para o que está escrito e o que é falado.*

*“chegamos a aldeia Aguapeú, em Mongaguá. A beira do rio esperamos nossa carona fluvial — de um lado está a cidade, de outro a aldeia, um rio tranquilo nos separa. O cacique Davi logo nos alcança com seu bote metálico e seu remo industrializado. Nos cumprimentamos, a viagem é rápida, logo estamos na outra margem. Seguimos por terra, mas ele percebe que no lado de lá há uma índia que acaba de chegar. Me espanto pois eles se comunicam apesar da distância. Chego mais perto e continuo não escutando, muito menos entendo o que dizem, já que conversam em Guarani. Não há gritos nem gestos brutos, mais algumas remadas e cá estão eles novamente conosco. Te digo que fiquei impressionado, pois eu a dois metros de distância não escutava nada e eles a mais de trinta se entenderam perfeitamente.*

*Não tirava aquele acontecimento da cabeça e certo instante naquela visita resolvi conversar com Davi sobre o fato: contei-lhe toda a história e por fim perguntei se ele achava que nós brancos, ou melhor juruás (não índios) falávamos muito alto. Ele riu de tudo aquilo e respondeu calmamente: alto não. Vocês falam muito.”*

**Adriana Queiroz Testa - Pará Mirim**, participa desde 2001:

*Minha casa fica entre a aldeia e a universidade, quer dizer, resido nesse entre-lugar de um caminho que afasta e aproxima esses dois universos. Aproxima porque é uma conexão geográfica entre os dois, mas também afasta pela sua própria existência: se não fosse o caminho, os pontos de partida e chegada estariam num só lugar mas, por outro lado, jamais escaparíamos da ilusão de reproduzir a cômoda imagem infinita de um destituído do outro, enfim, jamais sairíamos do mesmo lugar.*

*Esse caminho também serve de alegoria para minha experiência de extensão universitária no grupo Oim iporã ma Ore-rekó. Foi nele que conheci extraordinários companheiros de viagem, alguns dos quais, embora deixassem marcas indelévels no fundamento do nosso caminhar, em certo momento escolheram espalhar suas pegadas por outros percursos. É também nesse caminho, às vezes árduo, que ponho meus conhecimentos para andar. Sou exigente, sei, mas obrigoso a caminhar pesados de dúvidas, esperanças e inquietações até que, de tantos tropeços e hesitações, eles aprendem a soltar parte da bagagem, se abrem para trocar preciosas miudezas com novos e velhos amigos e, mais fortes e enternecidos, correm pela estrada destemidos. Foi assim que descobri que o caminho é contínuo, mesmo quando for transformado em experiência feita lembrança; e a disputa para definir qual ponto é chegada e qual é partida é tão ilusória como tentar distinguir entre o sonho e a vida.*

**Fernando Stankuns P. Figueiredo – Karaí Ruvixá**, participa desde 1999:

*Opy, final de tarde. Sentado num banco de madeira observo a luz teimando em entrar por entre as frestas de madeira e barro, refletindo no chão de terra batida, irregular, nivelada pouco mais baixo na área circular em volta do ponto central, fruto do constante caminhar. Ao fundo o baraká é afinado corda por corda, nota por nota... num ritual que se repete diariamente várias vezes. A lenha na fogueira crepita, mantém um fogo constante no cantinho da casa e traz uma sensação especial. A energia de todo esse ambiente também é especial. A conversa é lenta, pausada e saborosa. Aos poucos o ambiente é tomado pela fumaça de um cachimbo e o som vira uma melodia.*

JESSICA

*“COMO SE ANTES, A GENTE  
OLHASSE O CÉU E SÓ  
ENXERGASSE POUCAS ESTRELAS.  
ÁGORA, NA REZA. A GENTE FECHA  
NOSSOS OLHOS E VÊ UM CÉU  
ESTRELADO.”*

*DANIELA MORITA NOBRE  
(PARTICIPA DESDE 2001)  
DESENHO: PARAÍ*





**Tarsila Kato Barbosa de Oliveira**, participou em 1999:

*Comecei o trabalho como a aldeia do Jaraguá, fiz parte do primeiro grupo e tinha uma vaga idéia da existência de aldeias indígenas em plena região metropolitana de São Paulo.*

*Havia nesse trabalho muitos desafios e questões para nós não apenas como estudantes de arquitetura mas como cidadãos.*

*Começamos de forma ingênua e um tanto perplexos pela realidade enfrentada por essa minoria literalmente esmagada pelo meio urbano.*

*Fomos chegando perto, conhecendo, vimos os conflitos internos, externos, a religião os costumes ainda preservados e eles foram nos conhecendo e os laços foram sendo criados.*

*Há muito tempo me desliguei do projeto, mas a continuidade do trabalho com outros estudantes e até um ou outro da “velha guarda”, me enche de alegria e penso: os laços se tornaram realmente fortes!*

*Os estudantes tem muito a ganhar saindo de suas salas, trabalhando com os problemas reais, enfrentando os dilemas e responsabilidades, sem no entanto, deixar de lado a teoria, descobrindo assim a dialética da extensão universitária como ela deve ser.*

**William Eiji Itokazu**, participou de 1999 a 2002:

### **Aprender?**

*LabHab gFAU, idos de 1999. Uma criação que partiu de uma vontade tão natural de se saciar uma ansiedade por aquilo que não se vê e não se fala nas salas de aula, uma criação que partiu de uma vontade de se entender a inserção nos limites externos à sala de aula daquilo tudo que justamente se fala e se vê na sala de aula, uma criação que partiu de uma vontade de se trazer um conhecimento outro, que não vem da sala de aula, mas que sim! retorna a ela, amadurecida, ampliada e potencializada. Com tantas vontades no coração e uma lapiseira à mão, eis que então nos vimos lançados nessa tal aldeia guarani do jaraguá. O desenho da pequena residência de um quarto-sala-banheiro para o “pajé” José Fernandes e sua construção em regime de mutirão: com os guaranis, alguns pedreiros contratados, um engenheiro de obra e nós no “controle do projeto”. “Não! Não somos assistencialistas! Pretendemos a arquitetura que parte do projeto participativo, pretendemos o conhecimento que parte do entendimento sobre vocês e sobre seu modo de viver, pretendemos contribuir com nossa técnica também mas, acima de tudo, completar nossa formação de arquitetos.”*

*Pois bem, ei-nos lá, em pleno canteiro de obras, cerca de 20 alunos de 1º, 2º e 3º anos da faculdade, a prancheta trocada pelo próprio chão, a lapiseira, pela enxada, o professor, pelo pedreiro. A confiança no poder errar, e simplesmente com uma borracha apagar, ainda persistia sutilmente, inconscientemente, criando uma situação limite entre ter a coragem de tentar, e agir de maneira insequente e cega. Só o momento seguinte poderia nos esclarecer sobre isso. E esclareceu, e como doeu. Certamente o que apreendi desse processo ainda me é vivo como o dia de ontem: como não agir, como não pensar, como*

*não arquitetar. Os idos dois primeiros anos da FAU mal puderam suprir deficiências básicas no trato com o real, com o não-papel, com a não-lapiseira, não falo apenas sobre o desenho e o projetar, mas essencialmente sobre o entendimento da transposição dos limites seguros de uma sala de aula. Mais claro ainda ficara o caminho que deveria seguir se quisesse direcionar minha formação para aquele que iria saber lidar com o frio do cimento e o quente do humano num canteiro de obras.*

### **Arquitetar?**

*Idos 2000, fazimento do projeto de arquitetura para a escola guarani do Jaraguá. Como compor um desenho que não parta apenas da vontade do arquiteto, sobrepujando qualquer entendimento outro sobre espaço, daquele que irá de fato se apropriar dessa criação (não me iludo mais, ela não é nossa)? Como incluir nesta resposta um processo que abranja a dificuldade óbvia de comunicação entre dois fazeres arquitetônicos tão aparentemente imiscíveis? Então está resolvido: o maquetomóvel é a solução, exposto em uma reunião franca com os guaranis, aguardamos silenciosamente a exposição do entendimento deles sobre a arquitetura que deveria estar presente no desenho novo da escola. Eles riam muito durante sua própria projeção – falta de respeito? Então, finalizada a maquete, esclarecemos os novos passos a seguir: Desta maquete que vocês fizeram partirá uma base para um desenho no computador. Então seguiremos com estudos de concepção, de insolação, ventilação, circulação, fundação, estruturação, eletrificação, hidráulica, coberturação, paisagismação, detalhação, daí uma quantificação, orçamentação, licitação, contratação, execução e e fantástica inauguração! Estão felizes? E riam e riam – falta de respeito? Tempos vieram e o esclarecimento: eram risos mesmo, de diversão: Como vocês complicam tudo! Nós aqui pegamos o maior morador,*

*cortamos um pau do tamanho dele e fincamos na terra um tanto assim. Para cobrir pegamos aquelas folhas ali, para as paredes pegamos aquela terra dali, que é boa que só. As crianças pisam na terra, os homens amarram as madeiras, e todos assentam com as mãos, estão felizes? Como mensurar esse contraponto ao modular, ao planejar, ao desenhar, ao edificar, por fim ao fazer arquitetura?*

### **Viver?**

*Idos 1999, primeiros contatos com os guaranis do Jaraguá: crianças correndo descalças em casas que não são suas, mas de seus vizinhos, que também são seus pais, estão portanto também em suas casas, pertences distribuídos infinitamente pelo chão, num padrão de assepsia inconcebível: o chão não é só passagem, dele faz-se mesa, faz-se cama, faz-se calor, faz-se casa, a televisão faz chiados, o telefone é público, onde estão os carros? Uma visão que só me remete à miséria, à exclusão, à necessidade... mas então, por quê sorriem? Por quê brincam? Onde amam e têm prazer? Como nos recebem, com nossos carros e celulares incríveis, nossas roupas bem lavadas e bem cheirosas, nosso comer educado e andar refinado, como nos tratam assim tão próximos e carinhosos? As crianças nunca nos viram, mas não nos temem, nos tratam como tio? A comida é tão pouca, mas ainda é ofertada para nós? Suas casas são todas as aldeias, seus parentes são todos aqueles que realmente entendem que aquilo não é miséria, mas riqueza infinita, que não se vê nem se toca porquê não é matéria nem substância. Um belo que não se apreende pelo olhar, um sorrir que surge de uma simples música há sempre ouvida, um deleite que parte de uma broa de milho, um viver tão simples que, ainda que me torne tão ínfimo e vulgar, me surpreende, me trasntorna e me fascina.*



# A'EVETE

## Agradecimentos

Aos pais pela vida e educação.

Mariana pelas conversas e idéias para esse livro, e principalmente pela companhia e carinho.

Guilherme, Renato e amigos que compreenderam e colaboraram na mudança de rotina dos últimos meses para realizar esse trabalho.

Colegas da FAU que constantemente procuraram uma forma de colaborar.

Amigos da aldeia que abriram as portas da comunidade com o coração.

Aos amigos do Oim-iporã-ma Ore-rekó que fizeram esse trabalho ir tão longe e compartilharam seus conhecimentos, especialmente Lela e Adriana que enriqueceram o livro com textos lindos, e Chico, Daniel, Tarsila e William que enviaram seus depoimentos.

Funcionários da FAU, em especial aos do laboratório de programação gráfica - LPG, sempre muito atenciosos.

Professor Zibel, que nos guiou inicialmente, Chico Homem de Melo, que dividiu seus conhecimentos na arte gráfica e, Poty que brilhantemente nos acompanha desde o começo do trabalho e pacientemente nos tenta ensinar os melhores caminhos.

E finalmente ao amigo e professor orientador Reginaldo, pelos atendimentos generosos, dicas de deliciosas leituras e sutis ensinamentos.



# NHANDEPY

## Glossário Guarani

<i>A'evete</i>	obrigado	<i>Oó</i>	casa
<i>Arandu</i>	conhecimento	<i>Oca</i>	fora da casa
<i>Avaxi</i>	milho	<i>Opama</i>	acabou
<i>Epyta Nhanderu revê</i>	fique com Nhanderu	<i>Opy</i>	casa de reza
<i>Já'a jou pive</i>	vamos todos juntos	<i>Petenguá</i>	cachimbo
<i>Juruá</i>	não-indígena	<i>Rekó</i> ou <i>nhande rekó</i>	modo Guarani de ser, englobando seus costumes e visão de mundo
<i>Ka'a</i>	erva mate	<i>Rovai jajapyra</i>	do outro lado do Oceano
<i>Kai'rexa</i>	semente	<i>Tekoá</i>	aldeia, lugar onde vivemos segundo nossos costumes
<i>Nha nhemboé'a</i>	escola	<i>Yvyraija</i>	líder espiritual
<i>Nhanderu</i>	nosso pai, o criador	<i>Ywy marae'y</i>	terra sem mal
<i>Nheemogaraí</i>	feira de batismo	<i>Xeramõi</i>	pode ser traduzido como "meu avô"
<i>Oim-iporã-ma ore-rekó</i>	pode ser traduzido de diversas formas. Uma delas seria "tornando melhor nosso jeito de ser"	<i>Xipá</i>	comida típica Guarani feita com trigo

# O QUE LI, PESQUISEI E RECOMENDO

## Bibliografia

ANDRADE, Rosane de

*Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*

São Paulo: Estação Liberdade/EDUC, 2002

(sobre a relação da etnografia com a foto, antropologia visual)

ANDUJAR, Claudia

*Yanomami*

São Paulo: DBA - Dórea Books and Art, 1998

ANDUJAR, Claudia e LOVE, George

*Amazônia*

(dados incompletos)

(Consultei os livros da Claudia Andujar na Biblioteca do Memorial da América Latina e são de uma beleza extraordinária, com fotografias que por si só contam história belíssimas, sem palavras, frutos de anos de trabalho respeitoso com uma etnia indígena, os Yanomami)

BORDIEU, Pierre (org)

*A Miséria do mundo*

Título original: La misère du monde (vários tradutores)

Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

4ª edição, 2001

(Descreve a metodologia e fala sobre o jogo das entrevistas, justificando suas escolhas)

BOSI, Ecléa.

*O tempo vivo da memória : ensaios de psicologia social*

São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

(Tratado sobre a memória, o resgate, sua importância)

CALVINO, Italo

*Le città invisibili*

Verona (Italia): Mondadori, 2004

(Falando de cidades que ninguém sabe se existem mesmo ou não, Calvino traz importantes considerações sobre nosso modo de vida. Muito belo)

CANEVACCI, Massimo

*A Cidade Polifônica : Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*

2ª Edição Revista e Ampliada

São Paulo: Studio Nobel, 1997

CANEVACCI, Massimo

*Antropologia da comunicação visual*

Tradução Alba Olmi

Rio de Janeiro: DP&A, 2001

(Massimo, um Italiano que vem sempre ao Brasil, estuda a comunicação nas cidades, fala de semiótica, nossa sociedade complexa, o passeio pelas ruas etc)

FERRO, Sérgio

*Conversa com o arquiteto* realizada em 27 fevereiro de 2002 na FAU USP  
Organizado pelo LabHab gfau, gfau e outros estudantes.

(Aula proferida pelo arquiteto e professor Sérgio Ferrro, onde discorre diversos temas, como a relação de nossa profissão com o canteiro de obras)

FREINET, Celestin

*Educação pelo trabalho*

Título original: L'Education du Travail

Tradução de Antônio Pescada

Lisboa: Editorial Presença, dados incompletos.

(Educador importante, mostra como a aprendizagem se dá por diversas formas)

*GRAPHIS - The International Magazine of Design and Communication*

Nova York, EUA.

(Revista de design internacional)

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org)

*Índios no Brasil*

Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1992

Exposição: Índios no Brasil: Alteridade, Diversidade e Diálogo Cultural

(Alguns textos sobre diversos temas indígenas à época)

*IDEA - Internation Graphic Art*

Japão

(Revista de design internacional)

LABHAB GFAU

*Publicação* do Laboratório de Habitação do Grêmio dos Alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Setembro de 2002

(Momento de reestruturação do laboratório, publicação que descrevia os projetos realizados àquele momento)

LADEIRA, Maria Inês.

*O caminhar sob a luz: o território Mbyá a beira do oceano.*

São Paulo: PUC, 1992. Dissertação de Mestrado.

LADEIRA, Maria Inês.

*Espaço geográficos Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso.*

São Paulo: FFLCH-USP, 2000. Tese de Doutorado.

LADEIRA, Maria Inês; AZANHA, Gilberto.

*Os índios da Serra do Mar. A presença Mbyá-Guarani em São Paulo.*

São Paulo: CTI, 1987.

LADEIRA, Maria Inês e MATTA, Priscila (org)

*Terras Guarani no Litoral : as matas que foram reveladas aos nossos*

*antigos avós = Ka'agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue y*

São Paulo: CTI - Centro de Trabalho Indigenista, 2004

(Desde o início os trabalhos de Maria Inês Ladeira foram importante referência para o nosso percurso. Conhece muito bem os Guarani há décadas e é por eles muito respeitada, tendo participado com elevada importância em demarcações de terra Guarani do Estado de São Paulo e Paraná. Sempre que convidada, foi solícita em conversar e proferir importantes aulas)

LOPES DA SILVA, Aracy

*Índios*

Série Ponto por Ponto

São Paulo: Editora Ática, 1988

*(Explica com uma linguagem simples e de forma didática a situação dos índios no Brasil e alguns conceitos como cultura, etnocentrismo e antropologia)*

LOPES DA SILVA, Aracy, MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva e NUNES, Angela (org)

*Crianças Indígenas : Ensaios Antropológicos*

São Paulo: Global, 2001

*(Contém um ensaio de Mariana Kawall Leal Ferreira intitulado “Divina Abundância: fome, miséria e a Terra-Sem-Mal das crianças Guarani”, triste descrição sobre situação de uma aldeia Guarani no litoral de São Paulo)*

MARTINELLI, Pedro.

*Amazônia, o povo das águas.*

Terra Virgem, 2000.

*(Livro de referência fotográfica)*

MASCARO, Cristiano.

*Luzes da Cidade.*

São Paulo: DBA, 1996.

*(Cristiano Mascaro une a visão do arquiteto de formação com a arte da fotografia)*

MELIÀ, Bartomeu.

*O Guarani: uma bibliografia etnológica.*

Santo Angelo: FUNDAMES, 1987.

*(Grande estudioso dos povos Guarani, Melià tem uma bibliografia de tudo que foi produzido sobre os Guarani até recentemente).*

MELO, Francisco Homem de (org)

*Design Gráfico caso a caso: como o designer faz design*

São Paulo: ADG, 2000

*(Nesta publicação, 31 casos – identidade corporativa, publicações institucionais, design editorial, embalagem, material promocional, design ambiental, mídia eletrônica - de escritórios ligados a ADG, são expostos para mostrar como é (e a importância) o trabalho do designer gráfico)*

MING, Frederico.

*A questão indígena e a Urbanização - Centro Cultural Aldeia do Jaraguá. Trabalho de inserção urbana da aldeia Guarani situada na Grande São Paulo.*

São Paulo: FAU USP, 2000.

*(Fred foi um dos precursores do projeto e quem levou os estudantes do labhab pela primeira vez à aldeia. Em seu TFG, orientado pelo professor Carlos Zibel, conta o início dessa experiência.)*

MIRAN - Oswaldo Miranda

*Revista Gráfica*

Curitiba, PR

*(Importante referência no design brasileiro)*

*NOVUM, international issue. World of Graphic Design.*  
Reino Unido.  
(Revista de design)

NDG - GFAU  
*Design Gráfico : Visões de Profissionais Brasileiros*  
São Paulo: FAU USP, 1994  
(Palestras proferidas em 1991 por profissionais da área, organizado pelo NDG  
– Núcleo de Design Gráfico dos alunos da FAU USP com a visão de cada por diversos  
temas ligados ao design)

OIM-IPORÃ-MA ORE-REKÓ  
*Relatório ao FCEX I*  
Vários autores

OIM-IPORÃ-MA ORE-REKÓ  
*Relatório ao FCEX II*  
Vários autores  
(Os dois relatórios do Oim-ipurã-ma Ore-rekó, apresentados respectivamente em  
2003 e 2004 descrevem muito das atividades realizadas durante a vigência dos  
respectivos projetos contemplados pelo Fundo de Cultura e Extensão da USP, além da  
reflexão e ponto de vista dos participantes)

OMAR, Arthur  
*Antropologia da face gloriosa*  
São Paulo: Cosac & Naify, 1987  
(ensaio com fotos interessantes)

ROSA, Guimarães  
*Primeiras estórias*  
(Os livros de Guimarães Rosa são de inspiradoras leituras)

*PHOTO*  
França  
(Importante revista fotográfica internacional)

SALGADO, Sebastião  
*Êxodos : A Humanidade em transição, 1993 - 1999*  
São Paulo: Cia. das letras, 2000

SALGADO, Sebastião  
*Outras Américas*  
São Paulo: Cia. das Letras, 1986  
(Alguns dos livros que trazem o grande trabalho de Sebastião Salgado, fazendo com  
que a fotografia possibilite espaços para debates e reflexões)

SANTOS, Teca Cunha (fotos); MELO, Thiago e WINEFRIED, Inês (poema)  
*O espírito da luz*  
São Paulo: Sver & Boccato, 1990  
(Fernanda Torres e Marcia Arka)  
(Interessante ensaio fotográfico, livro existente na biblioteca da ECA)

SONTAG, Susan

*Ensaio sobre Fotografia*

[Arte e Sociedade]

Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1986.

*(sobre o ato de fotografar e a importância da fotografia na sociedade moderna, com muitas citações e referências)*

VAN Gogh

*Cartas a Théo*

Título original: Lettres de Vicent Van Gogh a son frère Théo

Tradução de Pierre Ruprecht

L&PM Editores: São Paulo,

*(Mostra sua experiência, os estudos e as dificuldades no caminho que escolheu em sua vida)*

VERGER, Pierre Fatumbi, 1902-1996

*Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*

Título original: Notes sur le Culte...

Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura

São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999

VERGER, Pierre

*50 Anos de fotografia*

Salvador: Pierre Verger e Editora Corrupio, 1982

*(Pierre Verger dedicou boa parte de sua vida à fotografia, e mais que isso, a incríveis viagens, sendo a mais importante e conhecida a ponte cultural entre África e Brasil)*

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté.

*Os deuses Canibais.*

Rio de Janeiro: Jorge Zahar / ANPOCS, 1986.

*(Viveiros de Castro nos conta o período que viveu com os Araweté e discorre com linguagem muito agradável temas ligados aos povos Tupi)*

ZIBEL COSTA, Carlos Roberto

*Habitação Guarani - Tradição Construtiva e Mitologia*

Tese de Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Picarelli

São Paulo, FAU USP, 1989

ZIBEL COSTA, Carlos Roberto

O Desenho cultural da arquitetura Guarani

Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU USP

São Paulo, nº. 4, páginas 113 - 130. Dezembro 1993

ZIBEL COSTA, Carlos Roberto

*Projeto de Arquitetura e seleção de tecnologia adequada a uma construção na aldeia Guarani do Jaraguá, em São Paulo*

Relatório Científico - Fapesp Processo 91/3052-0

São Paulo: FAUUSP, 1993

*(Conhecedor da arquitetura e cultura Guarani, Zibel foi um dos primeiros a levar a Faculdade às aldeias de São Paulo, mostrando isso inicialmente em sua tese de doutorado, orientado pela professora Marlene Picarelli. Foi também orientador do grupo em importantes momentos. A Tese de Doutorado é bem completa, trata da civilização tupi-guarani, da cultura da nação Guarani, fala de cosmologia, o simbolismo na arquitetura, etc. E o artigo na revista da Pós é um bom resumo. Linguagem muito acessível para quem não tem conhecimentos antropológicos)*



## CRÉDITOS

Não foi uma preocupação do grupo Oim-iporã-ma Ore-rekó individualizar materiais produzidos, isto é, na organização do material para esse livro, inúmeras vezes me deparei com croquis, desenhos, fotografias e até mesmo alguns textos que tem como autor o próprio Oim-iporã-ma. Por isso, peço desculpas caso tenha omitido ou trocado o nome de alguém, esta com certeza não foi minha intenção.

As fotografias apresentadas nesta publicação são de minha autoria, exceto:  
A do Pico do Jaraguá, *página 13*, do Fred;  
Do debate da FAU, *página 22*, da Carol;  
Sombra na parede da *opy*, *página 26*, do Chico;  
A “visão de passarinho” da Escola e do maquetomóvel, *páginas 32 e 33 respectivamente*, também do Chico;  
Primeira e terceira fotos na *seqüência da página 36*, Chico;  
Todas da seqüência da *página 42*, do Chico;  
Casa de Barcos e Casa de Cultura em Aguapeú, *páginas 52 e 57*, Alda;  
Casa feita pela CDHU, *página 67*, Daniel;  
A antiga casa da aldeia, *página 69*, arquivo da família da dona Jandira;  
Evento de Educação, *página 81*, Daniel

As quatro peças de artesanato Guarani, *apresentadas na página 107*, foram feitas por diferentes famílias dos Tekoá Ytu e Pyaü.

Croqui do banheiro para o Tekoá Pyaü, *página 61*, feito pelo Thiago Natal, dentro de atividade em uma disciplina optativa da FAU.

Os desenhos do Projeto Executivo da Escola foram feitos pela equipe coordenada pelo Fred, contando comigo e Beto Montenegro, Chico, Leticia, Pablo Iglesias e William, estudantes e arquitetos recém formandos na FAU USP.

A fotografia de satélite, *página 9*, foi obtida no site da embrapa (<http://www.embrapa.br>).

O mapa do Estado de São Paulo, nas *páginas 8 e 60*, foi retirado do *Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo*, publicado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente em 2000, organizado por vários autores.

Os desenhos da *página 41*, feitos pelos atuais e futuros estudantes da Escola Djekupé Ambá Arandu, estão assinados pelos respectivos autores

### Citações

Van Gogh, retirada do livro *Cartas a Théo*, página 8.

Ecléa Bosi, retirada do livro *O tempo vivo da memória : ensaios de psicologia social*, páginas 66-67.

Tupã Mirim, trecho de depoimento dado a Daniela Morita Nobre Sérgio Ferro, da publicação *Conversa com Sérgio Ferro*, página 3  
Chico Barros de seu *TFG* apresentado em 2004

Ítalo Calvino, de *Le Città Invisibili*, páginas 83 e 26-27 respectivamente  
Lewis, do livro de Susan Sontag, página 161.

## CONTATO

Associação Indígena República Guarani Amba Vera  
Rua Comendador José de Matos, 458 - Jaraguá, São Paulo - SP  
05177-100  
Tel.: 3902-0624

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Rua do Lago, 876  
Cidade Universitária, São Paulo - SP  
Tel.: 3091-4541  
<http://www.usp.br/fau>

Fernando Stankuns de Paula Figueiredo  
[www.fernando.arq.br](http://www.fernando.arq.br)  
[fspfigueiredo@hotmail.com](mailto:fspfigueiredo@hotmail.com)

Oim-iporã-ma Ore-rekó  
[br.geocities.com/aldeiajaragua](http://br.geocities.com/aldeiajaragua)  
[oimiporama@gmail.com](mailto:oimiporama@gmail.com)

## TÉCNICA

### Ficha técnica da publicação

*Formato fechado:* 26 x 18 cm  
*Formato aberto:* 52 x 18 cm  
*Número de páginas:* 141  
*Imagens:* 75  
*Impressão:* 4 cores, laser  
*Acabamento:* refile e colagem  
*Tiragem:* 6 exemplares

*Tipologia:* *Helvetica Medium Condensed* corpo 11 para o texto, *Helvetica Medium Condensed* 8 para as notas de rodapé, *Helvetica Light* 10 para as legendas, **Impact** 18 para os títulos, **Impact** 14 para os subtítulos.

*Plataforma:* IBM PC  
*Programas:* *Adobe InDesign* para a editoração e *Adobe Photoshop* para o tratamento das imagens

*Textos, projeto editorial, fotografias e projeto gráfico:*

Fernando Stankuns de Paula Figueiredo

São Paulo, fevereiro de 2005